

VINICIUS CARLOS DA SILVA

**Domingos Olímpio e *Os Anais*: trajetória intelectual de um homem
de imprensa no início do século XX (1904-1906)**

ASSIS

2022

VINICIUS CARLOS DA SILVA

**Domingos Olímpio e *Os Anais*: trajetória intelectual de um homem
de imprensa no início do século XX (1904-1906)**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a
obtenção do título de mestre em História.
(Área de Conhecimento: História e
Sociedade).

Orientador: Dr.º Ricardo Gião Bortolotti

**ASSIS
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Luiza Carpi Semeghini - CRB 8/8301

S586d Silva, Vinicius Carlos da
Domingos Olímpio e Os Anais: trajetória intelectual de um homem de imprensa no início do século XX (1904-1906) / Vinicius Carlos da Silva. Assis, 2022.
158 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Ricardo Gião Bortolotti

1. Olympio, Domingos 1850-1906. 2. Imprensa - Brasil - Séc. XX. 3. Cerqueira, Dionísio 1847-1910. 4. Os Anais. I. Título.

CDD 079.81

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Domingos Olímpio e Os Anais: trajetória intelectual de um homem de imprensa no início do século XX (1904-1906)

AUTOR: VINICIUS CARLOS DA SILVA

ORIENTADOR: RICARDO GIÃO BORTOLOTTI

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. MARIA LETÍCIA CORRÊA (Participação Virtual)
Faculdade de Formação de professores / UERJ/Rio de Janeiro

Prof. Dr. AUREO BUSETTO (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/FCL-Assis

Assis, 19 de janeiro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Ricardo Gião Bortolotti (Unesp Assis)

1º Examinador: _____

Maria Letícia Côrrea (UERJ)

2º Examinador: _____

Áureo Busetto (Unesp Assis)

1º Suplente: _____

Ana Luiza Martins (CONDEPHAAT)

2º Suplente: _____

Ivan Esperança Rocha (Unesp Assis)

Assis, 19 de janeiro de 2022.

Dedico este trabalho à minha mãe,
Márcia Elaine Carlos por todo o apoio.
Às memórias de minha avó, Maria App. Marinho Carlos,
da minha outra avó, Sueli (Nininha)
de minha tia Maria Helena Carlos,
e de meu pai, Valdecir da Silva, que o tempo me fez compreender.

AGRADECIMENTOS

Ao final desse trabalho, muito poderia ser descrito, em tom de desabafo; desse muito, pouco mereceria ser lido por qualquer um que não tenha vivenciado as experiências boas e ruins pelas quais passei para que estas palavras estivessem aqui escritas.

De maneira não saudosista, optei por revisitar os meus agradecimentos outrora escritos num hoje longínquo 2012, no auge dos meus 23 anos, momento em que eu sonhara, ávido pelo mestrado e pelo início da minha vida acadêmica. Meu projeto profissional/pessoal consistia em ter já concluído o doutorado antes mesmo de ter completado meus 30 anos. Hoje, aos 32 anos, entrego minha dissertação de mestrado, sem a necessidade de comentar em demasia o quanto se distanciou do meu plano inicial.

Das poucas lembranças que tenho de meu pai, e da minha infância no geral, uma delas sempre me vem à cabeça: as lutas de boxe. Nenhum de nós tinha sequer a mínima ideia de quais eram as regras deste esporte tão violento, apenas sabíamos que haveria um vencedor ao final. Meu pai nunca atacava, apenas levantava a guarda e esperava que aquela criança fraca e magricela lhe desferisse um punhado de golpes frenéticos, sem dó nem piedade, o que, na prática, não significava muito. Os golpes continuavam, até minha exaustão, um minuto talvez. E eu, ofegante, buscava inspirar a maior quantidade de ar possível em meus pulmões; havia *rounds* a serem vencidos. O movimento de pernas? Não havia. Uso do tempo? Também não. *Jabs*, *hooks*, cruzados, diretos não faziam parte do meu vocabulário de aluno do pré-primário. Havia alguma estratégia? Não! Resultado: jamais o venci, mas ele nunca ganhou.

Quase duas décadas depois, um grande amigo me indicou a leitura do livro *Nocaute*, de Jack London, uma obra composta de vários contos, que se utiliza do boxe como metáfora para a vida. Um desses em especial me foi recomendado: *Por um bife*. Naquelas páginas compreendi que muito daquele menino “pugilista” ainda estava presente num outro menino, recém-formado em 2012, e que, ao término da faculdade, sonhava com glórias muito maiores que as suas próprias pernas, maiores que seu fôlego, maiores que suas técnicas. Não bastava a vontade de vencer, faltava-me o conjunto, certa maturidade e a expertise para adentrar a um mundo que ainda

não me pertencia. Confesso que ainda hoje não conheço profundamente as técnicas do boxe, nem da Academia, e muito menos da vida. Mas, toda quinta-feira, às 18 horas sigo para minhas aulas de boxe (que só comecei aos 32 anos), tento estudar com frequência, aprendo sobre a vida todo dia. Aprendi a lutar, no sentido mais amplo deste verbo. A entrega desse trabalho é apenas mais um *round*.

Agradeço a todos que me ajudaram nessa trajetória, em especial ao meu orientador Drº Ricardo Gião Bortolotti, por ter aceitado me orientar, bem como por ter sido muito prestativo e humano em vários momentos. À minha mãe, Márcia Elaine Carlos pelo apoio em todos os momentos da minha vida. E, logicamente, aos meus amigos Adolfo Angelotti, Alano Alexandre Umbelino de Barros, Daniel Dozinete Cook, David Rodrigues Pancieri, Diego dos Reis Terlone de Oliveira, Gustavo Garcia Toniato, Maurício Marcião, José Paulo Rodrigues Correa, Mateus Caramouri, Munir Abbud Pompeo Camargo, Rafael Eleias de Souza, Régis Radael Berretta, Renan Falcheti Peixoto, Rubens Arantes Correa e Vânia Paula Baía.

RESUMO

O início do século XX, no Brasil, foi um período decisivo para a imprensa nacional. Além de ter sido um momento de acaloradas discussões intelectuais e políticas, foi também de suma importância para a consolidação da imprensa nacional. Jornais, revistas e afins se tornaram importantes espaços de exposição de ideias, disputados com afinco pela *intelligentsia* nacional. O presente trabalho abordará um destes periódicos, *Os Anais - Semanário de literatura, arte, ciência e indústria* que circulou semanalmente na cidade do Rio de Janeiro de 08 de outubro de 1904 a 11 de outubro de 1906. Seu idealizador, Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, propunha, na edição de abertura, criar um espaço aberto a autores que se sentissem excluídos pela grande imprensa da época, no entanto, na realidade, foram outros os motivos e os interesses que permearam a criação do hebdomadário. Ao todo foram 102 exemplares, que continham escritos tanto de autores renomados como de nomes pouco conhecidos do grande público, em artigos que abarcaram os mais variados assuntos. Dessa forma, pretende-se analisar o periódico em si, com enfoque especial para a realização de sua proposta inicial, que, na verdade, não pode ser desvinculada da trajetória de seu idealizador e de seu núcleo de pessoas próximas, em especial de seu cunhado, Dionísio Cerqueira, Ministro das Relações Exteriores à época. Além disso, pretende-se aqui compreender suas especificidades enquanto periódico e seu papel perante a imprensa da época.

Palavras-chave: Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. Os Anais. Imprensa no século XX. Rio de Janeiro. Dionísio Cerqueira.

ABSTRACT

The beginning of the 20th century in Brazil was a decisive period for the national press. In addition to being a moment of heated intellectual and political discussions, it was also of paramount importance for the consolidation of the national press. Newspapers, magazines and the like have become important spaces for the exhibition of ideas, disputed with zeal for the national *intelligentsia*. The present work will address one of these periodicals, Os Anais - Literature, art, science and industry weekly which circulated weekly in the city of Rio de Janeiro from October 8th, 1904 to October 11th, 1906. Its creator, Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, It proposed, in the opening edition, to create a space open to authors who felt excluded by the mainstream press at the time, however, in reality, there were other reasons and interests that permeated the creation of the weekly. In all, there were 102 copies, which contained writings by both renowned authors and names little known to the general public, in articles covering a wide range of subjects. Thus, it is intended to analyze the journal itself, with a special focus on carrying out its initial proposal, which, in fact, cannot be separated from the trajectory of its creator and its core of close people, especially its brother-in-law, Dionísio Cerqueira, Minister of Foreign Affairs at the time. Furthermore, it is intended here to understand its specificities as a periodical and its role in the press at the time.

Keywords: Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. Os Anais. Press in the 20th century. Rio de Janeiro. Dionísio Cerqueira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CAPÍTULO I: OS ANAIS NO CONTEXTO DA IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO NO COMEÇO DO SÉCULO XX.....	14
2.1 Domingos Olímpio: esboço biográfico.....	17
2.2 Domingos Olímpio: produção literária	23
2.3 <i>Os Anais</i> : Páginas Esquecidas de um tempo em movimento	26
2.4 <i>Os Anais</i> : Seções e colaboradores	30
3 CAPÍTULO II: DOMINGOS OLÍMPIO EM EVIDÊNCIA: TRAJETÓRIA POLÍTICA E IMPRENSA REGIONAL.....	47
3.1 Mudança de ares: Domingos Olímpio no Grão-Pará.....	48
3.2 Domingos Olímpio e a imprensa grão-paraense: rugas e afagos.....	51
3.3 Um banquete político.....	74
4 CAPÍTULO III: DOMINGOS OLÍMPIO E OS ANAIS: POLÊMICAS E IMPRENSA	82
4.1 Um esboço de modernidade? A imprensa carioca no início do século XX.....	82
4.2 Domingos Olímpio e Dionísio Cerqueira: diplomacia e imprensa.....	93
4.3 <i>Os Anais</i> e a “polêmica” de Silvio Romero com Manoel Bomfim.....	105
4.4 Domingos Olímpio e a mais polêmica eleição da Academia Brasileira de Letras.....	114
5. CONCLUSÃO.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
Jornais e revistas.....	132
Almanaques	132
OBRAS.....	133
ANEXOS	137
Anexo I –Tabela com os autores mais frequentes em <i>Os Anais</i>	138
Anexo II – Tabela de temas de <i>Os Anais</i>	139
Anexo III – Reprodução da edição digital do número de abertura de <i>Os Anais</i>	140
Anexo IV – Reprodução da edição física do número de abertura de <i>Os Anais</i> (capa frente).....	141

Anexo V – Reprodução da edição física do número de abertura de <i>Os Anais</i> (capa-verso).....	142
Anexo VI – Reprodução da edição física do número de abertura de <i>Os Anais</i> (contracapa frente).....	143
Anexo VII – Reprodução da edição física do número de abertura de <i>Os Anais</i> (contracapa verso).....	144
Anexo VIII - Imagem de Dionísio Cerqueira em acampamento na Foz do Quarahim.....	145
Anexo IX – Representação das Ruínas da Igreja de São Miguel.....	146
Anexo X – Fotos da construção do marco da Foz do Quaraim.....	147
Anexo XI – Salto do Moconan, Rio Uruguai.....	148
Anexo XII – Finalização do marco principal que delimitava a região da Foz do Peperi-Guaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.....	149
Anexo XIII – Inauguração do marco principal que delimitava a região da Foz do Peperi-Guaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.....	150
Anexo XIV – Foto do marco brasileiro na Foz do Rio Iguaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.....	151
Anexo XV – Foto do acampamento da Comissão Brasileira em São Marcos.....	152
Anexo XVI – Charge satírica retratando a vitória de Mário de Alencar sobre Domingos Olímpio na disputa pela vaga na Academia Brasileira de Letras.....	153
Anexo XVII – Autobiografia de Domingos Olímpio.....	154
Anexo XVIII – Carta de Domingos Olympio endereçada a Álvaro Ottoni, Diretor do Jornal sobralense “ <i>A Cidade</i> ”.....	157

1 INTRODUÇÃO

O limiar do século XIX para o XX foi, ao mesmo tempo, conturbado e importante para o Brasil. Marcado por acaloradas discussões intelectuais e políticas, esse período pode ser considerado um momento decisivo para a imprensa nacional, momento em que esta se torna um espaço respeitado e disputado pela *intelligentsia* nacional por diversos motivos, em especial, para a visibilidade de seus escritos e suas ideias. Neste ínterim, surgiram diversos periódicos, para diferentes gostos e públicos, dentre eles *Os Anais*¹ – *Semanário de literatura, arte, ciência e indústria*, que circulou semanalmente na cidade do Rio de Janeiro, de 8 de outubro de 1904 a 11 de outubro de 1906. O trabalho aqui apresentado busca analisar este periódico, ainda inédito, em relação às próprias premissas do mesmo e como este se situou em seu período histórico.

Criado e dirigido pelo advogado, político e escritor sobralense Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, *Os Anais* se colocava como um espaço à disposição de autores nacionais e internacionais que porventura se sentissem excluídos pela imprensa da época e seus apadrinhamentos intelectuais. Foram, ao todo, 102 exemplares, quase todos dirigidos por seu criador, salvo nos casos de afastamento deste por motivos pessoais referentes à sua saúde, o teor das publicações eram os escritos, tanto de autores renomados da época como de nomes pouco conhecidos do grande público, em artigos que abarcaram, em especial, assuntos como política, ciência, literatura, notícias diversas, assuntos e diversões intelectuais, dentre tantos outros.

Os Anais tornou-se o lugar no qual Olímpio deu visibilidade para suas publicações, tanto políticas, presentes em todas as 102 edições, literalmente, quanto literárias; Olímpio publicou em *Os Anais* as obras *O Almirante* (94 partes) e *O Uirapuru* (6 partes), interrompida devido ao falecimento do autor. No entanto seu trabalho de maior reconhecimento ocorreu anteriormente com a publicação de seu único romance transformado em livro, *Luzia-Homem*, de 1903, que foi bem recebido

¹ Os exemplares físicos de *Os Anais* são extremamente raros de se encontrar na atualidade. Algumas edições fazem parte do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e atualmente encontram-se indisponíveis ao público devido ao seu estado de conservação. Possuímos em mãos a coleção completa do periódico, inclusive com partes a mais, como as páginas de abertura e fechamento, material riquíssimo que vem sendo digitalizado pela Biblioteca Nacional por meio da Hemeroteca Digital.

por seus pares e acabou lhe valendo um lugar na Academia Brasileira de Letras. Por meio dos estudos realizados aqui, descobriu-se que Olímpio foi cogitado para adentrar à Academia Brasileira de Letras algumas vezes. Porém, a mais notória candidatura do autor à ABL foi justamente a mais polêmica: a disputa com Mário de Alencar, apadrinhado de Machado de Assis, querela esta que repercutiu fortemente na imprensa do período.

Almeja-se compreender o lugar deste periódico e o grau de impacto de suas opiniões e publicações na imprensa dos primeiros anos do século XX, época de importantes mudanças na imprensa nacional. Para tanto, levar-se-á em conta aqui os métodos de trabalho mais recentes no que tange à pesquisa relativa à imprensa, partindo da análise do veículo-suporte; neste caso, nosso próprio objeto de estudos. Pensar questões como a dimensão, a materialidade do papel impresso, técnicas de impressão, suas características estéticas e opções temáticas, presença ou não de ilustrações, a presença ou não de anúncios, demais fontes de receita, o papel de seus colaboradores no impresso e na imprensa, dentre outras, faz-se necessária uma vez que nossa intenção é lançar um olhar diacrônico com enfoque em *Os Anais*, tendo-se em conta a inter-relação entre métodos disponíveis e lugar social no qual o periódico estudado se insere.² Não obstante, se fez necessário traçar e compreender a trajetória de Domingos Olímpio e as redes de sociabilidade que este construiu ao longo de décadas, sem as quais não seria possível entender o significado de *Os Anais* para a biografia de Olímpio.

A divisão dos capítulos ficou disposta da seguinte maneira: o capítulo I buscará situar *Os Anais* no contexto da imprensa que lhe era contemporânea, ou seja, no início do século XX, buscando também compreender suas especificidades (materialidade, seções, colaboradores etc.), além de traçar a base da biografia de Domingos Olímpio. Já no capítulo II será analisada a trajetória pessoal de Domingos Olímpio em um momento pouco trabalhado de sua biografia: os anos em que este morou na província do Grão-Pará, momento fundamental para a compreensão de sua trajetória de vida e seu deslocamento posterior para o Rio de Janeiro. Por fim, no capítulo III, serão abordadas as principais polêmicas que envolveram tanto *Os Anais* quanto Domingos Olímpio, com destaque para as discussões acerca da derrota

² LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla (org.) **Fontes históricas**. SP: Contexto, 2005, p. 11-153.

do escritor de *Luzia-Homem* para Mário de Alencar na disputa por uma vaga na Academia Brasileira de Letras.

2 CAPÍTULO I: OS ANAIS NO CONTEXTO DA IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO NO COMEÇO DO SÉCULO XX

A transição do final do século XIX para o início do século XX brasileiro foi um momento de profundas transformações no cenário nacional. Os primeiros anos da República foram importantes para a transição política e cultural do Brasil. Ainda existiam resquícios de nosso passado Monárquico e, ao mesmo tempo, era perceptível que ocorriam mudanças, em especial nos âmbitos cultural e social. O processo de modernização englobava as principais cidades brasileiras, urbanizando-as e trazendo consigo o progresso, esse baluarte do Republicanismo. Entretanto, as agitações sociais e políticas do conturbado século XIX, principalmente nas suas últimas décadas, faziam-se ainda sentir no século posterior.

Os diversos acontecimentos, que ao longo do século XIX minaram aos poucos as bases que sustentavam a Monarquia, não garantiram a eliminação total deste grupo, bem como não criou uma unidade em torno dos ideais republicanos. Para agravar esta situação, outras correntes políticas começam a surgir no Brasil devido às grandes levas de imigrantes que adentraram o país. As ideias anarquistas, socialistas e comunistas iniciavam sua ainda tímida, mas problemática, participação nas discussões nacionais, a favor ou contra.

Socialmente, apesar de algumas mudanças, o campo do saber se mantinha como um território de poucos, em especial de homens, e, obviamente, dominado pelas elites nacionais. Coexistiam diversos tipos de intelectuais que se digladiavam intelectualmente a fim de sobrepor seus projetos para o futuro do Brasil nação, agora republicano.³ No *fin de siècle*, os republicanos dominavam a cena intelectual e política nacional e passaram a buscar outros meios para expor suas ideias, angariando adeptos e inimigos. A partir de então, as ideias republicanas adquiriram um status de progresso e modernidade, tomando a responsabilidade pelo progresso da nação brasileira.

³ SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil**. Companhia das Letras, 1995.

Surgiram diversos tipos de impressos que se tornaram espaços disputados por uma gama cada vez maior de intelectuais ou aspirantes a intelectuais, das mais diferentes vertentes que, ao se manifestarem, almejavam seu lugar ao sol no rol da *intelligentsia* brasileira. A imprensa seriada assume para o historiador o importante papel de termômetro histórico, uma vez que, por meio dela, pode-se acompanhar toda a agitação na sociedade brasileira de uma época turbulenta, com destaque para a imprensa carioca.

No Rio de Janeiro, capital política e cultural da nascente República, intensificou-se, no início de século XX, o surgimento de acaloradas discussões intelectuais que abarcavam uma variedade maior de assuntos. Se outrora os temas recorrentes na imprensa se concentravam nas discussões políticas polarizadas pró e contra a abolição, Monarquia *versus* República, a partir de então, a imprensa passou a se abrir cada vez mais a uma variedade de temas e tipos de impressos: periódicos, revistas, semanários, folhetins etc., para diferentes gostos e públicos.

Neste ínterim, no dia 8 de outubro de 1904 ganhou as ruas do Rio de Janeiro a primeira edição de *Os Anais - Semanário de literatura, arte, ciência e indústria*, periódico semanal criado e idealizado por um nome não muito conhecido do grande público, mas de certa repercussão no seu próprio período, Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, ou Domingos Olímpio como ficou conhecido. Esta publicação se insere em um momento histórico interessante da história da imprensa brasileira, como dito anteriormente; em suas páginas, impressas nos primeiros instantes do século XX, encontram-se traços em uma sociedade em transição, na qual ainda se ouvia os ecos de um passado próximo e o relampejar de um futuro promissor.

Nestes tempos, o Rio de Janeiro era, sem dúvida, a cidade mais importante do país. Agora republicano, assumiria outro papel, que, por vezes, chegou até a lhe ser um fardo: o de ser baluarte da “civilização” nacional. À frente deste empreendimento estavam as nossas elites, representadas pela fina flor do pensamento brasileiro. Era o tempo de Pereira Passos, que idealizou e colocou em prática diversas reformas urbanísticas que moldaram a urbanidade da cidade de forma nunca antes vista. Brusca, essa mudança não passou despercebida pelos

contemporâneos do político, causando transtornos, embaraços e conflitos, amenizados pela máxima barbárie versus civilização.⁴

O peso de ser, além de capital, o berço da nascente República brasileira e epicentro da civilização, colocava nossas elites no meio de um delicado, para não dizer conturbado, processo inicial de busca consolidação política, cultural e social. A contenda não era simples: o que estava em jogo aqui era a capacidade ou não da República em cumprir com o papel por ela prometido de elevar o Brasil à categoria de nação civilizada, por meio dos caracteres do “progresso”, tão almejado nas terras tupiniquins. Tal construção se deu graças aos combates travados no século anterior contra as mazelas da Monarquia dos Bragança, em especial nas páginas de diversos jornais e periódicos do XIX.

Pelo fato da força que a ideia de República adquiriu com o passar do tempo, ao longo de grande parte das décadas finais do XIX, até a sua consolidação, pode-se pensar na importância da imprensa enquanto instrumento de visibilidade para os intelectuais e suas ideias. Entretanto, há uma mudança significativa quanto aos temas abordados pela imprensa nos anos iniciais do século XX: as páginas dos diversos impressos que surgem começam a se abrir para os mais variados públicos, estilos e gostos, em um processo histórico denominado genericamente por muitos como pré-modernismo.

Para os homens de saber, o espaço concedido por esses meios se apresentava como uma opção à burocracia estatal, ainda que fosse uma atividade recente e, por vezes, precária.⁵ A *intelligentsia* nacional passou a se utilizar destes espaços a fim de manifestar seus diversos pontos de vista, para além dos institutos oficiais e das academias.

Contudo, esse processo não se desenvolveu de forma “pacífica”, sem turbulências ou atritos. Por muitas vezes, a qualidade do trabalho intelectual era soterrada pelas relações de compadrio, sendo necessário aos indivíduos possuir “outros atributos” àqueles que se almejavam intelectuais no Brasil do período. Assim, aqueles que pretendiam ser intelectuais deveriam buscar a sua inserção em espaços onde ocorressem disputas intelectuais. Surgiram, então, as importantes figuras dos padrinhos intelectuais que eram responsáveis por abrir as portas para

⁴ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Campinas: UNICAMP, 2001

⁵ DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos**: análise da Revista *Kosmos* 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983, p.03.

seus apadrinhados e/ou pupilos. Essa estrutura social era tão poderosa que grandes nomes de nossa literatura participaram de alguma forma desse jogo de poder. Nem mesmo Machado de Assis escapou deste esquema, tendo sido padrinho intelectual de Mário de Alencar devido à sua amizade de longa data com o pai deste, José de Alencar. Este caso será trabalhado mais à frente, pois imiscui-se na trajetória intelectual de Domingos Olímpio, chegando a aparecer nas páginas de *Os Anais*.

Neste ínterim, surgiram diversos periódicos que, a grosso modo, podem ser divididos em dois tipos: os de grande porte, que adotaram um sistema empresarial de sua atividade como o *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, para citarmos apenas alguns; no segundo grupo, aqueles que, por diversos motivos, escaparam dessa ótica empresarial. Estes últimos se caracterizaram geralmente pela baixa qualidade técnica e, em especial, pela curta duração, que ia de alguns anos até alguns poucos exemplares. *Os Anais* foi contemporâneo de ambos os tipos de publicações, ombreando a imprensa de caráter literário ou cultural de curta permanência como *Floreal* e *Rosa-Cruz* na imprensa carioca, e *A Imprensa Acadêmica* e *A Arcádia Acadêmica* no periodismo de São Paulo.⁶ Esses impressos serviam também como vitrines, locais onde seus colaboradores podiam tecer pareceres próprios, sobre os mais diversos assuntos. Desta maneira, eram mais personalistas, feitos por agentes com fortes aspirações intelectuais, e amigos próximos que, por diversos motivos, não possuíam ou acreditavam não possuir seu devido espaço na grande imprensa da época.

2.1 Domingos Olímpio: esboço biográfico

Pode-se dizer que alguns dados sobre Domingos Olímpio, são bastante escassos. O que se sabe sobre sua vida e sua trajetória profissional advém, geralmente, de pequenos fragmentos de estudos sobre seu livro mais conhecido, *Luzia-Homem*, que buscam contextualizar a obra e apresentar seu autor. Existem apenas duas bibliografias que tentaram, por sua vez, lançar alguma luz sobre esta personagem, com destaque para a existência de escritos não publicados até os dias atuais e um diminuto ensaio autobiográfico do próprio Olímpio. Ambas esbarraram na lacuna de informações referentes ao autor de *Luzia-Homem*. Nem um contato

⁶ LUCA, Tania Regina de. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p.58.

próximo com a família de Olímpio⁷ ou mesmo um trabalho de viés mais acadêmico⁸ puderam sanar tal vazio biográfico. Em especial por se focarem apenas na análise da produção regional que abarcou Domingos, assim, as duas obras acabaram circunscritas a um pequeno público. O papel de Olímpio na própria imprensa nordestina do século XIX e carioca do início do século XX, por exemplo, ficou em segundo plano.

O que se sabe realmente é que Domingos Olímpio nasceu em Sobral, filho de Antônio Raimundo de Holanda Cavalcanti,⁹ delegado de polícia, e Rita de Cássia Pinto Braga, que adotou o nome Rita de Cássia Cavalcanti após o casamento. Os biográficos divergem quanto ao ano real de seu nascimento, entre os anos de 1850, 1851; entretanto, coadunam que teria sido no dia dezoito de setembro. Curiosamente, mesmo entre seus contemporâneos, existia um desconhecimento geral sobre a história pessoal de Domingos Olímpio. Quando vem a público a notícia de seu falecimento, a redação de *Os Anais* recebe diversas manifestações de luto de distintos homens de saber que prestam a última homenagem ao pai de *Luzia-Homem*. Nas cartas publicadas integralmente, é visível a inexistência de um consenso sobre a real idade de Olímpio quando este veio a falecer.

Sua infância foi vivida em Sobral, onde recebeu seus primeiros estudos, com destaque para o ensino de português com um professor luso, Joaquim Frederico Niaque da Costa Rubim, morto na Guerra do Paraguai; latim com Padre Antônio da Silva Fialho e francês com José Júlio de Albuquerque Barros, futuro Barão de Sobral. Posteriormente, Olímpio transferiu-se para Fortaleza e, entre os anos de 1860 e 1865, realizou seus estudos preparatórios no Ateneu Cearense, local que lhe propiciou o primeiro contato com o jornalismo, atuando como um dos redatores do jornal do colégio. Essa singela atuação seria elogiada por João Brígido, nome que posteriormente será corriqueiro nas páginas de *Os Anais*. Aqui também estudou com Tomás Pompeu Filho e Capistrano de Abreu, aquele que, posteriormente, tornou-se uma importante figura na jurisprudência regional e este renomado historiador no âmbito nacional.

⁷ LIRA, Padre João Mendes. **A vida e a obra de Domingos Olímpio**. Ceará: s.n., 1997 e OLIVEIRA

⁸ JUNIOR, José Leite de. **Domingos Olímpio**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. Outro livro que traz uma pequena biografia sobre Olímpio é LIMA, Herman. **Domingos Olímpio: romance**. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1961.

⁹ Além da figura proeminente do pai, um dos irmãos de Domingos Olímpio, Filinto Alcino Braga Cavalcanti, também se destacaria profissionalmente ao se tornar Major do Exército, e naturalmente, também se envolveria em algumas querelas públicas, noticiadas na imprensa. **O País**. Rio de Janeiro: ano XX, nº 7042, terça-feira, 19 de janeiro, p.3; 1904.

Em 1866 mudou-se para Recife, a fim de terminar seu curso preparatório para adentrar na faculdade de Direito, e, entre 1868 a 1873, graduou-se nesta área. Tal mudança mostrou-se profícua, uma vez que foi naquelas terras que Olímpio conheceu Castro Alves e Tobias Barreto, com quem manteve contato ao longo dos anos. Nesse período chegou a elaborar alguns dramas interpretados pelos colegas de turma na própria faculdade.

Quando formado, voltou ao Ceará em 1873, onde foi nomeado promotor público, função que exerceu por cinco anos até a sua transferência para o estado do Pará. A partir de então, suas forças foram empregadas predominantemente em atividades advocatícias, sem, no entanto, abandonar completamente o jornalismo. Durante sua estadia em Recife, já homem feito, participou da *Sociedade Cultural União Sobralense*, criada em 1875, ao lado de Antônio Joaquim Rodrigues Júnior, seu ex-professor de francês, José Júlio de Albuquerque Barros (Barão de Sobral) e João Adolfo Ribeiro da Silva, organização que visava o melhoramento intelectual local e que encabeçou a fundação do Teatro São João, cuja inauguração só ocorreria no dia 26 de setembro de 1880.

A vida política cearense daquele momento era dividida, a grosso modo, entre conservadores e liberais, sendo este último grupo que acabou predominando nos anos em que Domingos atuou como promotor na região, cuja principal oligarquia, a dos Acciolis,¹⁰ divergia das ideias de Olímpio.¹¹ Tal incompatibilidade de ideais políticos era expressa na imprensa local, uma vez que parte da grande imprensa era comandada por esta oligarquia. Mesmo assim, nos poucos espaços que encontrava, Olímpio manifestava a sua insatisfação com os desmandos locais, ainda que compactuasse com os ideais republicanos, supostamente defendidos pela oligarquia dos Acciolis, visto que estes eram do Partido Republicano.

A influência da oligarquia dos Acciolis não conseguiu, contudo, cercear inteiramente a proliferação de diversas manifestações intelecto-culturais na região. Data desse período a criação em Fortaleza da agremiação de escritores, pintores e músicos conhecida como Padaria Espiritual, cuja primeira manifestação ocorreu no dia 30 de março de 1892. Seus membros se reuniam em uma praça local conhecida como Praça do Ferreira, que possuía quatro quiosques nos quais se encontravam

¹⁰ TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará**: queda da oligarquia Accioly (1914). Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

¹¹ GIRAÔ, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Ceará: UFC, 1984, p. 175-192.

diversos cafés e restaurantes. Nestes recintos, conversavam sobre assuntos literários, criticando a influência do clero, da burguesia e dos hábitos e tradições da região. Chegaram a publicar um jornal chamado *O Pão* que durou apenas 36 edições e não extrapolou o próprio ano de criação, 1896. Não menos importante para a cultura local, foi a criação da Academia Cearense de Letras, a ACL, a primeira agremiação deste tipo fundada no Brasil, inaugurada no dia quinze de agosto de 1894. A influência de Domingos Olímpio já era sentida aqui; em sua homenagem, a ACL declarou-o patrono de uma de suas cadeiras, a de número 8.¹²

Possivelmente considerando-se sem o espaço na vida pública (e na imprensa) e pressionado pela força política local, Domingos Olímpio mudou-se para o Pará. Com esta segunda mudança sua atividade em periódicos aumentou e, ao mesmo tempo, diversificou-se de maneira sensível. Atuou como colaborador, por vezes esporádico, e como redator na imprensa local, com destaque para a sua atuação na redação do *Diário do Grão Pará*, ao lado de José Veríssimo, e do periódico *Província* do mesmo estado.

Concomitantemente, nunca deixou de advogar, profissão que lhe possibilitou uma vida estável e situação econômica privilegiada, da qual se utilizou posteriormente para se lançar às letras com maior afinco. Neste momento suas atividades intelectuais se resumiam apenas à participação nos jornais locais e ao trabalho na sua vida privada, segundo seus biógrafos. É interessante notar que, ao contrário de muitos pensadores brasileiros, Olímpio exerceu ativamente a função de advogado; para alguns autores, parte de sua escrita mais técnica e menos erudita seria fruto desta influência. Por vezes chegou a participar ativamente da vida política dos locais onde residia, em especial da política paraense, onde se elegeu deputado na Assembleia Provincial local, em 1879, pelo Partido Conservador, apesar de se afirmar como abolicionista e republicano.

Sua mudança para o Rio de Janeiro ocorreu em 1890, local onde permaneceu até seus últimos dias e no qual alcançou o apogeu de sua participação, ainda que singela, na *intelligentsia* brasileira. Passou então a colaborar em jornais como *O País*, *O Comércio*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *Correio do Povo* e *Gazeta de Notícias*. Como costumava escrever diversas vezes sobre política, utilizava-se de pseudônimos para evitar

¹² Ibid., p. 227

polêmicas e perseguições que o atrapalhassem em sua ambição de se tornar renomado escritor. Seus artigos sobre política eram assinados por dois pseudônimos: Jaibara e Pojucan ambas palavras de origem indígena.¹³ Este último foi o mais utilizado por Olímpio e o único a aparecer nas páginas de *Os Anais*. Refere-se a uma das principais personagens do livro *Ubirajara*, lançado em 1874, escrito por José de Alencar, na primeira obra de sua tríade indianista. Ironicamente, anos depois, Domingos Olímpio perderia a disputa por uma cadeira vaga na Academia Brasileira de Letras para Mário de Alencar, filho de José de Alencar. O processo foi lembrado por Medeiros e Albuquerque em seu livro de memórias como o “primeiro escândalo acadêmico” da ABL,¹⁴ uma vez que ficou clara a influência de seu padrinho intelectual, ninguém menos que Machado de Assis, figura que exalava sua influência na ABL e amigo pessoal de José de Alencar. O caso repercutiu na imprensa da época e no próprio ato de posse de Mário de Alencar, que possuía certo tom de desculpas.

Manteve-se atuante na advocacia e neste momento sua vida política aliou-se com a jurisprudência. Atuou em ações referentes a questões fronteiriças nacionais e limites geográficos no estado do Amazonas e do Mato Grosso; advogou junto ao Ministério Público de várias províncias e ainda foi nomeado, no governo de Prudente de Moraes, como fiscal da Companhia de Loteria Federal,¹⁵ futuramente, importantes anunciantes de *Os Anais*.

O grande marco político/diplomático de Domingos Olímpio ocorreu entre os anos de 1892 e 1895, quando a convite do Barão de Rio Branco participou de uma equipe especial enviada a Washington para discutir as fronteiras da região dos Sete Povos das Missões. Trabalhando e vivendo nos EUA, acabou se aproximando do chefe desta missão diplomática, o Ministro das Relações Exteriores, General

¹³ A primeira se refere aos pedaços das árvores abatidas que, porventura, acabavam se enroscando nas folhagens das árvores ao redor que permaneciam em pé de onde surgiam novas plantas trepadeiras. Talvez o sentido de sua utilização por Olímpio fosse o da permanência de força. Hoje existem cidades com esse nome, e, nos estados de Goiás e Tocantins, Jaibara é a denominação de um tipo de vegetação que cresce a margens de rios. Atualmente é um distrito de Sobral, cidade natal de Olímpio.

¹⁴ ALBUQUERQUE, Medeiros e. **Quando eu era vivo...memórias**. Edição póstuma e definitiva. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, p. 242-3.

¹⁵ **Folha do Norte**: Belém do Pará: ano II, nº 370, terça-feira 05 de janeiro, p.2; 1897. Alguns anos mais tarde, circularia na imprensa carioca notícias acerca da atuação de Domingos Olímpio como fiscal das loterias federais no período. Cf. **O País**. Rio de Janeiro: ano XVI, nº 5604, sexta-feira, 09 de fevereiro, p.1; 1900. Como dito anteriormente, as loterias federais possuíam anúncios em *Os Anais*, informação constatada apenas por meio das edições completas.

Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, outro nome que se destacaria em *Os Anais*.

É sabido que a biografia de um personagem histórico deve ser analisada com cautela, sendo essa uma problemática para o historiador no que tange à biografia de uma personagem histórica e a sua importância para a análise histórica. É notório que existem na verdade tentativas de se reconstruir a vida de um determinado biografado, o que Bourdieu denominou de ilusão biográfica.¹⁶ Na mesma trilha, Dosse lembrou que

[...] o significado de uma vida nunca é unívoco, só pode declinar-se no plural, não apenas pelo fato de as mudanças que a travessia do tempo implica, mas também pela importância a conceder à recepção do biografado e de sua obra que é correlativa do momento considerado e do meio que deles se apropria. A isso cumpre ainda juntar que o biógrafo não pode pretender, mesmo ao preço de uma pesquisa tão exaustiva quanto possível, a nenhuma chave que viria a saturar o significado de seu relato de vida.¹⁷

Entretanto, isso não significa que seja inútil traçar a trajetória de um personagem, mas apenas que é necessário tomar cuidado com visões teleológicas. Para esta pesquisa, é fundamental estabelecer as filiações de Olímpio no campo intelectual do período. Assim, o panorama pessoal esboçado tem o intuito de inquirir sobre possíveis laços estabelecidos a partir de *Os Anais*, uma vez que o estudo do periódico pode se revelar um espaço de sociabilidades e vínculos que se cruzam na redação e nas páginas da publicação.

Igualmente importante é saber qual lugar *Os Anais* ocupava entre periódicos contemporâneos, bem como levar em conta a recepção de suas obras nos meios literários. Geralmente seu nome surge atrelado ao regionalismo, entre os nomes de Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Manuel de Oliveira Paiva, Lindolfo Rocha, Alcides Maya, Simões Lopes Neto ou ainda ligado à “*Academia Francesa*” do Ceará, com Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e Tomás Pompeu.¹⁸

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

¹⁷ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: USP, 2009, p. 375.

¹⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 200.

Ainda que sua participação seja diminuta no *rol* da história da literatura brasileira, Domingos Olímpio não é uma figura que possa ser facilmente descartada. Autor de um único livro, *Luzia-Homem*, em edição que ele próprio custeou, seu nome foi lembrado em várias coletâneas dedicadas a ilustres personagens brasileiros como na coleção *Nossos Clássicos*, volume 61, dirigida por Alceu Amoroso Lima, Roberto Alvim Corrêa e Jorge de Sena, ou na coleção *Obras imortais da nossa literatura*.

2.2 Domingos Olímpio: produção literária

Ainda que não tenha se tornado um dos nomes mais conhecidos do grande público, o legado de Domingo Olímpio repercutiu no campo da literatura, e *Luzia-Homem* tem seu lugar gravado na história das letras nacionais. O autor foi analisado *a posteriori* em diversos trabalhos, geralmente de maneira sucinta, justamente por possuir em seu currículo apenas esta obra publicada em livro. O destaque nestas análises fica a cargo do trabalho de Lúcia Miguel Pereira, no qual a mesma não o isentou de sofrer duras apreciações.

A crítica literária destaca a atuação de Olímpio como contista e jornalista, bem como fato de o diretor de *Os Anais* ter atuado também como dramaturgo e poeta. Em seu estudo, apesar das poucas páginas, Pereira busca um olhar mais profundo sobre o autor, suas obras e sua técnica literária, sendo muito provavelmente a primeira pessoa a apontar que Olímpio se utilizou de *Os Anais* para obter espaço para divulgação de suas criações. Pode parecer irrelevante, mas da bibliografia por nós consultada, Lúcia Pereira é a única autora a demonstrar conhecimento de causa ao abordar os trabalhos menos famosos de Olímpio, *O Almirante* e *O Uirapuru*, que somente foram publicados em *Os Anais*. Muitas vezes estas obras são citadas apenas superficialmente, com certo tom de julgamento qualitativo frente ao formato supostamente inferior por não terem sido publicadas em livro.

É sabido que grandes autores também se utilizaram de técnicas de publicação seriada de suas obras, em especial dos folhetins para a publicação sistêmica de suas criações, inclusive como Machado de Assis dedicou-se à atividade folhetinesca. Febre no século XIX brasileiro, adaptada de forma particular

no país, a moda do folhetim foi importada da França e colocou em destaque os chamados “folhetins-romance” que saíam quase diariamente nos anos que antecedem a metade do XIX. Meyer demonstra a importância deste formato em seu livro com destaque para o *Jornal do Comércio*.¹⁹ Domingos Olímpio já havia se utilizado deste artifício para a publicação de *Luzia-Homem* justamente nas páginas deste periódico diário carioca no ano de 1903.²⁰

Sobre *O Almirante*, obra publicamente integralmente em *Os Anais*, Pereira afirma que o único ponto a ser ressaltado na obra é o fato desta “passar-se nos últimos dias do Império e primeiros da República, refletindo o ambiente político e social de então”. Já *O Uirapuru*, interrompido abruptamente devido ao falecimento de Olímpio, é tido como “superior ao outro” [*O Almirante*], sem, contudo, “poder ombrear com *Luzia-Homem*”.²¹ É justamente por meio desta que a autora se baseia para analisar as características de Domingos Olímpio, que, a seus olhos seria um

Escritor sem grande poder verbal, ataviado demais, sem verdadeiro domínio das palavras, que não se ajustam ao tema, e são muitas vezes arrevesadas, outras impróprias [...] Domingos Olímpio é, entretanto, um autêntico e forte romancista regional. Não apenas por ter posto em cena retirantes, mas por haver feito sentir, com intensidade dramática, do meio e da natureza ao mesmo tempo específicos de uma região e universais, isto é, poderes elementares com os quais se defronta, em todas as latitudes, o homem não protegido pela carapaça artificial da civilização.²²

O paralelo aqui traçado é com outras obras de profunda repercussão no Brasil: primeiramente com *Canaã*, de 1902, escrita por Graça Aranha, uma vez que tanto esta quanto *Luzia-Homem* apresentam uma “concepção semelhante, embora não idêntica, da ação da natureza sobre os indivíduos”. A outra referência comparativa encontra-se em Aluísio de Azevedo, uma vez que Olímpio possui uma técnica “que ainda é a do naturalismo, já em declínio quando do seu aparecimento”.²³

Além disso, outro problema é apontado como agravante na análise de Pereira reside na qualidade estética de *Luzia-Homem*

¹⁹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 283.

²⁰ OLIVEIRA JUNIOR, José Leite de. **Domingos Olímpio**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003, p.55.

²¹ PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 200.

²² PEREIRA, Lúcia Miguel. Op. cit., p. 201.

²³ Ibid., p. 201.

A grande deficiência deste livro reside no desnível entre a concepção e a execução, na grandeza daquela, na fraqueza desta. O escritor, em Domingos Olímpio, fica muito aquém do criador. A anomalia de Luiza- Homem, por exemplo, a sua constituição robusta e indomável demais para uma mulher, que a fazia incapaz de submissão e de carinho, e portando de amor como querem os homens, mas nem por isso lhe secava a fonte de ternura, - o núcleo psicológico do livro, admirável nas suas linhas gerais – leva o autor a emprestar à cabocla reflexões em si mesmas boas, mas expressas de modo desastroso.²⁴

A estrutura e a forma literária encontrada por Olímpio para alicerçar a sua obra mestra são apontadas como deficitárias ainda que tais fatores não impedissem “Luzia-Homem de ser realmente forte, denso e verdadeiro” e que esta lhe bastasse para “assegurar ao autor um lugar destacado na nossa literatura”.

Por fim, Lúcia Pereira distingue o autor e a obra como:

Realista na forma, sem os tiques dos nossos naturalistas, talvez simbólico na concepção sem ser simbolista, regionalista pelo tema, sem colocar o elemento local acima do humano, todas essas tendências do mesmo passo se completando e se abrandando umas pelas outras, é difícil classificar o livro. E não haveria vantagem em fazê-lo se colocá-lo num ou noutro capítulo desta história não implicasse numa tal ou qual classificação. Para aumentar a confusão José Veríssimo nota-lhe, e como razão – certamente pensando em alguns traços de Luiza, e no seu apaixonado Alexandre, ambos de perfeita virtude – “uns laivos de idealismo romântico” (264). Como, porém, e seca, o drama peculiar da gente cearense, constitui o elemento central do romance, influenciando nos hábitos e até no feitio das criaturas, o seu lugar há de ser na literatura regionalista de que é, sem dúvida, uma das melhores manifestações entre nós.²⁵

Apesar dos problemas apresentados pela autora, a obra foi bem recebida no período. Após a publicação de *Luzia-Homem*, Domingos Olímpio concentrou as suas forças na criação e direção de *Os Anais*, onde pôde se manifestar mais livremente, publicando serialmente suas obras literárias e crônicas sobre política em todas as edições, imprimindo sua marca nas páginas de *Os Anais*.

²⁴ PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 202

²⁵ PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p. 204

2.3 *Os Anais*: Páginas Esquecidas de um tempo em movimento

Logo em sua edição de abertura, *Os Anais* afirmava sua intenção de:

[...] ocupar um posto vago, na imprensa do Rio de Janeiro, posto de sacrifício abandonado por trabalhadores de superior engenho, cujo vestígio brilhante testemunha ainda sinceros sacrifícios mal apreciados. É possível que, neste período de animadora atividade intelectual, consigamos restaurar a tradição interrompida por desalentos lamentáveis, e, todavia, gloriosa, como precioso subsídio ao desenvolvimento desta terra. *Os Anais* serão um registo da nossa vida mental, uma resenha, cuidadosamente feita, das ideias, dos factos, dos fenômenos sociais, estudados pelo aspecto mais prático e intuitivo, e de tudo aquilo que possa servir de documentação, ou interessar ao nosso progresso. Para realizar o plano de um semanário acessível a todos os paladares, publicaremos, com rigorosa seleção, artigos de crítica, romances, versos, crônicas comerciais e um noticiário dos factos mais importantes do país e do estrangeiro, enfeixando, para a leitura do domingo, um punhado de informações, muito úteis aqueles que não podem andar em dia com os jornais.²⁶

A pretensão de atender a um espaço supostamente vago era comum no período, e diversos periódicos assumiram essa postura em seus editoriais de abertura, e em *Os Anais* não foi diferente. Contudo, este excerto nos diz muito sobre o momento da imprensa no qual este foi escrito.

Primeiramente, logo de início, o trecho sugere a existência de um “período de animadora atividade intelectual” que, entretanto, seria “mal apreciado” devido a “desalentos lamentáveis”. Fica, assim, evidente a convicção do editorial na existência de desafios intelectuais muito poderosos no período, responsáveis por minar trabalhos “de superior engenho”. Outro ponto interessante é o forte saudosismo apresentado, uma vez que seria necessário “restaurar a tradição interrompida” pelas mazelas do compadrio acadêmico. Tal empreitada ficaria a cargo de *Os Anais*.

Suas edições eram compostas usualmente de 16 folhas, com raríssimas exceções, mas nunca chegou a ultrapassar 20 páginas. As páginas eram impressas em papel obtido da polpa de celulose, cuja dimensão era de 23 cm x 32,5 cm. Os artigos eram dispostos no formato de três colunas por página e, em todas as edições, com exceção da última devido à morte do diretor, o primeiro artigo era

²⁶ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 01; 1904.

sempre de Domingos Olímpio sob o pseudônimo de *Pojucan*, utilizado quando este elaborava algum texto de caráter político.

Ironicamente, este pseudônimo, o mais utilizado por Olímpio, refere-se a uma das principais personagens do livro *Ubirajara*, publicado em 1874, por José de Alencar, obra que ajudou na consagração do autor pertencente a sua tríade indianista. Anos depois, Domingos Olímpio perderia a disputa por uma cadeira na Academia Brasileira de Letras para Mário de Alencar, filho de José de Alencar. O processo foi lembrado por Medeiros e Albuquerque em seu livro de memórias como o “primeiro escândalo acadêmico” da ABL,²⁷ uma vez que ficou clara a influência do padrinho intelectual de Mário de Alencar, ninguém menos que Machado de Assis, criador da ABL e amigo de José de Alencar.

O cabeçalho estampava ao centro, em caixa-alta, o título *Os Anais* e logo em seguida o subtítulo da publicação - *Semanário de literatura, arte, ciência e indústria*, aos moldes dos padrões franceses. Seu nome pressupunha a intenção de ser uma publicação seriada que pudesse registrar acontecimentos, fatos e trabalhos importantes para os literatos nacionais que deveriam estar sempre à disposição dos mesmos para consultas e releituras. Semanalmente, ficava a cargo da redação selecionar, elaborar, ou mesmo relembrar os comentários de destaque, fatos relevantes da nossa história, e mais um apanhado de notícias e invenções que ocorriam no mundo naquele instante. Seu subtítulo dava o tom destes assuntos e sua intenção era produzir, como produto final, um compilado em formato de livro definitivo e colecionável.

A constituição estrutural de *Os Anais* também estava sob a forte influência francesa advinda do século anterior, uma vez que

[...] desde o início do século XIX até os anos 1950. Os maiores órgãos da imprensa brasileira – cotidianos, semanários, revistas – seguiram o “estilo francês”, a despeito da presença, no país, de outros tipos de jornais provindos de Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, nos quais os homens de letra poderiam ter facilmente se identificado. A matriz francesa continuará, no entanto a ser uma referência fundamental, tanto no que diz respeito aos temas quanto à diagramação, assim como a relação às imagens e desenhos, e a certos textos que se encontram reproduzidos em versão quase

²⁷ ALBUQUERQUE, Medeiros e. **Quando eu era vivo...memórias**. Edição póstuma e definitiva. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, p. 242-3.

original nos jornais brasileiros, após terem sido aclimatados de maneira a satisfazer os leitores do Novo Mundo.²⁸

Assuntos literários foram muito corriqueiros em *Os Anais*, constituindo-se dos romances escritos por Olímpio, críticas literárias, artigos livres diversos sobre assuntos acadêmicos etc. Em destaque estava a produção do próprio Domingos Olímpio, que pretendia se utilizar deste empreendimento muito mais como uma vitrine literária que lhe rendesse frutos enquanto literato do que como um empreendimento economicamente rentável. O próprio editorial nos fornece pistas de que Olímpio tinha como objetivo maior propagar suas convicções e promover de seus escritos

Depois do *Luzia-Homem*, que, há cerca de ano e meio, foi recebido generosamente pelo público e pela Crítica, o Sr. Domingos Olímpio, nosso diretor e nosso amigo, lançou a escrita de dois outros romances — *O Almirante* e o *Negro*. Já sobre o primeiro, correram notícias e aparecimento em livro. Mas, não era isso exato. O nosso companheiro, tendo ideia constante de fundar *Os Anais*, sempre imaginou publicar o seu trabalho antes em colunas de revista, e depois em volume. E' por esse motivo que *Os Anais* encetam a publicação d ' *O Almirante*. Não nos pesa dizer, por que Domingos Olímpio é nosso chefe, que o novo romance não desonrará o nome do autor do *Luzia-Homem*.²⁹

Por motivos que nos escapam, não houve nenhum outro autor que fez algo parecido com o trabalho de Olímpio em termos de publicação seriada de romances em *Os Anais*. Outros tipos de trabalhos seriados chegaram a ser publicados, como os artigos de Eunapio Deiró, que escreveu mais de 50 textos apenas sobre política do Primeiro Reinado até a Proclamação da República, os quais falaremos mais adiante.

O *corpus* do editorial estava estampado logo abaixo do subtítulo da publicação, sendo composto pelo secretário, Walfrido Ribeiro, o diretor, o próprio Domingos Olímpio e o gerente J. Gonzaga. Essa composição se manteve a mesma durante toda a duração do hebdomadário, com apenas uma pequena exceção: o gerente inicial era Belarmino Carneiro; contudo, sua participação limitou-se a apenas a edição primeira de *Os Anais*. Esses três nomes foram os que estiveram à frente da

²⁸ GUIMARAES, Valéria (Org). **Transferências culturais:** o exemplo da imprensa da França no Brasil. São Paulo: Edusp, 2012, p. 18.

²⁹ **Os Anais.** Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 05; 1904.

redação e configuração de *Os Anais*, mas a palavra final e a escolha dos assuntos, artigos e colaboradores ficava a cargo de Domingos.

Como dito anteriormente, as informações sobre estes intelectuais são escassas: Domingos Olímpio possui apenas duas biografias que apresentam lacunas; esteve à frente de *Os Anais* do início ao fim do empreendimento e foi responsável pelas sessões *Crônica Política* e *Ciência e Indústria* e muito provavelmente por diversos artigos não nomeados, que ficaram a cargo da redação; Walfrido Ribeiro e J. Gonzaga não possuem biografia conhecida, sabe-se apenas que aquele foi um dos primeiros a escrever sobre a obra *Esaú e Jacó* de Machado de Assis, tecendo um parecer positivo sobre a mesma³⁰, chegando a escrever 10 artigos nomeados em *Os Anais*. Quanto a J. Gonzaga, nossa pesquisa não obteve nenhuma informação e o mesmo não chegou a produzir nenhum material para o periódico.

Na extremidade esquerda acima da folha de rosto, encontravam-se o ano de publicação e, logo abaixo, os valores cobrados para a obtenção dos números, cujas opções eram, a assinatura anual por 20\$000, a semestral por 12\$000, e ainda a aquisição de números avulsos, vendidos a 500rs. Tais cifras eram elevadas para o público de menor poder aquisitivo, se compararmos *Os Anais* com os jornais cujo intuito era atingir o maior número de leitores. O preço de *Os Anais* se equivalia aos de outros tipos de revistas voltados para uma elite letrada e aburguesada, porém, essas mesmas publicações possuíam melhores qualidades gráficas que *Os Anais*, como no caso da revista *Kosmos*, *O Malho*, *O Tico-Tico*, *Fon-Fon*, dentre outras, contemporâneas de *Os Anais*. Assim, apesar de seu preço não divergir do cobrado por outras publicações contemporâneas a sua existência, o mesmo não fazia justiça quanto à qualidade gráfica do impresso, em termos de atratividade estética e visual, especial se comparado com as revistas de variedades.³¹

À direita, acima, constava o número da edição, seguido do endereço administrativo e, separadamente, da localização das oficinas do impresso. Seu escritório encontrava-se na afamada Rua do Ouvidor (Sob.), na altura do número 113. É quase desnecessário lembrar aqui que este logradouro se tornou notório devido ao fato de lá se reunirem diversos escritores da boemia carioca da época.

³⁰ MACHADO, Ubiratan. **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, p. 272.

³¹ MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2008, p. 291.

No entanto, poucos exemplares foram publicados com a sua sede no epicentro cultural carioca, até a edição de número 12 de 29 de dezembro de 1904, nos primeiros meses de vida de *Os Anais*.

Foram ao todo três localizações diferentes para *Os Anais* ao longo de seus dois anos de existência. Na virada de 1904 para 1905, o escritório transferiu-se para a Rua 1º de Março, número 28 e, no dia 5 de janeiro de 1905, foi às ruas a edição de número 13 de *Os Anais* já sob novo endereço administrativo. Após outras 24 edições, houve uma nova mudança, desta vez para não mais se alterar; o endereço era na Rua São José, número 25. A partir do número 37, publicado em 29 de junho de 1905, o escritório e tipografia de *Os Anais* enfim se unificaram.

2.4 *Os Anais*: Seções e colaboradores

Em sua edição de abertura, *Os Anais* publicava em primeira página os nomes de alguns de seus mais eminentes colaboradores.

Nada ha que dizer contra a nossa colaboração. Ella será constituída da melhor gente intelectual, quer do Brasil, quer de Portugal. Do *país das uvas*, esperamos os trabalhos, d'entre outros, de Fialho d'Almeida, a originalidade mais rútila, mais fulgurante das modernas letras portuguesas. O nome tão glorioso do artista das *Pasquinadas*, dos *Gatos*, do incomparável criador da *Madona do Campo Santo*, bastaria como recomendação do carinho, do interesse com que havemos de tratar *Os Anais*. Não somos menos felizes com o contingente que nos prometem trazer os ilustres escritores Virgílio Várzea, padre José Severiano de Rezende, Euclides da Cunha, Joaquim Vianna, Ferreira Vianna Filho, Guimaraens Passos, Emilio de Menezes, Araripe Júnior, Silvio Romero, Viriato Correia, o contador magnífico dos nossos sertões, os professores Drs. Ed. Chapot Prévost, Fernandes Figueira, Figueiredo Rodrigues, Otto de Alencar, Major Felinto Alcino e os caricaturistas Crispim do Amaral, Calixto e Raul.³²

Essa lista inicial, na verdade, não correspondeu de fato com a estrutura colaborativa de *Os Anais*. Dos nomes citados acima, apenas um colaborou de forma expressiva durante a existência de *Os Anais*: Silvio Romero, com 21 artigos. Os outros contribuíram da seguinte maneira: Fialho de Almeida, com 13 artigos; Araripe Júnior com 12 artigos; Otto de Alencar e Silva, com 7; Virgílio Várzea, com 5 artigos;

³² *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 01; 1904.

Joaquim Vianna, com 4 artigos; Guimarães Passos e Fernandes Figueira, com 3 artigos, Padre José Severiano de Resende, com 2 artigos. Com apenas um artigo publicado figuram Euclides da Cunha, Ferreira Vianna Filho, Emílio de Menezes e Viriato Correia. Tais nomes merecem nossa atenção, pois foram aqueles que a redação escolheu como carro-chefe da sua revista, autores que, por seu quilate demonstrariam a seriedade e idoneidade do periódico. Outro fator importante é que era costume no período a união de nomes famosos em torno de empreendimentos intelectuais para que os mesmos saíssem do papel, por meio da colaboração efetiva com escritos e também com assinaturas que pudessem “garantir” o sucesso do empreendimento.³³

Quando se analisa a primeira leva de supostos colaboradores, observa-se a seguinte constituição: Silvio Romero foi quem realmente publicou a maior gama de artigos. De seus 21 textos, 19 se referem à crítica que este fez a Manoel Bomfim, combatendo ferozmente a obra *A América Latina: Males de Origem*, publicada em 1905, assunto que será aprofundado no capítulo II. Dos artigos restantes, um deles, na verdade, constitui-se de uma carta dirigida à redação que também se refere a Manoel Bomfim³⁴ que havia se negado a polemizar com Romero quando lhe foi cedido espaço em *Os Anais*. O segundo é uma carta aberta a Artur Orlando da Silva, na qual Romero se alinha a Artur analisando a Escola Literária do Recife, ressaltando a prominência desta e dos autores a ela filiados e/ou que compartilhassem de suas ideias. Aproveitava essa comunicação para exaltar a tradição literária recifense e ainda achincalhava o estado das publicações periódicas que circulavam no Rio de Janeiro, que, nas palavras Romero, a maior circulação de escritos acabou por diminuir a qualidade dos mesmos. Para Romero, muitos daqueles que escreviam sobre a escola literária do Recife no Rio de Janeiro o faziam sem conhecimento de causa, confundindo ideias e desvirtuando as bases que os autores daquela escola buscavam a todo o momento fundamentar.

Já Fialho de Almeida, por exemplo, apesar de possuir um número significativo de artigos publicados em *Os Anais*, a maioria esmagadora de seus textos se constituiu de poemas, publicados na seção *Páginas Esquecidas*, que esteve presente em todas as edições. Seu nome acabou figurando ao lado de

³³ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na academia brasileira de letras (1896-1913). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

³⁴ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano III, nº 77, 12 de abril, p. 210-214; 1906.

poemas de autores já falecidos, característica dessa seção, como Eça de Queiroz, Bocage e Luiz Vaz de Camões, por exemplo.

Essa lista inicial possui diversos pontos interessantes. Além daqueles autores que tiveram participações modestas, muitos com apenas um artigo, outros sequer chegaram a publicar em *Os Anais*, como Eduardo Chapot Prévost, Figueiredo Rodrigues e o Major Felinto Alcino Braga Cavalcanti, este último irmão de Domingos Olímpio. Foram também citados renomados cartunistas do período, como Crispim do Amaral, fundador e diretor artístico da revista *O Malho*, Calixto e Raul Paranhos.³⁵

Parte importante dos colaboradores fazia-se de nomes não muito conhecidos, dos quais é extremamente difícil se obter quaisquer informações atualmente, muito provavelmente recifenses cuja obra e biografia ficaram circunscritos ao âmbito regional e que, em *Os Anais*, tiveram a oportunidade de compartilharem seus escritos, ao lado medalhões do período, como Silvio Romero e Olavo Bilac.

Tematicamente, *Os Anais* se constituía de um grande apanhado de artigos livres, existindo apenas quatro seções fixas: *Crônica Política*, *Páginas Esquecidas*, *Ciência e Indústria* e *Xadrez*. A primeira era encabeçada por Olímpio, na qual analisava os diversos acontecimentos políticos do período. *Páginas Esquecidas*, foi uma seção de artigos publicados anteriormente, na sua maioria poemas de autores já falecidos, onde figuravam nomes como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco etc., ao lado de contemporâneos ao periódico como Coelho Neto e Fialho D'Almeida. *Ciência e Indústria* era escrita por Domingos Olímpio e comentava sobre novidades tecnológicas, com o intuito de deixar o leitor atualizado quanto ao surgimento de incrementos tecnológicos ao redor do mundo. Por fim, *Xadrez* era a seção voltada para o entretenimento dos leitores de *Os Anais*. É a única seção que se profissionaliza com o passar do tempo, até ser assumida por José Getúlio. Tal justificativa se deu graças aos enormes pedidos do público por meio de cartas escritas à redação de *Os Anais*.

³⁵ Calixto e Raul Paranhos eram responsáveis pela parte artística da revista *Dom Quixote*. É interessante notar que foram poucas as edições de *Os Anais* que trouxeram ilustrações para seus consumidores, seja por meio de caricaturas ou fotografias, por exemplo. Outro apontamento interessante é o fato de todas as fotografias se referirem a Domingos Olímpio, em suas empreitadas políticas. Para se conferir as imagens dos autores citados, ver: **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, 29 de outubro, p. 58; 1904.

Algumas outras seções foram surgindo ao longo da trajetória de *Os Anais*, como *Apanhados*, que apareceu ao todo em 54 edições, quase que sequencialmente a partir da edição de número 69.³⁶ Diversos assuntos eram ali abordados; a maioria na tentativa de manter o leitor do periódico atualizado. Os textos variavam de extensão, podendo ser textos curtos, de um ou dois parágrafos, até artigos de meia coluna, com cinco ou seis parágrafos.

Uma seção importante foi *A Livraria*, responsável, predominantemente, por analisar obras recém-lançadas. Surgiu na primeira edição e seguiu quase ininterruptamente até o número 29, quando deixou de aparecer. Ressurgiu no número 44, parando novamente. Só voltou a ser publicada na edição de número 70, assinada por Nunes Vidal, com apenas duas exceções, para seguir até os últimos dias de *Os Anais*. Apesar de não estar presente ao longo de toda a trajetória do hebdomadário, não podemos deixar de destacar o fato de *A Livraria* ter aparecido em mais de 50 números de *Os Anais*.

Foram vários os escritores que contribuíram para a resenha de livros nesta seção, que, por vezes se constituía da crítica de mais de um autor, na qual a seção era dividida internamente pelo livro que estava sendo resenhado. Os autores que escreveram aqui foram: Nunes Vidal, com 28 artigos; Walfrido Ribeiro, com 10 artigos; D.O. (Domingos Olímpio), com 2 artigos; João Ribeiro, com 6 artigos; João Lameira, com 2 artigos; Bernades do Canto, com 1 artigo; Espírito Santo, com 1 artigo. Os artigos restantes foram simplesmente assinados com abreviaturas, o que dificulta, sobremaneira, a identificação da autoria dessas resenhas, tais como Dr. F.F. e B., ambos com 1 artigo e L.B., com 3 artigos. A partir da segunda edição, logo após a seção *A Livraria*, o editorial publicava as obras que foram recebidas para análise e possível publicação da avaliação³⁷

Essa seção contou com participações importantes do editorial de *Os Anais*. O secretário Walfrido Ribeiro, braço direito de Domingos Olímpio, assumiu a frente do empreendimento em alguns momentos, em especial nos meses que antecederam a morte de seu diretor. Elaborou na edição de número 3, uma resenha do livro *Estudos de literatura brasileira*, de José Veríssimo. Nela, estabeleceu um traço comparativo com outro nome que também realizou estudos sobre a

³⁶ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano III, nº 69, 08 de fevereiro, p. 85; 1906.

³⁷ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 02, 15 de outubro, p. 31; 1904.

constituição da literatura brasileira, Silvio Romero. Comparando ambos os autores, escreveu

O nome de José Veríssimo é um sinal de sentido á malignidade. Toda a baixa raiva idiota, que delira na língua e na pena dos perversos, espuma, lampeja, alastra, num frenesi de eólicas, contra a eminência desse espírito, tão raramente sério, num homem tão singularmente digno. A farófia, por outro lado, dos “artistas” ginga em cambiantes de escarnio, puxando das suas voluptuosidades, dos seus mordentes ideais de “arte”, o carrilhão fanhoso d'algumas injurias, d'algumas pilhérias. d'algumas quizílias, que, afinal, não estremecem, não descontam o nosso crítico. Esfuziam, desobrigam gargalhadas, aligeiram indigestões de *blague* e, de resto, veem a verificar o tempo perdido dos “artistas”. Nesse ponto de vista, que assumem, furiosamente, quase todos os “novos”, e a que eu, com santo horror da classificação, quase com repugnância aludo, haveria muito mais que dizer de Silvio Romero—o demolidor ou o glorificador, que derruba ou consagra segundo o seu *foguete* de espírito que, no momento, ou leva á Lua o Cruz e Souza, ou afunda na chalaça Eça de Queiroz. Em geral, o nosso historiador literário não tem meias palavras, não usa meias solas. Ferozmente desilude, escavaca os *aspirantes*, e mesmo os mestres; ou as carreiras, sem paradas, sem restrições, sem escruciancias de raciocínio, festeja, glorifica, exalta, inapelavelmente, as obras a que ele escorre o seu fulgurante olhar—o seu formilhante olhar de bom que ele é, enfim, para não ver os defeitos até inerentes de todo o trabalho humano. José Veríssimo, ao contrário. É sóbrio, comedido, bastante, um abominador ingênito do nosso excesso meridional amantético, comovente. Veríssimo é um resfriado á exuberância que, entre nós, não leva ao estudo, mas empurra o elogio até ao languido enternecimento da *vítima*, ou arma as iras até ás impagáveis alucinações do despeito. Nesse mental, que eu leio e ouço, sentidamente, com carinho, com delicadeza, com a *simpatia* que Carlyle ensina, a vacilação das suas sentenças, onde as agulhantes formiguinhas da restrição pululam, é, positivamente, uma denúncia de critério, que não espirra intolerância, que aceitaria, em última análise, melhor juízo, ou alheio, ou próprio. E absolutamente sincero, sinceramente ele diz a sua crítica.³⁸

A nítida discordância de um membro do editorial de *Os Anais* com maneira rígida e severa característica da crítica e personalidade de Romero, não o impediram de contribuir de maneira significativa para *Os Anais*. A participação dele foi de extrema importância, tendo escrito ao menos 22 artigos para o periódico, grande parte para atacar Manoel Bomfim e seu livro *A América Latina: Males de Origem* (1905). Essa série de artigos foi posteriormente compilada e transformada em livro e será trabalhada mais à frente.

³⁸ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 22 de outubro, p. 48; 1904.

Formado por republicanos, o editorial, no entanto, possibilitou autores, que possuíam divergências com a ideologia, escreverem em *Os Anais*, como Pedro Eunápio da Silva Deiró. O editorial chegou a comentar positivamente um livro do autor, que, na época da resenha, estava em vias de ser publicado, sem, no entanto, referenciá-lo devidamente. Era apenas escrito que a mesma analisaria os governos de Dom João VI no Brasil e em Portugal, buscando, nas palavras do editorial, uma “reabilitação” do monarca.³⁹

Nascido em 1829 e formado em ciências jurídicas, Deiró atuou como filósofo, literato e jornalista, sendo parlamentar monarquista nos tempos do Império. Não existe uma biografia própria desta personagem, porém, sabe-se que após a Proclamação da República, Eunápio, na pobreza, exilou-se no Convento de Santo Antônio, onde caiu no ostracismo. Sua colaboração em *Os Anais* foi de 54 artigos de forma seriada, publicados entre 1904 e 1906, do início ao fim no periódico. Destes, 37 foram selecionados e publicados sob o título *Fragments de estudos da história da Assembleia Constituinte do Brasil*, no ano de 2006 no volume 66 da coleção de *Edições do Senado Federal*. Deiró justificou a importância de sua análise da seguinte maneira

Acabando de reler, pela quinta vez, os volumes da *Histoire du Gouvernement Parlementaire*, escripta por Duvergier de Haurauue, perguntei a mim mesmo—porque não temos unia história, propriamente política, do governo do Brasil desde 1823 até 1889, períodos que pertencem ao passado e que podem ser examinados sem os preconceitos, paixões e coletas dos partidos, e estudados, com imparcialidade, sem as preocupações e interesses de homens, que disputam, ou usufruem o poder público?⁴⁰

Seu trabalho era voltado para a história política do Brasil dos tempos da Monarquia; da atuação de Dom João VI em Portugal, abarcando as análises das medidas adotadas por ele no Brasil. Comentava também casos de embates de Dom Pedro I com a assembleia e ainda o período regencial brasileiro. São escritos profundamente marcados por sua própria experiência como parlamentar monarquista, que nesta posição esteve em contato com documentação valiosa e relatos de envolvidos nos acontecimentos. Publicou em três partes o artigo intitulado *Os três períodos do governo representativo e constitucional no Brasil*, nas edições 3,

³⁹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 22 de outubro, p. 49; 1904.

⁴⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 55, 02 de novembro, p. 679; 1905.

4 e 7 de *Os Anais*,⁴¹ nos quais se colocava quase como uma testemunha dos tempos da Monarquia no Brasil, ainda que não ocular. Seu conhecimento era indireto, tendo lhe chegado aos ouvidos por meio “de muitos contemporâneos competentes a narração de várias circunstâncias”, vividas e experiências que seriam “convenientes e proveitosas a história do governo parlamentar, quando tivermos historiadores, que encarem esses assuntos com a patriótica solicitude d'um barão de Barante e Duvergier, em França, ou de Corn-wall Lewis e Esch May, na Inglaterra”.⁴²

Assim, Deiró se colocou como um representante digno deste empreendimento, incumbido de pôr na ponta da pena o que lhe foi relatado, avivando as acaloradas discussões do parlamento. Narrou, em *Os Anais*, os períodos de turbulência monárquica e os atritos da Casa Real com o parlamento de forma romantizada. Nos artigos surgia a imagem de um Dom João sóbrio, mantenedor tanto da metrópole como da colônia do Brasil, que, mesmo pressionado pelas duas maiores potências do período, França e Inglaterra, conseguiu se mostrar um habilidoso político, sem nunca esmorecer; disposto a usar de seus poderes quando necessário. Ao transferir-se para as terras tupiniquins, vinculou-se quase que amorosamente com este povo, comprazendo-se com sua companhia. Após quase duas décadas no Brasil, foi impelido por força maior a voltar para Portugal, a contragosto, sem deixar de garantir que o Brasil estaria seguro nas mãos de seu primogênito.

Já Dom Pedro I era descrito como altivo, porém comedido. Tinha a força de um membro nato da nobreza e o ímpeto de bravura quando contrariado, mas sabia se portar frente às divergências com os parlamentares, ainda que não tenha aprendido tais ensinamentos dos livros, dos quais não era muito afeito para não dizer “nem um pouco”. Pode-se estabelecer um paralelo de Eunápio Deiró e outro colaborador com um forte apelo a Monarquia, Rocha Pombo, que escreveu 15 vezes em *Os Anais* e chegou a ser chamado de “historiador dos Bragança” por Manoel Bomfim.⁴³ Esses artigos apresentam um tom saudosista para com a Monarquia, o que se explica devido ao fato de que havia um vínculo ideológico do editorial com essa forma de governo. Domingos Olímpio foi, durante anos, membro do Partido

⁴¹ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, 29 de outubro, p. 55-57; 1904; **Idem**. Rio de Janeiro, ano I, nº 06, 12 de novembro, p. 94-96; 1904; **Idem**. Rio de Janeiro, ano I, nº 07, 24 de novembro, p. 106-109; 1904.

⁴² **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano I, nº 06, 12 de novembro, p. 94; 1904.

⁴³ BOMFIM, Manoel. **O Brasil na história: deturpação das tradições: degradação política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

Conservador, chegando a ser eleito Deputado Provincial. No entanto, pouco tempo antes da Proclamação da República, declarou-se republicano, o que explicaria o espaço cedido em *Os Anais* tanto para autores ligados à Monarquia, como Eunápio Deiró, monarquista assumido, quanto para republicanos, além de republicanos de última hora, como João Brígido.

Os temas orbitavam seu idealizador e sua ótica estava ao longo de *Os Anais*. Logo na primeira edição, Joaquim Vianna publicou um artigo denominado *O Anti-Americanismo*, extremamente alinhado com o editorial de *Os Anais*. As argumentações do texto questionavam o sentimento antiamericano de parte de nossa elite, na tentativa de destituí-lo de sentido, em especial no que se refere ao suposto imperialismo dos EUA e as consequências desta política para a nossa economia. Advogava em prol da inexistência de um “sentimento de hostilidade no povo brasileiro contra o povo dos Estados Unidos”, apenas em parte da elite “uma desconfiança vaga, uma suspeição imprecisa, um receio inconfessável” contra estes. Promovia a ideia do pan-americanismo, tentando a todo o momento se aproximar Brasil e EUA, ou seja, “as duas maiores potências americanas”, vinculadas por compactuar dos mesmos ideais de “paz e progresso”.

No corpo do texto encontram-se assuntos muito caros à redação, em especial à figura de Domingos Olímpio, ao fazer referências aos tratados diplomáticos entre Brasil e EUA dos quais Olímpio participou ativamente, como a Questão das Missões que envolveu Brasil e Argentina pela disputa do território de Palmas. Citava os estados do Amazonas e Goiás, onde o diretor de *Os Anais* participou ativamente da oficialização das questões limítrofes destes territórios.

Vianna defendia Theodore Roosevelt, famoso por idealizar a política do *Big Stick* e sua concorrência agressiva na indústria e comércio norte-americanos bem como pelo Corolário Roosevelt baseado na Doutrina Monroe; cujo intuito era eliminar a influência de outros países na América Latina que não fossem o próprio EUA. Ao fim do artigo, chegaria à conclusão de que a aproximação e assimilação entre a cultura destes dois países seria “inevitável”. Antes, porém, citava o Cardeal James Gibbons, que, na sua visão, dizia: “campeão mais ilustre do catolicismo de ação, doutrinário e prático, visando para a Igreja de Jesus em Roma, o patrocínio de todas as conquistas liberais e democráticas, no mundo”.⁴⁴ Esse final merece

⁴⁴ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 17-8; 1904.

destaque, pois o diretor de *Os Anais*, ao que se sabe, era muito religioso. Dessa maneira, inexistem, no periódico, críticas à religião e em especial ao catolicismo, assuntos muito abordados por republicanos.

Quanto a um alinhamento aos ideais norte-americanos, Domingos Olímpio já havia escrito um longo artigo a favor da diplomacia dos EUA anos antes, mais precisamente no dia 2 de maio de 1902, no *Jornal do Comércio* carioca. Este texto foi posteriormente reproduzido na íntegra na edição de número 79 de *Os Anais* sob a justificativa de o assunto estar em voga novamente em decorrência da III Conferência Pan-Americana que ocorreria no Rio de Janeiro ainda naquele ano.

No ponto de vista de Domingos, os interesses americanos na América Latina eram evidentes, já presentes em diversos momentos diplomáticos que envolviam os EUA e países como Cuba, Porto Rico e Filipinas, que ele fez questão de esmiuçar ao longo do artigo. Entretanto, aqueles países souberam se posicionar frente à tais questões, uma vez que o governo americano evitou se utilizar da força para defender seus interesses nessas regiões. No seu ponto de vista, as interpretações brasileiras sobre os EUA eram voláteis e flutuavam ao sabor do momento

Para provar que nos arrasta a contradições flagrantes, basta rememorar que, nos últimos tempos, flutuamos entre a confiança e a suspeita. Ontem, perpetuávamos o nosso reconhecimento aos Estados-Unidos [...]. Hoje, nos arreamos da sua malsinada doutrina, julgando-a pelos conceitos humorísticos de Evarts, dos quais a política europeia deduziu a fórmula—*A América para os americanos... do norte*. E, no entanto, ela tem sido formidável obstáculo ao imperialismo europeu, sempre cobiçoso em expandir-se nos [...] territórios da América do Sul, realizando os sonhos da Alemanha antártica e da França equinocial.⁴⁵

Outra questão importante que o excerto aborda é o interesse de outros países na América do Sul. Olímpio aprecia o alinhamento do Brasil com os EUA como uma forma de nos protegermos de tentativas imperialistas de países europeus, como fica claro o trecho acima citado. Quem também compactua desse pensamento é Silvio Romero, já citado anteriormente, cuja participação foi expressiva em *Os Anais*.

No que tange às informações propriamente ditas, muitas notícias foram publicadas nas páginas d'*Os Anais*, em especial na seção *Apanhados*. Contudo,

⁴⁵ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano III, nº 79, 03 de maio, p. 249-254; 1906.

eram notícias breves, que tinham a função de manter o leitor atualizado com os fatos interessantes que ocorriam no mundo.

Notícias brasileiras também circularam. Havia, por exemplo, pequenas notas sobre assuntos muito em voga no período, como a vacinação obrigatória contra a varíola no Rio de Janeiro, que desencadeou a Revolta da Vacina. Em uma pequena seção do editorial chamada *De tudo e de todos*, cujo artigo se chamava *Uma Lembrança*, em tom de ironia, era lançada a pergunta: “Qual seria a opinião de Mirabeau, no nosso Parlamento, sobre o projeto de vacina obrigatória? Ele que teve varíola?”⁴⁶ O texto é da edição nº 2 de *Os Anais* de 15 de outubro de 1904. Quase um mês depois, no dia 9 de novembro é publicada a lei que regulariza a vacinação obrigatória da população carioca contra a doença.

São poucos os registros de correspondência direta dos leitores de *Os Anais* com próprio periódico, o que só dificulta sabermos com exatidão o seu alcance, seu público exato e as repercussões de suas matérias, opiniões etc. Em alguns momentos transparece o contato de *Os Anais* com seu público leitor, como na edição de número 11 onde Walfrido Ribeiro comenta uma carta enviada à redação chamando-lhe a atenção para um erro que este havia cometido ao referir-se a Melo Moraes Filho como membro da Academia Brasileira de Letras

Recebi cartas furiosas, cartas assustadas sobre um engano meu, o horrível engano de ter assentado, numa das cadeiras da Academia Brasileira, o Dr. Mello Moraes Filho. Uma dessas cartas, todas brutalmente anônimas, vinda de Juiz de Fora, é, com certeza, de um escritor d'almanaque, de um pensador de charadas! Esse homem estranha, num justo pavor, que eu não soubesse, que eu não conhecesse os senhores que formam a ilustre Companhia. E diz, indignado: “Já que v., morando e vivendo num meio tão vizinho da Academia, não sabe de que gente ela se compõe, tenha a bondade de retificar, como “castigo, ao menos, o seu erro”. Tudo isso, afinal, por causa do Dr. Mello Moraes, que não é da Academia.— W.”⁴⁷

Apesar da pretensão de volta-se a um público diverso, a correspondência enviada para o escritório de *Os Anais*, seus temas e seu preço, o caracterizam como uma leitura de elites. Seu preço se igualava aos demais impressos contemporâneos a sua existência, valores elevados para o bolso de um indivíduo comum e sem muitas posses. Graças a seu custo, *Os Anais* já ficava circunscrito a um público

⁴⁶ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 02, 15 de outubro, p. 36; 1904.

⁴⁷ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 11, 22 de dezembro, p. 178; 1904.

aburguesado. Houve a predominância de artigos livres e as seções geralmente ficavam a cargo de apenas um autor ou da redação de *Os Anais*, ao comando de Domingos Olímpio. A seleção de temas passava por esta figura, existindo, sim, assuntos que lhe diziam respeito diretamente. Política e assuntos literários nunca deixaram de aparecer em *Os Anais*, por exemplo. Talvez o ponto chave para entendermos a configuração da relação existente entre seus colaboradores esteja no que não está escrito. Foram publicados tanto artigos a favor da Monarquia como da República. No entanto, críticas ferrenhas ao sistema político nacional não circularam naquelas páginas. Os artigos de política de Domingos Olímpio se focavam no cotidiano do Congresso, abordando temas muito discutidos no momento, tais como a obrigatoriedade da vacinação contra a varíola ainda quando esta proposta estava sendo discutida, momentos antes da eclosão da Revolta da Vacina, o coronelismo e o abandono político das regiões fora do eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

Outro fator que aponta na direção de que o público de *Os Anais* era formado, predominantemente, por membros da elite nacional são os assuntos abordados pelo periódico: política, relações internacionais, análise de obras recém-publicadas, mercado financeiro, educação, teorias matemáticas, passando pela publicação de poemas e contos para autores nacionais e portugueses, e, por fim, diminutos espaços de diversão, obviamente para homens cultos, com problemas de xadrez.

Sobre o conteúdo, as seções e o papel dos autores de uma publicação, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano afirmam que:

Toda revista inclui certa classe de escritos (declarações, manifestos, etc.) em torno dos quais procura criar vínculos e solidariedades estáveis, definindo no interior do campo intelectual um 'nós' e um 'eles', como queira que isto se enuncie. Ético ou estético, teórico ou político, o círculo que uma revista traça para assinalar o lugar que ocupa ou aspira ocupar marca a tomada de distância, mais ou menos polêmica, com relação a outras posições incluídas no território literário.⁴⁸

Partindo destes pressupostos, a análise de *Os Anais* faz-se interessante, uma vez que é difícil compreender facilmente qual é o elo existente entre seus

⁴⁸ SARLO, Beatriz. Carlos, ALTAMIRANO. *Apud* DIAS, Simone. **Continuidades efêmeras**: a Crise do intelectual legislador e a ascensão do intérprete. Chapecó: Argos, 2001.

colaboradores. Quando analisamos as seções e os conteúdos publicados ao longo de seus dois anos de existência, a fim de perscrutar as associações voluntárias existentes, as aderências e discordâncias que o periódico assumia em vinculação com seu projeto editorial, percebemos que este se abria a certa discordância. Em diversos momentos *Os Anais* se colocava como imparcial frente aos conteúdos publicados e essa proposta que sabemos ser idealizada, pelo menos em parte se mostrou verdadeira. Houve espaço para autores e pensamentos contrários aos da redação do hebdomadário.

Existia espaço para a divergência e discordância no campo literário. Como citado acima, Silvio Romero foi um importante colaborador e, devido a virulência de seus escritos, foi dado o direito de resposta a Manoel Bomfim, que se absteve da polêmica. Outro ponto importante em harmonia com o editorial foi o fato de existir tanto nomes consagrados do período como autores regionais escrevendo lado a lado em *Os Anais*, sem prejuízo para este último grupo.

Certo tom ufanista esteve presente em diversos momentos de *Os Anais*, como na edição de 07 de setembro de 1905, na qual diversos autores abordavam o feito histórico da Independência do Brasil.⁴⁹ Esse número contemplava, além do conteúdo normal de *Os Anais*, uma seleção de textos e documentos históricos importantes cujo mote principal era a Independência do Brasil, selecionados pela redação. Foi publicada uma carta de Manuel Marcondes de Oliveira e Melo, primeiro Barão de Pindamonhangaba, que esteve presente na comitiva que acompanhava D. Pedro I quando este teria proclamado o famoso grito do Ipiranga. Dirigida ao médico e historiador Alexandre José Mello de Moraes, datada de 14 de abril de 1862, a carta abordava a Independência do ponto de vista de uma testemunha ocular, respondendo a diversas perguntas feitas anteriormente pelo historiador.

Rocha Pombo se encarregava de escrever um texto sobre a personalidade de D. Pedro I, sempre altiva, e Oliveira Martins, fazia algo parecido, citando ainda trechos de poemas escritos pelo próprio Dom Pedro I. Por fim, havia uma carta do próprio Imperador, não datada, na qual este descrevia o estado político do Brasil após a Independência, na tentativa de informar e tranquilizar seu pai, ao afirmar que a monarquia e os Braganças não haviam sofrido um abalo em sua reputação.

⁴⁹ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº 47, 07 de setembro, 1905.

Em outro momento, em um artigo de Agenor Lafayette de Roure, denominado *Pedro I e a Imprensa*, Roure se utilizava do episódio da reunião da Constituinte do Império de 03 de maio de 1823 para a elaboração de uma nova constituição para defender Dom Pedro I. Arguia que o imperador apenas agiu em defesa da pátria, tanto quanto ao envio das tropas que cercaram o parlamento quanto nas medidas que controlavam a imprensa, salvaguardando a necessidade de que o processo transcorresse na mais perfeita ordem e que fosse garantida a ordem do imperador que a constituição aprovada fosse “digna de mim, digna de si e digna da nação”.⁵⁰

A despeito do republicanismo de Domingos Olímpio, o espaço para assuntos relacionados à monarquia esteve sempre presente em *Os Anais*, e nunca se apresentaram como críticos deste sistema e de seus realizadores. Outro ponto importante foi o espaço concedido a assuntos religiosos, em especial ao catolicismo. Ao contrário de muitos republicanos, Olímpio tinha um bom relacionamento com a religião, sendo que foram publicados vários textos e artigos de mais de 06 padres em *Os Anais* e outros 7 artigos que tinham a religião como tema, sem nunca a atacar.

É incontestável que o maior colaborador da revista foi o próprio Domingos Olímpio. Existem ao menos 208 artigos assinados por Olímpio ou Pojucan, nas páginas de *Os Anais*, que abarcavam, em especial, assuntos políticos, sempre em primeira página. Todos, sem exceção, foram assinados por seu pseudônimo, Pojucan, contrastando com a publicação de seus dois romances no periódico *O Almirante* (94 partes) e *O Uirapuru* (06 partes) este último inacabado devido à morte o autor que apareciam devidamente referenciados. Olímpio tentava assim vincular seu nome a sua produção intelectual dissociando-o de polêmicas e empecilhos que pudessem lhe atravancar sua ascensão como intelectual.

Após a morte de Domingos Olímpio no dia 06 de outubro de 1906, a edição final de *Os Anais*, de número 102, ganhou as ruas do Rio de Janeiro no dia 11 de outubro de 1906, trazendo os últimos escritos de Olímpio e mais um apanhado de artigos de outros autores, mantendo-se a configuração de um material que já se encontrava no prelo quando ocorreu o falecimento de Olímpio. Esta última edição traz consigo excertos da repercussão da morte do autor e ainda uma nota final da

⁵⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 50, 28 de setembro, p. 594-7; 1905.

redação, muito provavelmente escrita por Walfrido Ribeiro, na qual este esclarece que a participação de Domingos esteve muito mais ativa na configuração de *Os Anais*:

[...] Não nos cabe ir além. Não o permitiria a saudade, não o deixaria fazer essa atrocidade que é a certeza de nunca mais o vermos, de nunca mais os termos á nossa direita, trabalhando, trabalhando sem parar, escrevendo a sua Crônica, a secção de Ciência e Industria, os seus romances, fazendo a tradução dos artigos com que muitas vezes *Os Anais* informaram os seus leitores da opinião estrangeira. E em meio dessa tarefa, tão pontual, tão bem cumprida sempre, mais uma: a de advogado, exaustiva, formidável, levando-o a todos os rumos que ela aponta. Mas uma e outra levadas a cabo com aquela paz, aquele gosto, aquele sorriso, aquele bem-estar, como um espírito que tudo achava fácil.⁵¹

É provável ainda que Olímpio tenha sido responsável, senão por todos, pelo menos, pela grande maioria dos artigos que não possuem quaisquer indicações autorais específicas em *Os Anais* e ficaram a cargo da redação de periódico. Esses artigos geralmente se referiam a assuntos cotidianos, novas invenções, curiosidades mundiais, matérias sobre economia etc. que não nos fornecem tantas informações quanto ao projeto editorial do periódico.

Sua criação deu-se, em parte, pela consciência de Olímpio de que naquele momento empreendimentos voltados para o saber e para letrados poderiam lhe abrir as portas do mundo das letras. *Os Anais* se tornou, então, o espaço de e para Domingos Olímpio, onde as características do periódico orbitavam em torno de seu idealizador. Nele, Olímpio teve liberdade para escrever o que bem entendesse sobre política e demais assuntos, e aproveitou para alicerçar as bases de sua literatura, publicando-as sequencialmente para, possivelmente, publicar estes trabalhos em livros.

Olímpio circunscreveu seu trabalho a um público extremamente seletivo e, por isso mesmo, restrito. Afinal de contas, *Os Anais* possuía uma “natureza erudita”. Caía aqui por terra o elemento justificador do suposto espaço diferenciado que se constituiria *Os Anais* logo em sua primeira edição, que propagava ser “um semanário acessível a todos os paladares”.⁵² Ao não conseguir engatilhar *Os Anais* enquanto um empreendimento lucrativo, Olímpio não obteve o sucesso esperado em

⁵¹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano III, nº 102, 11 de outubro, p. 618; 1906.

⁵² *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 01; 1904.

termos de repercussão de seus escritos, uma vez que muito de seu material continua inédito até hoje, mais de duzentos anos depois. Outro ponto importante foi a relação estabelecida do periódico com o mercado editorial do período. No número 25 de *Os Anais*, a seção *A Livraria* trazia uma resenha feita por Domingos Olímpio da tese inaugural do Dr. Alberto Rodrigues, intitulada “*A pneumonia no Rio de Janeiro*”. O diferencial desta publicação foi o local onde foi publicada, a tipografia própria de *Os Anais*. Essa edição marca mais uma tentativa de angariar fundos para o periódico; além do uso das economias pessoais de Olímpio, das assinaturas realizadas e da venda de edições encadernadas, outra fonte de renda se iniciava: o uso da tipografia de *Os Anais* para a publicação de trabalhos de terceiros, em especial livros.⁵³

Não havia nenhuma propaganda em suas páginas, e sua forma de captar renda baseou-se inicialmente apenas na aquisição de assinaturas do periódico e na venda avulsa do mesmo. Ao desprezar a publicação de propagandas nas páginas de *Os Anais* privou-se de uma importante fonte de renda para a manutenção e continuação de suas atividades mesmo após a morte de seu idealizador. A partir da edição de número 26, de 13 de abril de 1905, começaram a ser publicadas pequenas notas sobre a venda de edições encadernadas do periódico. Essas notas se multiplicariam posteriormente e surgiriam diversas vezes em uma única edição, de maneira desordenada, demonstrando uma tentativa desesperada do editorial de se livrar de um material já impresso e encalhado. Algumas edições depois, *Os Anais* passou a apelar para outra forma de arrecadamento de capital: a realização de notas em favor da qualidade de sua tipografia e a disponibilização de suas instalações para a publicação de trabalhos de terceiros.⁵⁴

A inexistência de anúncios internos⁵⁵ também é expressiva, uma vez que, neste início de século XX, as publicações se abriam para os anúncios comerciais, fonte de renda importantíssima para a manutenção dos periódicos em circulação, no momento em que o jornalismo periódico passava por um processo de estruturação capitalista em termos de arrecadação de capital. Com o passar do tempo, o apelo do editorial para a venda de edições anteriores encadernadas se intensificou, e os anúncios deste tipo apareciam a todo o momento de forma desordenada em *Os*

⁵³ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 25, 06 de abril, p. 204; 1905.

⁵⁴ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 39, 13 de julho, p. 432; 1905.

⁵⁵ Anúncios de produtos apenas foram publicados nas capas e contracapas de *Os Anais*, material este que apenas pode ser consultado através das edições físicas compiladas do periódico.

Anais, chegando a ser publicados várias vezes em um único número, inclusive na vertical, onde o leitor teria que virar o impresso para compreendê-lo adequadamente. Outros tipos de anúncios corriqueiros foram às propagandas referentes à disponibilidade do maquinário da tipografia de *Os Anais* para os autores que porventura quisessem ter seus trabalhos publicados.

Com o passar do tempo, a ideia de edições colecionáveis se manteve, e o semanário passou a exaltar suas qualidades tipográficas, anúncio que surgiu pela primeira vez a partir do número 28, publicado no dia 27 de abril de 1905. O apelo do anúncio se referia à qualidade do maquinário supostamente moderno da Tipografia d'*Os Anais*, aberta à publicação de quaisquer “tipos de impressos” de seus refinados leitores. No entanto, se compararmos, em termos estéticos, a impressão de qualquer uma das edições de *Os Anais*, veremos facilmente a defasagem na paleta de cores e de texturas de suas páginas; basta tomarmos como exemplo as revistas em circulação no período, como *Kosmos* (1904-1909). Assim, conclui-se que as prensas de *Os Anais* eram apropriadas para impressos de menor complexidade e maior circulação, e, possivelmente, comportavam a publicação de livros, daí a importância de seções como *A Livraria*.

Por meio de uma análise diacrônica de *Os Anais* e seu contexto, para entendermos sua proposta e atuação, faz-se, necessário levar em consideração o lugar social no qual este foi produzido e o momento histórico este estava imerso. A agitação no âmbito da imprensa da época era enorme, em especial na transição do século XIX para o XX. Além disso, o cenário ímpar do momento histórico vivenciado pelos moradores do Rio de Janeiro acrescenta novas camadas a essa complexa conjuntura histórica.

Assim, pode-se perceber a dura realidade dos periódicos daquele período, não só em um contexto regional, mas também em âmbito nacional. Este fator explica-se uma vez que, apesar da existência de periódicos em circulação no país desde os primeiros tempos da chegada da Família Real como o *Correio Braziliense* publicado em Londres, a imprensa enquanto empresa capitalista ainda engatinhava no Brasil do século XX. A tentativa de aquisição de capital por outras vias, como na realização de assinaturas de *Os Anais*, não se mostrou bem-sucedida, na medida em que com um número expressivo de assinantes, *Os Anais* poderiam, pelo menos economicamente, manter-se em circulação. Já o caráter personalista da publicação também afetou *Os Anais* economicamente, já que, muito provavelmente os anúncios

da Loteria Federal, apenas eram endereçados para o periódico devido à influência de Olímpio e sua atuação de anos como fiscal deste ente público.

Tais escolhas atrelaram a existência de *Os Anais* à existência do próprio Domingos Olímpio; bastou o falecimento deste para que esse semanário deixasse de circular, entrando para o grupo de jornais e impressos que não resistiram às demandas mercadológicas do processo de profissionalização da imprensa.

3. CAPÍTULO II: DOMINGOS OLÍMPIO EM EVIDÊNCIA: TRAJETÓRIA POLÍTICA E IMPRENSA REGIONAL

“Jornais não são partidos. Mas como se parecem às vezes”

Francisco Weffort

O segundo capítulo deste trabalho abordará a trajetória de Domingos Olímpio antes de sua mudança para o Rio de Janeiro, momento este em que o advogado residiu durante muito tempo na província do Grão-Pará, consolidando sua carreira jornalística e adentrando de vez para a política.

Neste capítulo serão abordadas as relações e redes de sociabilidade construídas por Olímpio durante esse período pouco abordado de sua trajetória, aspectos fundamentais para compreender algumas de suas escolhas, bem como a decisão de Olímpio em mudar-se para a capital do país e arriscar-se na aventura da criação de seu próprio empreendimento: *Os Anais*.

3.1 Mudança de ares: Domingos Olímpio no Grão-Pará

Durante um pouco mais de uma década, Domingos Olímpio exerceu forte atividade jornalista e política no extinto estado do Grão-Pará. Desde sua chegada, em 1878, até a sua partida para o Rio de Janeiro, em 1890, Olímpio envolveu-se diretamente com alguns dos mais importantes periódicos de forte expressão regional, como o *Diário do Grão-Pará*, *Província* e *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* para citarmos apenas os mais importantes, seja como colunista e/ou colaborador temporário, seja como redator das empreitadas jornalísticas, ainda que, por algumas vezes, seu nome apenas aparecesse como redator por algumas edições.⁵⁶

Enquanto a biografia de Olímpio traçada no capítulo anterior apenas contemplava os livros que, de alguma maneira, abordaram a trajetória pessoal do autor, a imprensa contemporânea apresentou-se a ele como um importante instrumento para solucionar lacunas de sua história. A trajetória pessoal de Olímpio

⁵⁶ Tal caso ocorreu no jornal *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*, em que Domingos Olímpio aparece como um dos redatores das edições semanais ao lado do Dr. Santa Helena Magna. Foi justamente nesse periódico que ocorreu a mais ácida crítica a Olímpio durante o período em que este residiu na província do Grão-Pará. Ver: ***A Constituição: Órgão do Partido Conservador***. Belém do Pará: ano VII, nº 48, domingo, 29 de fevereiro, p.1; 1880.

foi fartamente registrada por um conjunto de jornais que resistiram até os dias de hoje, e se encontram disponíveis tanto nos meios digitais quanto nas hemerotecas de todo o país.

Logo quando de sua chegada na província do Grão-Pará, Olímpio passou a concentrar seus esforços em estabelecer-se econômica, social e politicamente na região. Mirando vários cargos no funcionalismo público e na imprensa, atuou como professor de Geografia do Liceu Paraense devido às suas boas relações com indivíduos importantes do local, que atuaram em favor de seu apadrinhado. O fato não passou despercebido pelo *A Constituição*, que lançou uma pequena nota alfinetando o ocorrido:

O sr. Carmo atendendo ao que por seu procurador requereu o bacharel Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, candidato ao concurso da cadeira de geografia do Liceu Paraense, resolver prorrogar por mais quarenta dias o prazo do concurso da referida cadeira, que devia terminar anteontem. É bem feliz esse sr. Domingos.⁵⁷

A manobra jurídica foi realizada para dar mais tempo para que Olímpio pudesse assumir o cargo, uma vez que o mesmo ainda estava no traslado para a região.⁵⁸ É interessante de se notar que, partindo do pressuposto de que realmente Olímpio deixou seu estado de origem para fugir do âmbito de influência da Oligarquia dos Acciolis, pouco tempo após a sua chegada ao Grão-Pará, Olímpio já conseguiu estabelecer relações políticas que lhe abriram oportunidades para a sua ascensão política e social,⁵⁹ tanto enquanto advogado de pessoas importantes,⁶⁰ como enquanto político.⁶¹

⁵⁷ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano V, nº 199, quinta-feira, 05 de setembro, p.3; 1878.

⁵⁸ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano V, nº 200, sexta-feira, 06 de setembro, p.3; 1878. Confirmar dados, chegada de Olímpio

⁵⁹ Na dissertação de mestrado “À sombra das palavras”, de Maria E. da Silva Alencar, a autora argumenta que não existe nenhuma menção a embates diretos de Olímpio contra a oligarquia dos Acciolis, fato interessante de se notar. Pode-se trabalhar com hipótese de que Olímpio escreveu em jornais de menor circulação, ou até mesmo foi completamente abafado pela notória influência daquela oligarquia naquela região. Tentar traçar os pormenores das rusgas entre Domingos Olímpio e os Acciolis também é um trabalho ainda a ser realizado e que fugiria do escopo desta pesquisa. Ver: ALENCAR, Maria Emília da Silva. **“À sombra das palavras”**: A Oligarquia Acciolina e a Imprensa (1896-1912), 2008. 242 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará.

⁶⁰ Como quando Domingos Olímpio defendeu João Victorino Silva da perseguição política de Jorge Sobrinho. Cf. **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano VII, nº 177, terça-feira, 10 de agosto, p.2; 1880.

⁶¹ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano VIII, nº 281, quinta-feira, 22 de dezembro, p.1; 1881.

De início, impressiona a reconhecida habilidade de Olímpio para conduzir os trabalhos dentro da redação de periódicos, já que ele tinha apenas 28 anos à época. *O Liberal do Pará* daria, em primeira mão, aos seus leitores, os bastidores de uma importante reunião do *Partido Conservador*. Na *Seção Livre* do jornal, em um artigo intitulado “*Marechal dos Fragatas*” assinado pelo pseudônimo “*O Renegado*” estava assim descrita uma passagem dos bastidores do *Partido Conservador*:

Vamos dar a notícia ao público da reunião conservadora do domingo último, conforme prometemos. [...] estando reunidos em casa do chefe do partido conservado, cerca de 200 pessoas, o mesmo chefe disse que o fim da reunião era para tratar-se de assuntos importantes, tais como a mudança do jornal órgão do partido, para a tipografia do “Jornal do Pará”, mediante a importância de 1:000\$000 mensal; que a “Constituição” estava mal redigida, porque defendia mais os interesses da igreja, do que do partido; e que finalmente tendo falecido um membro do grêmio era preciso preencher a vaga, e propunha para esse lugar o ínclito marechal dos *fragatas*!!!! Depois de grande discussão em que tomaram parte os srs. Cantão, Passos Miranda, José de O’, Domingos Olímpio e marechal dos fragatas, ficou assentado que o órgão do partido passava a ser propriedade dos srs. Santos & Irmão do “*Jornal do Pará*”, que ficava entregue a redação aos srs. Cantão, Miranda, D. Olímpio, Cruz e marechal dos fragatas, sendo que este último ficava como membro do grêmio, por se lograr hereditário.⁶²

Percebe-se que Olímpio, recém-chegado à província, já gozava de grande responsabilidade dentro do Partido, possivelmente por já ter se destacado outrora nas demais redações pelas quais havia passado, bem como pelo fato de ainda ser um jovem, no auge de seus 29 anos.

O artigo não perdia a oportunidade de alfinetar o *Partido Conservador* e seu líder, o Cônego Manuel José de Siqueira Mendes. Para além da narrativa presente no artigo, que expunha a preferência por um de seus apadrinhados políticos, cuja identificação não fica nítida na descrição, a matéria afirmava que já era sabido no meio jornalístico da movimentação política em torno de um controle mais atuante na redação do *A Constituição*. As farpas ali presentes demonstravam as hostilidades entre os periódicos frente às suas disputas políticas entre Liberais e Conservadores.

Desde já declaramos ao marechal *dos fragatas* que o autor d’estes artigos nunca foi em casa do chefe do Partido Liberal, como diz o marechal, oferecer seus serviços e nunca falou com ele que somente

⁶² *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 15, terça-feira, 20 de janeiro, p.2; 1880.

conhece- de cumprimentos. O autor d'estes artigos, tem caráter e convicções e não é como o marechal que tem sido tudo. E finalmente quem escreve estas linhas assume a responsabilidade d'elas com e onde quizer o *fragata mór*! Tenha coragem de aparecer.⁶³

A resposta dos conservadores viria duas edições mais tarde, em uma nota de tom sóbrio e contundente denominada “*A Constituição*”, publicada no mesmo *O Liberal*

Informa o órgão da ortodoxia conservadora, que em reunião política, presidida pelo rvmº. sr. cônego Siqueira Mendes, foi escolhido membro do diretório o sr. dr. Samuel Mac-Dowell, e nomeada nova comissão de redação, composta dos srs. Dr. Cruz, dr. Cantão, dr. Mac-Dowell, dr. Passos de Miranda, dr. Tocantins, dr. Júlio Mário, dr. Olímpio Braga, major Lameira, Júlio César, David Freire, e Manoel Cantuária. Se nada temos com a economia do partido dos nossos adversários, muito temos com seu órgão de imprensa. Tornar conhecida de todos a sua redação é fato importante que não pode deixar de ser notado; e muito mais importante é externar os auspícios com que a mesma redação é apresentada ao público. O Partido Conservador declara-se partido *da ordem*; logo não pode aprovar os distúrbios da corte. Declara-se sustentáculo do trono; logo aprofunda o vale que o separa do heterodoxo *Diário de Belém*, que não poupa a entidade que chama Rei. Declara-se enfim sustentáculo também do altar; logo arrepende-se do seu passado, pois, como atesta o insuspeito senador Cândido Mendes, conservador e católico, quando governa é o maior perseguidor da igreja. Muito estimaremos, que a *Constituição* cumpra seu programa, acudindo pressurosa ao seu posto de honra, com inexcusável patriotismo, como atalaia vigiante das instituições juradas, sustentando a ordem, sendo paladino da constituição, e baluarte inexpugnável do respeito à santa religião dos nossos maiores, de da defesa da Monarquia. Assim Deus ajude como sinceramente desejamos.⁶⁴

Entretanto, é interessante notar também que, ao mesmo tempo em que Domingos Olímpio foi bem recebido pelo Partido Conservador grão-paraense, por vezes, envolveu-se em divergências dentro do próprio partido, desentendimentos relatados na própria imprensa, em especial nas páginas de um jornal específico: *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*. Este foi um dos primeiros jornais a abrir suas páginas e sua redação, ao político cearense recém-chegado à província. No entanto, ora o jornal lhe cedia espaço, inclusive para que Olímpio comandasse sua redação, ora lhe transferia fortes e severos ataques, tendo sido, inclusive, nas

⁶³ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 15, terça-feira, 20 de janeiro, p.2; 1880.

⁶⁴ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 17, quinta-feira, 22 de janeiro, p.2; 1880.

páginas do *A Constituição* que uma importante polêmica envolvendo Olímpio, foi relatada enquanto este residiu no Grão-Pará.

3.2 Domingos Olímpio e a imprensa grão-paraense: rusgas e afagos

Antes de adentrarmos às passagens polêmicas de Domingos Olímpio pela imprensa da província do Grão-Pará, cabem aqui algumas reflexões acerca do trabalho do historiador com a imprensa; em especial, do papel desta como fonte histórica.

Na década de 1970 começaram a surgir trabalhos historiográficos que se utilizavam da imprensa como matéria prima para se obter informações sobre determinado período histórico ainda que de maneira discreta ao que Tania Regina de Luca destacou como um momento no qual passou a existir “uma relação estreita entre a diversificação das temáticas historiográficas e a escolha dos periódicos como fontes de pesquisa”, problemática esta que seria sanada pela historiografia brasileira algum tempo depois; aproximadamente, nos trabalhos posteriores a data de 1985.⁶⁵ O destaque ficava a cargo tanto da gama de assuntos abordados pela imprensa, quanto das questões adjacentes à produção de conteúdo pelos periódicos; o que permitia aos pesquisadores possibilidades historiográficas muito ricas. A autora afirma que

As renovações do estudo de História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da História Cultural, rederam frutos significativos.⁶⁶

Obviamente, ao mesmo tempo em que possui potencialidades, o trabalho com esse tipo de fonte requer muita atenção quanto as suas especificidades. Há de se levar em consideração, primeiramente, que os eventos narrados por meio das páginas dos periódicos não revelam a realidade em si dos eventos ali presentes. Todo o processo de feitura dos jornais exemplo citado aqui por ser justamente o tipo de fonte a ser abordada passa pelo crivo de diversos agentes, fator decisivo que

⁶⁵ LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 111-153.

⁶⁶ LUCA, op. cit., p. 128.

acaba por moldar a versão final do texto. Do escritor da matéria haja vista que a profissão de jornalista ainda viria a ser constituída tal qual a conhecemos, em meados do século XX, passando pela política editorial do órgão, geralmente impregnada com a sua visão política, chegando, ao final, à redação do jornal, que determinava o texto final a ser impresso. Além disso, as próprias características desse tipo de texto (objetividade, suposta verdade dos fatos e eventos ali relatados, imparcialidade, transparência etc.) impactam na maneira como nós, pesquisadores, lemos e interpretamos aqueles escritos.

O grande diferencial do trabalho acadêmico com jornais está justamente na riqueza de informações que os mesmos conseguem transmitir aos pesquisadores, como aponta Maria Helena Capelato ao destacar que é justamente

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das ideias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem ideias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riquezas de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.⁶⁷

Sendo assim,

Os jornais oferecem vasto material para o estudo da vida cotidiana, os costumes e práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia a dia estão registrados em suas páginas.⁶⁸

Resta claro que deve existir, por parte do historiador, o cuidado ao interpretar as matérias produzidas pelos jornais, na medida em que elas nunca serão neutras, respondendo a um conjunto de, como afirma Capelato, “práticas sociais” particulares ao próprio período de sua realização.

Em sua obra, Capelato demonstra a mudança substancial das interpretações acerca da metodologia no trato com o “documento-jornal”. Outrora desprezado pelos historiadores sob o signo de “fonte suspeita”, o jornal também chegou a ser exaltado

⁶⁷ Capelato, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 34.

⁶⁸ Capelato, op. cit., p. 34.

como repositório da “verdade”; dois postulados que passaram a ser questionados a partir dos novos estudos sobre imprensa na segunda metade do século passado, na medida em que os pesquisadores passaram a compreender de maneira mais nítida que

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador busca estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais.⁶⁹

A pesquisadora advoga no sentido de que o jornal, como fonte não deve ser interpretado como registro imparcial e/ou neutro frente aos acontecimentos, aos relatos, aos pareceres etc., nem tampouco ser justamente descartado pelos mesmos motivos. A imprensa se constitui como um importante instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida dos indivíduos para os quais essa se dirige, cabendo, então, ao historiador interpretá-la enquanto agente da história. Um trabalho de pesquisa coerente seria, de tal maneira responsável por desmistificar a atuação da imprensa, ao denotar de seus idealizadores sua própria consciência quanto a sua prática social.

Ao relatar um acontecimento, a imprensa determina também um viés interpretativo, uma vez que

Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado. O historiador, ao estudar a imprensa, tem que levar em conta esses aspectos. Questionar a imagem “imprensa, espelho fiel da realidade”, implica um trabalho de reconstituição do real em suas múltiplas facetas.⁷⁰

Além disso, vale ressaltar a problemática da intencionalidade das fontes históricas. José D’Assunção Barros resalta a voluntariedade (ou não) das fontes históricas quanto ao contexto de sua produção, ao afirmar que

Uma fonte histórica [...] pode trazer como marca de origem um gesto voluntário ou involuntário. Há implicações em uma ou outra dessas situações. [...] nas fontes de natureza autoral, pode estar implicada uma posição ideológica em relação aos fatos ou assuntos de que o texto trata. Isso é por si mesmo evidente em diversas situações: os

⁶⁹ Capelato, op. cit., p. 21.

⁷⁰ Capelato, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. Contexto, Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 21.

pontos de vista de um papa ou de um general estão comprometidos em relação às instituições que representam.⁷¹

E, pouco mais à frente

A “intencionalidade” de um texto - este gesto de escrever com o propósito de ser lido de uma certa maneira – traz implicações decisivas relacionadas à posição ideológica, intelectual ou afetiva de seus autores [...], e também relativas a inúmeros outros aspectos.⁷²

Assim, na medida em que um autor elabora seus escritos “sob o signo da intencionalidade”, esse almeja “determinado fim em relação a certo aspecto encaminhado pelo seu texto”, ou seja, “seu pensamento estará atuando diretamente no mesmo”. No entanto, a intencionalidade de uma fonte histórica não a desprovê de seus traços involuntários. Sendo assim, mesmo fontes como um decreto real, uma crônica ou uma correspondência, notórios exemplos de fontes produzidas intencionalmente, apresentarão atributos que lhes escapam para além do texto, e, conseqüentemente, da intencionalidade.

Para simplificar, todavia – embora seja preciso reconhecer que todas as fontes abriga aspectos involuntários -, podemos distinguir um grupo de fontes por “fontes voluntárias” – como as correspondências, as crônicas, as memórias, ou mesmo as fontes orais [...] – de outros tipos de fontes, as “involuntárias”, as quais incluem de um lado a vasta documentação comercial, cartorial ou paroquial, boa parte da documentação privada, e, de outro lado, a maior parte dos inúmeros objetos da cultura material.⁷³

Outro ponto que também merece ser destacado: o caráter público das fontes. Enquanto correspondências e diários possuem um caráter intimista, documentos de pessoas ilustres e importantes, crônicas jornalísticas, documentos régios etc. tem em si, como fator determinante, a finalidade de alcançar uma gama maior de pessoas e/ou público, de acordo com seu ponto de vista e convicções. Esse aspecto voluntário das fontes

[...] fica especialmente claro nas crônicas e outras fontes narrativas que constroem um discurso sobre os acontecimentos [...]. Essas são aquelas fontes históricas que foram produzidas para preparar uma

⁷¹ BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Editora Vozes, 2019, p. 40.

⁷² BARROS, op. cit., p. 40.

⁷³ BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Campinas: Editora Vozes, 2019, p. 42.

espécie de memória histórica para os homens de sua época e da posteridade, e que também podem ser chamadas de fontes testemunhais no sentido de que criam um discurso que visa a posterior recepção histórica.⁷⁴

Somando-se à intencionalidade da “confeção” da fonte, Barros também cita os trabalhos de Michel de Certeau (1925-1986) acerca do que este chamou de lugar de produção das fontes, na medida em que, em suas análises, o historiador deve levar em consideração desde a filiação institucional do autor, até as circunstâncias de produção de determinado texto, apontamentos que suscitam outra problemática: a voluntariedade (ou não) da produção de determinada fonte histórica. Assim, Barros argumenta que alguns tipos de fonte são produzidos “sob o signo da intencionalidade, visando determinado fim em relação a certo aspecto encaminhado pelo seu texto”, ou seja, atuando diretamente sobre seu texto. Em resumo, o historiador separa, a grosso modo, as fontes em dois tipos: as voluntárias (aquelas que possuem um caráter de produção consciente de sua intencionalidade pelo (s) sujeito(s) – correspondências, crônicas, memórias, fontes orais etc. -, e as fontes involuntárias – documentação comercial, cartorial, paroquial etc.⁷⁵

Vale ressaltar ainda que existem diferentes graus de intencionalidade na feitura das fontes. Ao abordar fontes narrativas como as crônicas, por exemplo, Barros chega a afirmar que existe uma característica duplamente voluntária, na medida em que estas são

[...] fontes que foram produzidas para preparar uma espécie de memória histórica para os homens de sua época e da posteridade, e que também podem ser chamadas de fontes testemunhais no sentido de que criam um discurso que visa a posterior recepção histórica. A figura do autor é sempre carregada de intenção. Poderia ser de outra maneira?⁷⁶

No livro *A fonte histórica e seu lugar de produção*, obra complementar de Barros acerca do mesmo tema, o pesquisador faz um paralelo interessante ao comparar o ofício do historiador, em que este produz o seu texto e o local de produção da(s) fonte (s) as quais este se debruça para realizar sua pesquisa, ao afirmar a complexidade de se contextualizar ambos, pois:

⁷⁴ BARROS, op. cit., p. 44.

⁷⁵ BARROS, op. cit., p. 42.

⁷⁶ BARROS, op. cit., p. 44.

Na verdade, a mesma sujeição a um lugar - físico, temporal, social, cultura: histórico! – ocorre com qualquer intelectual, artista, escritor ou autor de textos, mesmo que estes sejam manuscritos sem maiores pretensões, tais como os diálogos íntimos escritos por um indivíduo desconhecido ou as cartas trocadas entre pessoas comuns. É no seio da sociedade e de uma cultura que podemos elaborar um texto qualquer; e, a despeito das peculiaridades e singularidades que possa um autor ter como suas, nenhum texto pode ser escrito a não ser no encontro de muitas histórias ao mesmo tempo o incluem e o transcendem, mesmo que delas o autor não se perceba.⁷⁷

Para Barros, a noção de “lugar de produção” assume implicações e potencialidades muito amplas:

[...] para as mais variadas fontes históricas com as quais trabalham os próprios historiadores em seu objetivo de elaborar reflexões sobre as sociedades humanas do passado ou sobre os processos históricos que nelas se desenvolveu, e que talvez ainda repercutam, de alguma maneira, em nosso próprio tempo.⁷⁸

Assim, pode-se compreender os periódicos como excelentes exemplos de fontes voluntárias, com destaque ainda para os jornais diários de cunho partidário, que se constituíram (e constituem) como alicerces ideológicos de grupos políticos. Os jornais *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* e *O Liberal do Pará* os principais jornais que citaram Domingos Olímpio durante sua permanência na província do Grão-Pará são dois exemplos claros da intencionalidade das fontes históricas, apesar de, como ficará claro mais à frente, não ser este um processo tão simples, nem muito menos homogêneo, tal qual as “idas e vindas” em relação a seus posicionamentos.

A acusação mais séria pela qual Domingos Olímpio passou foi feita pouco tempo após a sua chegada à província do Grão-Pará. Sairia no jornal *O Liberal*, do dia 12 de março de 1880, número 58, a seguinte notícia:

O sr. Cardoso de Andrade diz que achando-se sobre a mesa as informações que requerera à presidência da província, pede que se lhas mande dar. (É *satisfeito*. – Continuando). Quando há pouco dias requereu por cópia o pedido que fizera um bacharel em direito, na qualidade de *retirante* cearense, de um lote de terreno na colônia de Benevides, sabia que esse bacharel, que tanto grita em prol dos cearenses, chamava-se Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, o

⁷⁷ BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Campinas: Editora Vozes, 2020, p. 14.

⁷⁸ BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Campinas: Editora Vozes, 2020, p. 15.

mesmo que teve o [ilegível] procedimento de tentar usurpar de seus patrícios e de suas famílias o favor que lhes dispensa a caridade oficial. Fatos e não palavras, a assembleia vai ouvir, pelo que ele vai ler, os motivos que então teve para acusar não podem ser acoimados de injustos.⁷⁹

Na mesma matéria foram publicadas as reproduções do ofício emitido pelo deputado Joaquim Cardoso de Andrade inquerindo quanto ao nome do bacharel que havia solicitado terras ao Estado a resposta da Secretaria da Presidência do Grão-Pará confirmando que o pedido havia sido feito pelo próprio Domingos Olímpio, e ainda o próprio requerimento assinado por Olímpio solicitando terras na condição de “*retirante cearense*”. Apesar da gravidade da acusação, o assunto simplesmente deixaria de ser mencionado novamente pelo periódico.

Apesar da gravidade da acusação noticiada pelo jornal de oposição a um Domingos naquele momento, filiado ao Partido Conservador, ao invés de uma cobertura um pouco mais aprimorada e minuciosa acerca do evento mencionado, *O Liberal* passou a continuar apenas noticiando a vida profissional de Olímpio, através de suas incursões para adentrar no funcionalismo público,⁸⁰ e sua constante atuação na imprensa, inclusive à frente de diversos periódicos: um deles o *A Constituição*.⁸¹

Além disso, pelas páginas da imprensa grão-paraense pode-se perceber uma outra vertente de Olímpio: o teatro. É sabido que, desde sua juventude, Domingos Olímpio possuía fortes ligações com o teatro, tendo inclusive atuado como ator e escritor de várias peças. Grande parte dessa trajetória ficou marcada na tradição cultural cearense; em especial, na cidade de Sobral, terra natal de Olímpio, sendo lembrada até os dias atuais.⁸² Domingos Olímpio passou a atuar como representante legal da Sociedade Lírica Paraense, responsável por cuidar de seus interesses enquanto “empresa” do segmento cultural, ao organizar os encontros de seus acionistas e defendê-los em momentos nos quais as querelas surgiam.⁸³

Em um artigo denominado “*Auto de flagrante*”, o jornal *O Liberal* publicava um desses infortúnios, ocorrido no dia 2 de setembro de 1880:

⁷⁹ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 58, sexta-feira, 12 de março, p.1; 1880.

⁸⁰ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 68, quarta-feira, 24 de março, p.2; 1880.

⁸¹ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 43, terça-feira, 24 de fevereiro, p.2; 1880.

⁸² Ver: SANTOS, Edilberto Florência dos. **Entre melodramas, e comédias: vida teatral, sociabilidade e costumes em Sobral-CE (1867-1927)**, 2018. 277 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará.

⁸³ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 244, quarta-feira, 27 de outubro, p.3; 1880.

Pela secretaria de polícia foi-nos fornecido o seguinte documento, que publicamos com a devida vênia: [...] tendo a empresa lírica paraense procurado o chefe de polícia, o exmo. sr. dr. Honório Teixeira Coimbra, no camarote respectivo, representada pelo dr. Jaime Pombo Brício, Avelino Tavares Cardoso, dr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti e o gerente Thomaz Passini, afim de reclamar a intervenção policial e o cumprimento do contrato por parte dos cantores Philomena Savio e Hugo Gigli, que absolutamente se recusavam a continuar a cantar na ópera “Lucrecia Borgia”, cujo 1º ato se tinha findado; compareceu na caixa do teatro o mesmo dr. chefe de polícia e procurou convencer que não podiam os ditos cantores se recusar a cantar a referida ópera, segundo tinha sido anunciada, e que, a não se prestarem a essa intimação e ao cumprimento dos respectivos contratos, ser-lhes-ia aplicada a pena correccional de trata o regimento do teatro.⁸⁴

O imbróglio não acabaria bem. A sra. Philomena Savio questionou os argumentos da autoridade policial, arguindo que não reconhecia na autoridade policial competência para que a mesma fosse obrigada a cantar caso assim desejasse, inclusive fazendo pouco caso da advertência de que seria conduzida ao cárcere caso mantivesse a sua recusa. Naquele momento, Philomena já se encontrava despida das vestes de apresentação, tendo inclusive usado deste “argumento” para manter a sua obstinação em reafirmar suas posições. Quanto ao tenor Hugo Gigli, o artista mantinha uma linha de argumentação parecida, apenas baseando-se na justificativa de que seu contrato não previa a obrigatoriedade de sua apresentação. Coube, então, ao senhor Chefe de Polícia, Dr. Honório Teixeira Coimbra esclarecer aos artistas que tais pontos deveriam ter sido liquidados antes do anúncio e do início do espetáculo, arguindo ainda que os respectivos pontos apresentados não se sustentavam na medida em que já havia ocorrido o primeiro espetáculo da mesma ópera, sem que houvesse nenhuma manifestação contrária por parte dos artistas. Fazendo valer o próprio estatuto do teatro paraense, ambos tiveram voz de prisão, e foram informados que estariam presos pelo período de 30 dias.

Por meio dos exemplos citados acima, percebe-se como, ainda jovem, Domingos Olímpio conseguia perceber os potenciais econômicos dos empreendimentos nos quais estava envolvido, aproveitando-se das oportunidades que uma promissora trajetória social e política lhe forneciam. Basta nos atentarmos

⁸⁴ **O Liberal do Pará.** Belém do Pará: ano XII, nº 201, sábado, 04 de setembro, p.1; 1880.

para um importante sinal da bonança de Olímpio: sua condição financeira. A edição de número 274 do jornal *O Liberal* rompia com as suas costumeiras quatro páginas habituais para elencar todos os nomes dos homens abastados da província que estavam aptos a votarem e serem votados, chegando a um total de vinte páginas naquela edição. Entre as páginas onze e doze figurava o nome de Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, à época viúvo de sua primeira esposa, cidadão elegível, possuidor de um patrimônio de 2:400\$, quantia esta inclusive bem acima de alguns dos outros nomes citados.⁸⁵

Além disso, sua influência também ia sendo construída na medida em que Domingos Olímpio participava rotineiramente da imprensa, com artigos que, inclusive, despertavam elogios de periódicos mais inclinados a um papel de oposição à sua atividade no Partido Conservador. A edição de domingo, dia 31 de outubro de 1880, trazia uma análise profunda do editorial de *O Liberal* de um artigo de Domingos Olímpio publicada no dia anterior no periódico *A Província*. Denominado *Ainda o canal interoceânico*, o artigo trazia os comentários de um Olímpio afinado com as questões diplomáticas de seu período, sustentando seus argumentos através de uma relação de proximidade com os Estados Unidos, local onde, alguns anos mais à frente, desempenharia papel fundamental na chamada “Missão de Washington”.

O comentário acerca do artigo de Domingos era demasiadamente lisonjeiro ao creditar ao artigo um conjunto de

Ideias tão grandiosas, tão altamente vantajosas, não a um povo, mas à humanidade [...] como sementes preciosas [...] sobre a terra ainda mesmo não preparada, elas podem custar a desabrochar, podem lutar contra uma infinidade de condições contrárias ao seu desenvolvimento, mas não perecem jamais; são necessárias ao progresso do mundo; cedo ou tarde irrompem belas, cheias de vigor e multiplicando maravilhosamente seus benéficos frutos.⁸⁶

Discutia-se na matéria a criação do Canal do Panamá, que à época, vinha sendo encabeçada pela França, que chegou a dar início ao andamento das obras. Os problemas enfrentados pelo país eram relatados no artigo, que ressaltava justamente as grandes despesas da iniciativa, afinal, “sem capital, é enganar,

⁸⁵ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 274, quinta-feira, 02 de dezembro, p.11-12; 1880

⁸⁶ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 248, domingo, 31 de outubro, p.2; 1880.

nada se faz”, em um tom quase que apelativo aos acionistas do mercado financeiro, ao apontar que o risco do empreendimento seria compensado num futuro caso houvesse uma maior adesão do grande capital. O acúmulo de intempéries enfrentadas pelos franceses (custos, mortandade dos trabalhadores, alta complexidade da engenharia do local, dentre outros), levaram o país europeu a abandonar a empreitada, que viria a ser retomada pelos Estados Unidos em 1904, e finalizada em 1914.

A obra era vislumbrada pelo artigo, em consonância com os pontos de vista levantados por Domingos Olímpio, como baluarte do progresso das nações desenvolvidas, com destaque para o caráter eurocêntrico do texto. Nem mesmo os Estados Unidos da América eram poupados de críticas. O artigo buscava estabelecer paralelos do Brasil com as grandes nações do mundo, do oriente ao ocidente. Ao apontar os desdobramentos diplomáticos da China que, naquele momento, passava a fortalecer os laços com o Brasil; ao que o editorial do *Liberal* julgava ser aquele um movimento aventureiro, em uma iniciativa que se baseava no desconhecimento profundo da região. Arguia-se que o papel do Brasil deveria ser inspirado numa diplomacia que vislumbasse o potencial futuro da construção do canal, e ainda o papel pioneiro que o Brasil poderia desempenhar na região; papel esse que, inclusive, se distanciaria dos posicionamentos mais “isolacionistas” dos Estados Unidos, postura predominante quando da escrita do artigo. Estariam em jogo aqui novas estratégias comerciais de alcance mundial, com destaque para o recentemente inaugurado Canal de Suez (1869) que promoveu a revolucionária rota entre o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo. Findava o artigo com a mensagem de que apenas uma nação alinhada ao progresso poderia ser pioneira na defesa de iniciativas de alto risco como essas, nações que deveriam manter fortes laços diplomáticos com os países tidos por baluartes do progresso (EUA, França, Inglaterra), sem, no entanto, abdicarem de seus interesses particulares.

A atuação de Domingos Olímpio continuava intensa, sendo que Olímpio circulava por dentro das redações dos principais jornais do Grão-Pará. Ainda que nem sempre seu nome surgisse de maneira positiva em algumas matérias, Domingos nunca deixou de exercer papel fundamental na imprensa. No dia 26 de agosto de 1881, o jornal *Diário de Notícias* publicava a despedida de Domingos Olímpio de sua redação. Noticiava aquela folha que

Por motivos, que reputamos justos, deixou de fazer parte da redação desta folha o sr. Dr. Olímpio B. Cavalcanti. Ao bom e distinto colega, cuja separação sinceramente sentimos, não só agradecemos as frases lisonjeiras, que bondosamente nos dirigiu ao despedir-se, como também a sua ilustrada cooperação, durante o tempo que trabalhamos juntos, e no qual deu-nos inequívocas provas de excelente camarada.⁸⁷

Para, logo em seguida, publicar a íntegra da carta de Olímpio informando seu desligamento do *Diário*, bem como o motivo para tal decisão.

Não podendo permanecer na redação do *Diário de Notícias*, pelo fato de propor-me a fundar uma outra empresa jornalística, declaro que declino da honra de fazer parte dessa conceituada e ilustrada redação, e prevaleço-me da oportunidade para significar-lhe os meus sinceros agradecimentos pelas atenções que sempre lhe mereci, fazendo votos para que o *Diário de Notícias* continue a trilhar com convicção e coragem a honrosa carreira que tem excitado Sempre com estima, subscreve-me. De v. Am^o at^o e cr^o obr^o., Domingos O.B. Cavalcanti.⁸⁸

Pouco mais de um mês depois do desligamento de Olímpio da redação do *Diário de Notícias*, caberia ao mesmo jornal noticiar o novo empreendimento jornalístico ao qual Domingos Olímpio debruçaria as suas forças: o *Jornal da Tarde*, fundado no dia 28 de setembro de 1881, que, ao contrário do que sugeriria a carta de despedida de Olímpio, não lhe pertencia

Apareceu anteontem mais um órgão da nossa imprensa diária, intitulado *Jornal da Tarde*. É de propriedade dos srs. Antônio F. da Costa e C.^o e é seu redator principal o sr. Dr. Domingos Olímpio. Em seu programa declara o novo campeão: “que não se alista sobre outra bandeira que não seja aquela que simboliza os legítimos interesses da província, procurando sempre evitar as lutas estéreis dos partidos políticos, enquanto isso não for obrigado pelo dever da missão a que se propõe”. O *Jornal da Tarde* consagrou o seu primeiro número à memória do grande estadista, que promulgou a lei de 28 de Setembro e cujo retrato ilustra a sua 1^a página. Recebemos o seu primeiro número e agradecendo, fazemos votos pela sua prosperidade, desejando ao digno colega a mais longa existência.⁸⁹

⁸⁷ *Diário de Notícias*. Belém do Pará: ano II, nº 192, sexta-feira, 26 de agosto, p.2; 1881

⁸⁸ *Diário de Notícias*. op. cit., p.02.

⁸⁹ *Diário de Notícias*. Belém do Pará: ano II, nº 221, sexta-feira, 30 de setembro, p.2; 1881

Entretanto, a longevidade de Olímpio à frente do periódico não se sustentaria por muito tempo. A edição de número 266 do *Diário de Notícias* traria a seguinte nota

O sr. Domingos Olímpio pede-nos a publicação das seguintes linhas: Na edição de ontem praticou-se um abuso de confiança com a publicação do artigo sob a epígrafe – Encarcerada –, que eu havia, como redator e único responsável daquele jornal, repellido como inconveniente e destoante da verdade, por mim conhecida. Em virtude disso faço público que deixo de ser redator daquela folha. Belém, 23 de novembro de 1881. Domingos Olímpio B. Cavalcanti.⁹⁰

Infelizmente, esta pesquisa não obteve acesso à referida edição do *Jornal da Tarde*. Entretanto, resta claro que houve uma incisiva divergência entre os proprietários do periódico e seu diretor, muito provalmente pela deturpação do fato citado, possivelmente uma querela criminal conhecida de Olímpio graças a sua constante atuação como membro de júri⁹¹ e advogado criminalista.⁹²

Paralelamente, Domingos continuava desenvolvendo outros trabalhos como advogado, participando ativamente da política local e tendo atuado, por exemplo, como representante legal de membros do Partido Conservador nas eleições de 1881.⁹³ É sabido do caráter pouco respeitoso do transcorrer das eleições durante esse período histórico, havendo abusos, falsificações e coerções de ambos os lados envolvidos nas disputas políticas. Entretanto, casos comprovados de falsificações eleitorais eram apresentados com destaque pela imprensa. O *Diário de Notícias* publicou no dia 26 de outubro daquele ano a seguinte nota:

A que vimos no domingo, à tarde, foi nos mostrada pelo dr. Domingos Olímpio, que, desconfiando dela, entregou ao sr. Mariano Ardasse para examinar, como examinou, confrontando com uma outra. Achavam-se presentes na ocasião os srs. José Inácio de Farias, Joaquim Ramos, Bertino Barbosa de Lima e Antônio Frutoso da Costa. O sr. Dr. chefe de polícia está procedendo as mais severas averiguações, e ver se descobre os *honrados emissores*.⁹⁴

⁹⁰ *Diário de Notícias*. Belém do Pará: ano II, nº 266, quarta-feira, 23 de novembro, p.2; 1881

⁹¹ *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 230, domingo, 10 de outubro, p.1; 1880.

⁹² Ao longo de todo esse trabalho, várias foram as citações de Domingos Olímpio como advogado criminalista, muitas vezes denominado pelo juiz responsável pelo caso como defensor público. A título de exemplo, ver as seguintes edições: *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 100, domingo, 02 de maio, p.2; 1880, e *O Liberal do Pará*. Belém do Pará: ano XII, nº 101, terça-feira, 04 de maio, p.1; 1880.

⁹³ *Diário de Notícias*. Belém do Pará: ano II, nº 248, quarta-feira, 01 de novembro, p.2; 1881

⁹⁴ *Diário de Notícias*. Belém do Pará: ano II, nº 243, quarta-feira, 26 de outubro, p.2; 1881

É interessante notar que as notícias acerca de Domingos Olímpio na imprensa, em especial em periódicos como *O Liberal*, por exemplo, noticiavam tanto situações benéficas quanto desvantajosas para o advogado, jornalista e aspirante a político Domingos Olímpio.

Uma importante polêmica envolvendo o nome de Olímpio se deu quando este era ainda jovem, aos 31 anos de idade, durante uma reunião da Assembleia Legislativa do Estado do Grão-Pará ocorrida em uma segunda-feira, dia 16 de outubro, do ano de 1882 na capital do estado. Nela, um grupo de manifestantes formados por alguns nomes conhecidos da política local, buscava interromper os trabalhos da seção por divergências políticas. Em um artigo denominado “*Cena de canibalismo*”, publicado pelo jornal *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*, narrava assim o desdobramento dos fatos:

Os asseclas da comissão central, capitaneados pelos srs. drs. Américo Santa Roza, Vicente Miranda, Felipe Lima e Demétrio Bezerra depois de interromperem, por três vezes, os trabalhos da Assembleia com apupos e pedradas, quebraram todas as rotulas e vidraças do salão, onde funciona aquela corporação, e atiraram para o recinto uma grande porção de pedras, inutilizando as carteiras e cadeiras com os bancos atirados das galerias.⁹⁵

No transcorrer na matéria, o imbróglio é relatado como um incidente anteriormente premeditado, cuja ameaça teria sido até mesma conhecida por todos os membros do colegiado de antemão, uma vez que envolviam o descontentamento de alguns políticos filiados ao Partido Conservador, que, no entanto, flertavam também com o Partido Liberal, devido aos interesses financeiros, uma vez que muitos dos ali presentes eram sócios da empresa *Bondes Paraenses*. Segundo o próprio noticiário, todo o ato havia sido anteriormente premeditado e já era esperado por parte dos políticos que ali estavam presentes devido ao tom da edição daquele mesmo dia do jornal *Liberal*. Todavia, o desdobramento dos atos de protesto chocou os redatores do *A Constituição*, tanto pelo grau de “selvageria”, quanto pelo fato de ter envolvido populares, empregados da câmara e políticos. Continua:

O ato de selvageria [...] é digno de quem os ordenou. Devem estar satisfeitos os *soi disani* liberais desta terra. Não temos expressões

⁹⁵ *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*. Belém do Pará: ano IX, nº 228, terça-feira, 17 de outubro, p.1-2; 1882.

com que qualificar, ao justo, os crimes, hoje cometidos pelos sicofantas, instrumentos dos Srs. da comissão central. [...] sabemos que se achavam [ali] os Srs. bacharel de Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, José Galdino da Silva, o filho mais velho do sr. Francisco Gaudêncio da Costa, Camilo Nobre, Joaquim Lúcio, Antônio Rodrigues da Luz, Antônio Pinto Monteiro e José Batista da Silva Barros, o morador ao lado do edifício da assembleia, de cuja casa foram fornecidas pedras e barricas com lixo.⁹⁶

E, com indignação, prossegue a diante:

A força pública, que foi posta à disposição do presidente da Assembleia, nada fez; nem podia fazer, porque o comandante das armas é acionista da nova empresa de bondes e disse que *a tropa só serve para a guerra e não para espaldeirar o povo, que é soberano, etc, etc...* chegando ao ponto de desrespeitar ao próprio sr. dr. chefe de polícia. Em conclusão, podemos dizer que os selvagens que destruíram o edifício da Assembleia, não chegariam a obedecer tão cegamente a ordem da “comissão central”, se não contassem com a inação e parcialidade do sr Moraes Rego, que teve a sem cerimônia de apresentar-se à paisana e de declarar, na antessala da Assembleia, que era “acionista da nova empresa e que queria bondes de tostão”.⁹⁷

No dia seguinte, *A Constituição* retomaria os eventos transcorridos anteriormente, dessa vez com mais alguns detalhes no artigo intitulado *Negócios da assembleia provincial*.

Sob este *rótulo*, dois capangas, alugados à comissão central dizem [...] que nenhuma parte tomaram nos vergonhosos acontecimentos de anteontem, na assembleia provincial. Ontem, nomeamos algumas testemunhas que assistiram ao *prólogo da cabanagem*, ensaiado pela *comissão central*, no edifício da assembleia [...]. As mesmas testemunhas viram o bacharel Domingos Olímpio, açular a malta de faxineiros *et reliqui* para quebrarem as janelas e resistirem à força pública. Se quem assim procede é um elemento da ordem, podemos avalias o que será quando se confessar amotinador.⁹⁸

Toda essa contenda política era justificada pelo *A Constituição* como fruto das divergências internas dentro do próprio Partido Conservador, com destaque para Olímpio, que “apesar dos grandes esforços que fez, não foi contemplado na lista dos

⁹⁶ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 228, terça-feira, 17 de outubro, p.1-2; 1882

⁹⁷ **A Constituição:** op. cit. p.2.

⁹⁸ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 229, quarta-feira, 18 de outubro, p.1; 1882.

esputados provinciais”.⁹⁹ Apesar do jornal também acusar outro membro do próprio partido, Joaquim Lúcio, como um dos arquitetos do protesto, o foco de sua crítica se manteve na figura de Olímpio, cuja índole também seria severamente atacada na matéria

Domingos Olímpio é conhecido pela versatilidade de caráter. Aproveitou a ocasião para, prestando serviços ao Partido Liberal, (não dizemos bem) aos ilegítimos diretores do Partido Liberal ver se consegue ser acolhido por estes, não obstante ser muito bem conhecido, também nos arraiais contrários. O que não dirão os que viram o sr. Olímpio Braga insuflando os apedrejadores? [...] Não podemos, porém, deixar passar sem resposta as injúrias com que pretendem negar o que lhes é geralmente atribuído. O sr. Domingos Olímpio falando em servilismo inconsciente!....¹⁰⁰

Dois dias depois, *A Constituição* retomou o assunto, dessa vez em um artigo tão incisivo quanto, porém com um caráter mais técnico, ao cobrar alguma atitude das autoridades locais no texto intitulado “*À Procuradoria pública*”, que citava os artigos nº 103 e nº 178 do código penal vigente à época, que imputavam penas de prisão com trabalhos voluntários pelo período de dois a oito anos para quem obstruísse o andamento dos processos das assembleias legislativas provinciais; e de dois meses a quatro anos, além de multa de cinco a vinte por cento do valor do dano causado ao bem público, respectivamente. O próprio *A Constituição* se encarregou de investigar quem foram os partícipes do ato, nomeando, ao todo, vinte e sete indivíduos logo em seguida.¹⁰¹ Autoproclamado porta voz da sociedade paraense, “afrontada” moralmente com o episódio, exigia uma atitude rígida da

⁹⁹ **A Constituição:** op. cit. p.1.

¹⁰⁰ **A Constituição:** *Órgão do Partido Conservador*. Belém do Pará: ano IX, nº 229, quarta-feira, 18 de outubro, p.1; 1882.

¹⁰¹ São eles, na ordem e maneira tal como citados no artigo: Américo Marques da Santa Rosa, diretor de instrução pública e membro do diretório liberal, Vicente Chermont de Miranda, vereador da Câmara Municipal e também membro do mesmo diretório, Felipe José de Lima, Demétrio Bezerra da Rocha Moraes, Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, Coronel José Ângelo de Moraes Rego, José Gualdino da Silva, Camilo d’Araújo Nobre, Joaquim Lúcia d’Albuquerque Melo, Antônio Rodrigues da Luz, empregado da Câmara Municipal, Antônio Pinto Monteiro, José Batista da Silva Barros, José Joaquim da Gama e Silva, José Luiz da Gama e Silva, inspetor da tesouraria de fazenda, Celso da Costa e Cunha, Joaquim F. Cardoso Danin, Jaime Brício da Gama e Abreu, Luiz de França Braga, escrivão, Manoel H. da Cunha Lima, idem, Raimundo Fausto Perdigão Cardoso, secretário de saúde do Porto, Cesário Mateus, João Lúcio de Azevedo, Tomé de Vilhena, Manoel Piraíba; Augusto de Santa Rosa e o filho mais velho do sr. Francisco Gaudêncio da Costa.

procuradoria sob a pena de que “nós nos empenharemos pela punição deles, caso de serem eles hoje acobertados com a impunidade.”¹⁰²

Domingos Olímpio também utilizou-se, naturalmente, da imprensa para responder aos ataques que lhe eram feitos pelo *Constituição*, nas páginas de outro impactante periódico da região, o *Diário do Grão-Pará*,¹⁰³ sendo quase que instantaneamente rebatido pelo *A Constituição*. No dia 21 de outubro de 1882, viria a público uma pequena nota intitulada “Ao sr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti”, na qual se lia:

Aos desaforos com que nos brindou hoje o sr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, pelo *mictório* ou cano de esgoto - *Diário do Grão-Pará*, só podemos responder parafraseando o que disse o inglês a uma regateira que o descompunha – V. é tudo isso e muito mais.....OLÍMPIO BRAGA. E... vá muito caladinho roendo os dois *contecos*...¹⁰⁴

A partir de então, as citações a Domingos Olímpio, assumem um tom radicalmente distinto nas páginas do *Constituição*. Quase dois meses depois do ocorrido, Olímpio é nomeado procurador fiscal,¹⁰⁵ fato este noticiado pelo *A Constituição*, passando a atuar em ações políticas de destaque.¹⁰⁶ Dentre elas, tornou-se membro da Comissão Central Emancipadora do Pará,¹⁰⁷ ao lado dos também bacharéis José Antônio Ernesto Para-assú e Benedito Antônio de Oliveira Cotta, responsáveis por instruir os escravos que desejassem comprar a sua liberdade. A participação de Olímpio foi decisiva, fato que contribuiu para a história de Benevides, que, posteriormente, ganhou a alcunha de “o berço da liberdade”, graças ao seu pioneirismo na libertação dos escravos naquele estado, e no Brasil.

A matéria do dia 1 de abril de 1884 relatava o evento, que contou, inclusive, com a presença do então presidente da província, o Visconde de Maracaju:

¹⁰² **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 231, sexta-feira, 20 de outubro, p.2; 1882.

¹⁰³ Não estavam disponíveis digitalmente exemplares do *Diário do Grão-Pará* anteriores ao ano de 1883 até o mês de outubro de 2021, quando da redação final deste trabalho.

¹⁰⁴ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 232, sábado, 21 de outubro, p.1; 1882.

¹⁰⁵ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 274, quinta-feira, 14 de dezembro, p.1; 1882.

¹⁰⁶ Fora da esfera pública, Domingos Olímpio também ajudou vários cearenses que migraram para a província do Grão-Pará para a colonização da região e extração da borracha, tendo sido fortemente saudado na imprensa cearense. Ver: **Pedro II**, Fortaleza, ano 41, nº 38, 15 de maio, p.1; 1881 e **O Cearense**. Fortaleza, ano XXXV, nº 101, sexta-feira, 13 de maio, p. 2; 1881.

¹⁰⁷ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano X, nº 152, sexta-feira, 08 de junho, p.2-3; 1883.

A data de 30 de março marca uma nova fase na história desta província. Benevides declarou-se livre! Para assistir a esta festa, que esteve esplêndida, seguiram d'aqui o sr. presidente da província, diversos cavalheiros e alguns representantes da imprensa. Ao meio-dia, e sob a presidência do sr. dr. Pinto Braga, teve lugar a abertura da seção solene da sociedade abolicionista da localidade orando o sr. dr. Domingos Olímpio por parte da mesma sociedade. [...] Foram depois entregues seis cartas de liberdade aos últimos escravos que tinha a colônia. [...] Foi assim que Benevides, celebrou a sua redenção, foi assim que numa das localidades desta rica província os seus habitantes festejaram a mais esplêndida vitória dos tempos odientos: a liberdade de seus irmãos.¹⁰⁸

Quase dois anos após o incidente da Assembleia, o nome de Domingos Olímpio surgiria mais uma vez no *A Constituição* de maneira negativa, dessa vez em virtude de problemas que envolviam outro jornal famoso da região; o *Diário do Grão-Pará*, no qual Olímpio era um dos redatores. Na edição da véspera do Natal de 1884, *A Constituição* publicava uma longa carta do senhor B. Caymari que teria repercussões nas edições seguintes do jornal. Nela, Caymari afirmava estar sendo difamado pelo *Diário*, em virtude de uma suposta dívida do mesmo para com o jornal. A carta iniciava-se da seguinte maneira:

Não me conhece a gente que está escrevendo o Diário do Grão-Pará. Meteu-se-lhe agora na cabeça fazer-me caretas com intrigas políticas, e citar a todo propósito o nome do honrado exm. sr. cônego Siqueira Mendes. Tolice. Para mostra o medo de que estou possuído declaro: - aqui ou algures, onde tiver uma folha em que eu possa influir, nunca permitirei ainda a mais leve agressão ao exm. sr. cônego Siqueira Mendes, um dos mais distintos filhos do Pará, que tem honrado sempre com a sua amizade e a quem devo as maiores finezas; assim como – durante os três meses que dirigi o *Diário de Belém*, e que foram todos sob a administração do exm. sr. dr. Roso Danin, não deve esta folha senão palavras de louvar para o ilustre paraense, que aliás mereceu-o sempre.¹⁰⁹

Caymari, que afirmava não ter “medo de caretas”, afirmava que o *Diário* promovia intrigas em suas páginas, buscando tanto macular a imagem de desafetos políticos, quanto promover intrigas nos mesmos. A intriga “grossa e vil”, segundo

¹⁰⁸ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XI, nº 75, terça-feira, 01 de abril, p.1; 1884.

¹⁰⁹ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XI, nº 291, quarta-feira, 24 de dezembro, p.2; 1884.

Caymari, consistia na divulgação pelo *Diário* que o autor possuía diversas dívidas na região e ameaçava o mesmo com a sugestão de que poderia publicar uma carta de José Gualdino da Silva que corroboraria com a acusação.

Ameaçam-me com a publicação de uma carta dirigida a um cavalheiro, que não quis responder-lhe, em que se me atribui proposições contrárias ao crédito de vários comerciantes desta praça, a maior parte dos quais meus amigos muito dedicados. É uma *chantage*. Com muita antecedência precavi-me contra todas as infâmias que me podiam ser atribuídas por uns sujeitos que nada tendo a perder julgam que são eitos todos os meios de bater dinheiro. A carta, se o *Grão-Pará* publicá-la, vê-lo-á o leitor, não tem senão o valor de uma intriga grosseira e vil.¹¹⁰

Em resumo, Caymari continuava sua narrativa se defendendo das acusações ao alegar que suas supostas dívidas eram infundadas e que as acusações se deviam tanto por intrigas quanto pelo fato de que a própria estrutura dos negócios da região do Grão-Pará (falta de agências bancárias e casas de câmbio) não comportava certos tipos de movimentos cambiais, fato este que, somado ao avultado número de títulos cambiais do acusado, o mesmo terceirizava a administração dos títulos, transferindo-os para sua terra natal, Pernambuco. De todo o imbróglio, a parte que nos interessa para esse trabalho refere-se às acusações de Caymari de que a influência de Domingos Olímpio no *Diário do Grão-Pará* era enorme, ao ponto de Olímpio mandar que outros escritores desferissem ataques a seus desafetos políticos e pessoais; dizia ele:

Insiste o *Diário do Grão-Pará* que lhe sou devedor [...]. Eu declaro que nada lhe devo. [...] O artigo do sr. Júlio Cezar foi publicado por ordem do sr. dr. Domingos Olímpio, redator chefe do *Diário*. Não me surpreenderá se ele agora negar: em tal caso apelo para o sr. Júlio Cezar para contar a história desta publicação. O *Diário do Grão-Pará* não tem confiança no seu processo de liquidar dívidas com contas fantásticas. [...].¹¹¹

E, ao pedir uma comprovação documental da acusação, arrematava:

Pois bem, afirmo que é falso que me tenho utilizado do *Diário do Grão-Pará* para defender meus interesses, na assembleia e perante

¹¹⁰ **A Constituição:** op. cit. p.2.

¹¹¹ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XI, nº 291, quarta-feira, 24 de dezembro, p.2; 1884.

o presidente da província. Se não é falso, intimo-os para que apresentem um único autógrafo meu, sob pena de passarem por falsários. A verdade é outra. O sr.dr. Domingos Olímpio é solidário com o *Diário*. Mas engana-se em seus planos. Eu aprendi a conhece-lo – e custou-me bem caro!- Pois vou fazer o público confidente de nosso ajuste de contas. Até breve.¹¹²

Duas edições mais tarde, B. Caymari voltava a aparecer nas páginas do *A Constituição*. Em seu segundo artigo, o tom do autor se tornara ainda mais ríspido, e sua crítica, mais incisiva, ao afirmar que o *Diário do Grão-Pará*, dirigido por Olímpio, realizava várias práticas pouco lisonjeiras. Acusava ainda o jornal de tentar usar sua importância enquanto um dos principais veículos de comunicação à época para intimidar seus desafetos e impedir quaisquer respostas por parte deles. Caymari afirmava que os redatores do *Diário* realizavam cobranças indevidas de seus colaboradores e parceiros comerciais muitas vezes por meio da exigência duplicada de letras de crédito, apresentando valores e citando comerciantes que poderiam corroborar com suas afirmações:

[...] devo ao sr. Domingos Olímpio, redator principal do *Diário do Grão-Pará*, um aviso formal: pode escrever quanto artigo rocambólico quizer para prejudicar-me. Não tenho pretensão que afete o tesouro. Cumpra o *Diário do Grão-Pará* sob sua direção a missão que com tanta antecipação o sr. Domingos Olímpio anunciou. Tem diante de si um vasto campo – pois há tantas empresas industriais que arreceiam-se da imprensa – e, reconheço, sobeja-lhe habilidade para a coisa. Avante, doutor!¹¹³

O desfecho da contenda é por nós desconhecido, tanto pela cessação do assunto nas páginas do *Constituição*, quanto pela lacuna documental. Para além das polêmicas, Domingos Olímpio continuava a sua trajetória de ascensão política e social. Dois anos depois, assumiria o cargo de delegado especial e inspetor geral da instrução primária e secundária, substituindo Américo Marques de Santa Rosa.¹¹⁴ Além disso, Domingos Olímpio passou também a defender pessoas com certo prestígio social e capital político que lhe conferiram uma consolidação cada vez maior na política, passos fundamentais para que ocorresse, alguns anos mais tarde,

¹¹² *A Constituição*: op. cit. p.2.

¹¹³ *A Constituição*: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XI, nº 293, quarta-feira, 27 de dezembro, p.1; 1884.

¹¹⁴ *A Constituição*: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 01, sexta-feira, 01 de janeiro, p.1; 1886.

seu deslocamento para o Rio de Janeiro, como o Conde de Leopoldina e Samuel Wallace Mac-Dowell, do que trabalharemos em breve.

Em 1886, o Cônego Manuel José de Sequeira Mendes comprou o *Diário do Grão-Pará* designando para a chefia da redação Domingos Olímpio e Júlio C. Ribeiro de Souza para a administração do jornal.¹¹⁵¹¹⁶ E, pouquíssimo tempo depois, Olímpio assumiria o cargo de procurador geral na tesouraria da fazenda daquela província.¹¹⁷ E, em 1888, por fim, assumiria ao lado de Victor da Cunha a redação do *Gazeta das Novidades*,¹¹⁸ provavelmente o último jornal grão-paraense sob seu comando antes da sua transferência para o Rio de Janeiro, lugar onde Domingos Olímpio passaria a se consolidar de vez em termos políticos e sociais. A proeminente figura do Cônego Sequeira esteve presente em vários festejos políticos paraenses, eventos estes relatados pela imprensa local minuciosamente, sempre tendo em Domingos Olímpio um nome de destaque nas visitas. Olímpio foi escolhido para ser o orador na comemoração da eleição de Siqueira para senador do Império,¹¹⁹ após ter sofrido três derrotas ao disputar as vagas vitalícias ao senado anteriormente.

Poucos anos antes de sua transferência para o Rio de Janeiro, Olímpio empenhou-se em estabelecer contatos políticos importantes, por meio da presença constante em festas partidárias, recepções de personalidades e participações em eventos sociais. Não raro, era praticamente impossível dissociar o caráter dos eventos.

Logo no início do ano, em 32 de janeiro de 1886, foi oficializada a fundação da *Sociedade Paraense de Imigração*, quando da realização da reunião que constituiu seu estatuto, com o intuito, segundo a imprensa da época de “insertar a colonização de nossas terras, fomentando a imigração estrangeira”, que, graças a seus “braços laboriosos” e “influxo de liberdade”, seriam responsáveis por um aumento prodigioso da produção do plantio na região.¹²⁰ Presidida pelo Barão de

¹¹⁵ *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano XVII, nº 3981, quinta-feira, 09 de dezembro, p.01; 1886.

¹¹⁶ As versões digitalizadas do periódico *Diário do Grão-Pará* disponíveis no formato digital e on-line pela Biblioteca Nacional Digital estão disponíveis até a edição de número 66, do ano XXXV, 24 de março de 1886, ou seja, antes da nomeação de Domingos Olímpio para o comando da redação do periódico.

¹¹⁷ *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano XVII, nº 3996, terça-feira, 28 de dezembro, p.01; 1886.

¹¹⁸ *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano XIX, nº 4553, segunda-feira, 12 de novembro, p.02; 1888.

¹¹⁹ *Diário do Grão-Pará*. Belém do Pará: ano XXXV, nº 65, sábado, 23 de março, p.2; 1886.

¹²⁰ *A Constituição*: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 106, terça-feira, 11 de maio, p.1; 1886.

Igarapé-Miri (Antônio Gonçalves Nunes), tendo como diretores Joaquim Batista Moreira, Raimundo Nina Ribeiro, Antônio Acatauassu Nunes, Comendador Álvaro Pinto Ponte e Souza, Gustavo Sesselberg, Enrico Schivasappa, contava ainda com Domingos Olímpio como primeiro secretário, e João Augusto Ribeiro Malcher como segundo secretário, colegiado este que seria responsável pelos trâmites burocráticos e pontes diplomáticas que garantiriam a colonização da província.

No mês seguinte, seria publicado no *Diário do Grão-Pará* o estatuto da *Sociedade Paraense de Imigração*, aprovado na seção de 31 de janeiro daquele ano, assinada por Domingos Olímpio. Ao longo de seus cinco capítulos, o estatuto versava acerca da finalidade da agremiação, das medidas mais imediatas a serem tomadas, e ainda sobre as disposições gerais de seu funcionamento. Seus objetivos foram descritos da seguinte maneira:

Art. 1.º A Sociedade Paraense de Imigração tem sua sede na cidade de Belém, capital da província do Grão-Pará.

Art. 2.º Os fins da sociedade são:

§ 1.º Promover e favorecer a colonização da província do Pará pela imigração europeia ou de outra qualquer procedência.

§ 2.º Encarregar-se da propaganda, tanto no país como no estrangeiro de modo a fazer conhecidas as vantagens que o território da província oferece ao colono estrangeiro.

§ 3.º Representar os interesses da colonização perante os governos geral e provincial, quer pela imprensa, quer pelo uso direito de petição.

§ 4.º Fiscalizar a distribuição dos favores concedidos à imigração pelo Estado e pela Província.

§ 5.º Velar pelos colonos estabelecidos, proporcionando-lhes toda a proteção e socorro de que necessitem.

§ 6.º Fundar na cidade de Belém um escritório, onde os imigrantes encontrem todas as informações precisas e detalhadas sobre a província, condições de estabelecimento e escolha dos terrenos.

§ 7.º Manter correspondência ativa e regular com as sociedades brasileiras e estrangeiras que advogarem para a imigração para o Brasil, a fim de com elas combinar os melhores meios de ação.

§ 8.º Criar, se os meios permitirem, um órgão na imprensa da província que doutrine a opinião acerca da colonização estrangeira.¹²¹

Além da nítida intenção de promover o povoamento e desenvolvimento de uma região ainda em disputa no período, em consonância com um processo

¹²¹ *Diário do Grão-Pará*. Belém do Pará: ano XXXV, nº 31, quarta-feira, 10 de fevereiro, p.3; 1886.

maior,¹²² de transferência de imigrantes europeus para o país, vale a pena ressaltar o papel da imprensa no estatuto da *Sociedade Paraense de Imigração*, que funcionaria tanto para promover o projeto, quanto para pressionar os governos, ao defender os interesses dos sócios da *Sociedade*. Nas páginas do *Diário*, a *Sociedade* seria citada mais uma vez alguns dias depois, na edição de número 34, de 13 de fevereiro de 1886. Nela eram relatados os votos de congratulações de Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, à época deputado pelo Partido Conservador, e relator da *Sociedade Central de Imigração*, sediada no Rio de Janeiro.

Nesta seção, deliberou-se para que fosse oficializado o chefe de polícia local, não nomeado, para que o mesmo remetesse à *Sociedade* as listas com todas as informações sobre o movimento de entrada e saída de pessoas do porto de Belém. Já as decisões sobre a *Sociedade*, concentravam-se na aquisição de três livros de registro para o acompanhamento das receitas e despesas do transporte de indivíduos para a região, bem como das atas da Assembleia Geral da *Sociedade Paraense de Imigração*. Domingos Olímpio, na condição de primeiro secretário, ficou como responsável por transmitir as demandas às autoridades locais, e ainda, comunicar as demais sociedades similares de outras regiões e países. Outro sócio, o Barão de Igarapé-Miri, cedeu às páginas do periódico *Agrário*¹²³ para a publicação das atividades da *Sociedade*.¹²⁴ Desta feita, Domingos Olímpio transformava-se em um nome de destaque, sempre presente em iniciativas pioneiras à época, bem como em recepções e festejos políticos de personalidades que visitavam a região.

Dentre as personalidades que visitaram a região e manifestaram simpatia para com Olímpio estava o Dr. José Maria Leitão da Cunha, descendente da família de Ambrósio Leitão da Cunha, o Barão de Mamoré, cuja família portuguesa havia se fixado no Grão-Pará ainda na metade do século XVIII. A passagem pela região, com forte viés político, da qual José da Cunha aproveitou-se para dirigir-se a seu eleitorado na província, foi marcada por homenagens ao visitante, recém-eleito pelo quinto distrito da província, por meio de um discurso inflamado de Domingos Olímpio, e pela concessão de uma carta de liberdade a uma escrava. O evento

¹²² O principal periódico que noticiou temas relacionados à imigração para o país chamava-se *A Imigração: Órgão da Sociedade Central de Imigração*, publicado no Rio de Janeiro, que circulou de 1884 a 1891, fruto da *Sociedade* criada um ano antes.

¹²³ O órgão de imprensa em questão era o jornal *O Agrário: Órgão da Sociedade Agrícola Paraense*, criado em 1885, que teve a figura do Barão de Igarapé-Miri como um de seus fundadores.

¹²⁴ *Diário do Grão-Pará*: Belém do Pará: ano XXXV, nº 34, sábado, 13 de fevereiro, p.2; 1886.

contou ainda com a presença do Chefe do Partido Conservador, o sr. Cônego Siqueira, ovacionado pelo eleitorado, que também fez menções honrosas ao Gabinete Cotegepe, ao povo paraense e ao eleitorado da província. Também foram saudados os senhores Martinho D. Pinto Braga e o Barão de Gurupá.

Segundo o artigo, após um grito de euforia advindo dos presentes, Olímpio pediu a palavra, apontando, inicialmente, que aquele gesto de euforia havia “saído do seio do povo que era a externação solene dessa opinião que sustentou o Partido Conservador nos dias de *ostracismo* e o exalta nas gloriosas lutas”, para, então, prosseguir:

Nessa voz, que parte das entranhas da opinião está o segredo da força do Partido Conservador do Pará que adquiriu uma situação excepcional no cenário político do país, porque ela é a voz do povo a impor-se na consciência pública. Que o eleitorado paraense, celebrando a vitória das suas ideias, expandia legítimos regozijos; porque via nos novos eleitores outras tantas garantias de seus direitos e de seus serviços à nação.¹²⁵

Terminado seu discurso, que havia sido várias vezes interrompido pelo entusiasmo da plateia, Olímpio pediu ao ilustre convidado que entregasse a uma das escravas presentes no evento uma carta que lhe concedia a liberdade; a escrava era Vicência, que tinha 30 anos de idade, e pertencia a Theodoro Ferreira de Andrade Chaves, que recebeu como indenização a quantia de 300 mil réis.

Outro eminente político que recebeu vivas da sociedade paraense na mesma ocasião foi o militar, político e advogado Samuel Wallace MacDowell III, que também recebeu honras políticas graças a sua eleição para deputado pelo sexto distrito da província do Grão-Pará, garantindo assim a sua reeleição. O evento aberto ocorreu na Praça da Independência, e, segundo a matéria do jornal *A Constituição* com “grande quantidade de povo” que tomaram os “22 bondes da Companhia de Bondes Paraenses, todos embandeirados e iluminados a capricho com balões chineses, artisticamente combinados”. MacDowell desfilou em carreata por pontos de destaque da capital paraense, em direção ao palacete de sua propriedade, tendo à frente três bondes ocupados com três bandas marciais que abriam o desfile. No carro principal, no qual se encontrava o homenageado e sua comitiva, havia um

¹²⁵ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 24, domingo, 31 de janeiro, p.2; 1886.

grande retrato do mesmo com as inscrições “*Viva o Gabinete 20 de agosto! Viva o grande parlamentar dr. MacDowell*”. A longa matéria, que trata de toda a narrativa do evento, ressalta ainda que Domingos Olímpio foi o terceiro membro da comitiva a falar, sendo quase que interrompido pelo entusiasmo dos presentes, ao que a matéria sugere que seu discurso havia sido “ofuscado” pelo anterior. O artigo ainda apenas faz menção positiva aos discursos do homenageado e de outro correligionário, que aparece apenas como Sr. Dr. Reis.¹²⁶

Ainda assim, Olímpio parece ter saído caído nas graças de MacDowell. A partir de então, surgem várias menções no *A Constituição* sobre Domingos Olímpio passar a exercer a função de advogado e procurador oficial de MacDowell, ao lado de Ernesto A. de Vasconcellos Chaves, anúncio que apareceria pela primeira vez na edição de número 104 do *A Constituição* e que se manteria por várias outras.¹²⁷ Possivelmente, MacDowell foi o primeiro político de renome a delegar a Olímpio as incumbências de responder juridicamente em seu nome, o que passaria a se tornar mais comum a partir de então.

3.3 Um banquete político

Estavam lançadas as bases para a disputa política de Domingos Olímpio. Era hora de Domingos Olímpio disputar o pleito. O jornal *A Constituição: Órgão do Partido Conservador* traria a notícia do lançamento da campanha de Olímpio,¹²⁸ seguida da apuração das eleições.¹²⁹ A disputa estava entre Domingos Olímpio e Aureliano Coelho, sendo que o resultado de foi de 330 a 262 votos a favor de Olímpio, cabendo ressaltar que Domingos apenas perdeu em número de votos em algumas localidades.¹³⁰

¹²⁶ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 25, terça-feira, 02 de fevereiro, p.2; 1886.

¹²⁷ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 104, sábado, 08 de maio, p.3; 1886.

¹²⁸ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 142, quarta-feira, 23 de junho, p.1; 1886.

¹²⁹ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, números 142, 143, 144, 145, 148, 151 e 152; dias 23, 24, 26, 27 de junho e 02, 06 e 07 de julho, todos em primeira página; 1886.

¹³⁰ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 153 e 154, quinta-feira e sexta-feira, dias 08 e 09 de julho, ambos na segunda página; 1886. A última apuração localizada por esta pesquisa se deu no nº 159, quinta-feira, 15 de julho de 1886, p.01.

Obviamente, o resultado seria comemorando com a realização de um grande festejo político. Aproveitando a data simbólica de 7 de setembro, efeméride celebrada com pompas pelo Partido Conservador, *A Constituição* trazia um artigo denominado *Um banquete político* acerca dos feitos eleitorais do partido na região.

Provavelmente, o maior dos eventos políticos com a participação de Domingos Olímpio tenha sido as comemorações do aniversário da Independência do Brasil, pelo Partido Conservador, no ano de 1886. O sexagésimo quarto aniversário da Independência foi promovido pelo Major Frederico Costa, em homenagem aos chefes do Partido Conservador do 6º distrito da província do Grão-Pará, representados na ocasião pelo comissionado J. Antônio Watrim a pedido do senhor capitão Francisco Caetano Correia, que não pôde estar presente devido a uma moléstia. Obviamente, o ocorrido foi relatado minuciosamente pelo jornal *A Constituição: Órgão do Partido Conservador*,¹³¹ nomeando cada um dos presentes e seus respectivos discursos. O primeiro nome citado no artigo foi o do Comendador Antônio B. Dias de Mello, seguido, nessa ordem, por Domingos Olímpio, Nina Ribeiro, Novaes, Américo Campos, Gentil Ribeiro, Tenente-Coronel Gentil, Antônio Lobato, Marcos Lima, João Malcher, José Costa e Padre Dr. Nascimento, uma disposição que evidencia a relevância de Olímpio.

Ao anfitrião ficaram as incumbências de abertura, permeadas por elogios aos chefes regionais, em especial devido a uma importante vitória política dos Conservadores, “um voto de gratidão pelo muito que fizeram pela reeleição do ministro da marinha”, bem como “pelo modo com que o trataram durante sua excursão política”. Já aos convidados, restaram as demonstrações obrigatórias de respeito e agradecimentos mútuos, além de alguns pequenos e pontuais discursos, com uma exceção: Domingos Olímpio. Seu nome surge ao longo de todo artigo, com destaque para a sua exímia oratória, sua habilidade em conduzir os festejos, receptividade para com os convidados e os homenageados, colocando-o como o responsável pelas vivas e saudações às personalidades do partido, estivessem elas presentes ou não naquele momento específico, como no caso dos representantes dos jornais *Diário de Notícias* e *Constituição*. Obviamente o ponto de destaque do encontro político foi a homenagem ao Barão de Cotegipe, líder do Partido Conservador, figura laureada como baluarte da moderação política e condução da

¹³¹ ***A Constituição***: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 206, sexta-feira, 10 de setembro, p.2; 1886.

justiça entre conservadores, e responsável pelo desempenho de sucesso do partido naquela região.

Eventos públicos não faltaram durante esse período da vida de Olímpio. Outra homenagem política importante foi a recepção ao juiz maranhense Joaquim da Costa Barradas, ex-presidente da província do Ceará que, em pouco tempo assumiria a presidência de outra província, a do Grão-Pará. A recepção foi anunciada de antemão pelo jornal *A Constituição*, que destacava a atuação do Partido Conservador da região, ao nomear uma comissão especial para homenagear o futuro Presidente. Domingos Olímpio compareceria ao lado do dr. João Lourenço Paes de Souza, dos comendadores Álvaro Pinto de Pontes e Souza e Antônio B. Dias de Mello, dos tenentes-coronéis José Manuel Rodrigues e João Diogo Clemente Malcher, além dos senhores Nicolau Martins e Guilherme de Miranda Filho.¹³²

Apenas quatro dias mais tarde, no dia 29 de setembro de 1886, Domingos esteve presente na Igreja de Nazaré, prestigiando a missa em homenagem a D. Anna de Castro da Cama e Costa, falecida alguns dias antes, sogra de Samuel Wallace Mac-Dowell, à época Ministro da Marinha.¹³³ Neste evento, Olímpio esteve como uma autoridade local, sendo citado pela imprensa como Deputado Provincial Domingos Olímpio Braga Cavalcanti, ao lado do também Deputado Raimundo Nina Ribeiro. E, além deste, estiveram presentes outras personalidades: o Barão de Igarapé-Miri (Antônio Acatauassu Nunes), Barão de Santa Cândida (Francisco de Souza Cirne Lima), Barão de Marajó (José Coelho da Gama e Abreu), Dr. José Joaquim da Gama Malcher, Major José Joaquim da Gama e Silva, o Tenente-coronel José Manuel Rodrigues, o Major David Freire da Silva, o Capitão de Mar e Guerra João Gomes de Faria, o Inspetor do Arsenal da Marinha, Coronel J. E. Nery da Fonseca, os desembargadores Delfino, Lacerda, Uchoa e Constantino Braga, o Chefe de Polícia João Policarpo dos Santos Campos, os comendadores Loureiro, Fortunato, Mello e José Coimbra, os vereadores João Diogo, Magalhães e Carvalho, e Cícero Aguiar e o bacharel Timóteo da Costa Teixeira. Quanto à imprensa, representando o *Diário do Grão-Pará*, compareceu o senhor Joaquim Lúcio, pelo jornal *A Constituição*, o Capitão Alfredo Henriques da Serra Aranha, e, pelo *Diário de*

¹³² **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 218, sexta-feira, 24 de setembro, p.1; 1886.

¹³³ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 222, quarta-feira, 29 de setembro, p.2; 1886.

Notícias, o Major David Freire. É interessante notar que este foi um dos poucos momentos de aparição pública de Olímpio em que o advogado foi apresentado como Deputado e não jornalista.

A articulação de Olímpio dentro do Partido Conservador lhe abriu muitas portas. A cada um desses eventos, Olímpio passava a angariar mais respeito dentro do Partido Conservador, consolidando-se como personalidade política, sem, no entanto, ter seu nome dissociado da imprensa. Uma passagem emblemática foi a participação de Domingos Olímpio na inauguração da estrada de ferro que percorria o trajeto das cidades de Bragança até Apeú,¹³⁴ evento no qual estavam presentes figuras como a do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, grande homenageado na empreitada. Durante a festividade, todos os eminentes presentes foram saudados em suas respectivas áreas de atuação e destaque, cabendo a Olímpio o lugar de representante da imprensa, defensora “da mesma unidade de pensamento e conhecimento inexequível”, cuja missão seria a de continuar “a trabalhar pelo bem da Amazônia” ao “apoiar a administração d’esta província, a quem nunca pediu senão justiça ao sr. Conselheiro Araripe”. Uma imprensa que “não obstante as vezes caluniada” fazia parte desse jogo de poder e construção de trajetória político-social a qual Olímpio havia se lançado.

Estes são apenas alguns dos vários eventos relatados pela imprensa grão-paraense, em que Olímpio era retratado com destaque. Assim, Domingos passou a se consolidar enquanto figura pública de várias formas: como político, advogado, empresário, e representante comercial de muitos desses importantes nomes, o que pode ser constatado por meio das várias aparições na imprensa de anúncios de representações jurídicas, atividades comerciais e notas à comunidade em nome de Domingos Olímpio e de seus sócios, parceiros comerciais e/ou clientes. Olímpio ficaria então responsável por responder por seus clientes sobre as transações financeiras entre diferentes províncias, e, também sobre os dissabores judiciais. Ao mesmo tempo em que se tornava uma figura importante nos eventos oficiais do Partido Conservador, surgiam em vários jornais do Grão-Pará pequenos comunicados que citavam Domingos como representante legal de nomes do *Partido Conservador*, os mesmos citados anteriormente. Graças ao legado da imprensa regional do final do século XIX, é possível ainda hoje perscrutar, se não o

¹³⁴ *Diário do Grão-Pará*. Belém do Pará: ano XXXV, nº 26, quinta-feira, 04 de fevereiro, p.2; 1886.

nascimento, pelo menos o entrelaçamento dessas relações, muitas delas nascidas nas redações dos jornais da época e consolidadas por meio da atuação político partidária dos seus membros.

Em um pequeno anúncio no *A Constituição*, denominado “Ao comércio”, o escritório *C. Cavalcanti*, de posse de Domingos Olímpio se colocava como local

[...] competentemente, habilitado [...] (a) promover arrecadação ou liquidação de dívidas, quer dentro quer fora da província, mediante ajuste convencionado. Outrossim, declara, que aceita o lugar de caixeiro para o supracitado fim.¹³⁵

No mesmo anúncio, estavam presentes os nomes do Cônego Padre Antônio Ferreira de Paula e de Francisco Nina Ribeiro, que, à época, exercia a função de Chefe de Alfândega. No mesmo período, já Deputado, Domingos Olímpio passou a ceder seu escritório para outros advogados, como Timóteo da Costa Teixeira,¹³⁶ outra relação possivelmente estreitada durante os eventos oficiais de Olímpio pelo Partido Conservador, uma vez que os anúncios que citavam a parceria de ambos surgem justamente após os eventos políticos já aqui citados.

É interessante notar que, após ter a sua trajetória política fartamente relatada no *A Constituição*, as citações acerca de Domingos Olímpio deixam de constar nas páginas do periódico, ficando a cargo apenas das citações a presença do político. Se, por um lado, não se pode apontar com precisão o motivo por trás dessa omissão, por outro pode-se argumentar que Olímpio deixou de se tornar uma figura interessante para o periódico.

No entanto, é interessante notar que as críticas de Domingos Olímpio ao governo geral, no que se refere aos migrantes cearenses para a região do Grão-Pará, surgem em alguns órgãos de imprensa pouco tempo antes de sua partida para o Rio de Janeiro. Sendo o intermediário em nome do poder público, Olímpio era o responsável por defender os interesses dos cearenses espalhados pelos diversos distritos da região, cujas reuniões, inclusive, ocorriam em sua residência.¹³⁷ Em

¹³⁵ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 255, quarta-feira, 10 de novembro, p.3; 1886.

¹³⁶ **A Constituição:** Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 221, terça-feira, 28 de setembro, p.3; 1886.

¹³⁷ **A República:** Órgão do Clube Republicano. Belém do Pará: ano I, nº 60, quarta-feira, 30 de abril, p.2; 1890.

matéria do dia 17 de março de 1889, o jornal *A Reação* apontava para um Olímpio desesperançoso quanto ao descaso ao qual eram relegadas as suas incumbências.

A matéria trazia um discurso proferido pelo deputado Demétrio Bezerra algumas semanas antes, no qual este criticava o governo federal frente à miséria e a grande mortandade dos migrantes cearenses na região, acusando o governo de não colocar em prática sequer as medidas legais para mitigar a situação deplorável pela qual os cearenses estavam sendo submetidos na província do Grão-Pará. Bezerra relatava ter sido informado por Domingos Olímpio da inépcia do governo geral que, além de não atuar para sanar a situação, o havia proibido de tomar quaisquer atitudes nesse sentido. Monarquista, o deputado Bezerra é inquerido por outro, em tom irônico, quanto à crítica que acabava de realizar na câmara, ao que este responde:

Se sou apaixonado pelo sistema de governo do nosso país, não sou apaixonado pelos homens que atualmente tem em suas mãos as rédeas do governo. Assim é que eu não posso deixar de censurar o governo por deixar em completo abandono tantos desgraçados, que tem na lei meios de socorre-los. Como posso achar no fato de que se trata razão para censurar o sistema de governo quando é evidente que a culpa é unicamente do sr. ministro do império, que não lança mão dos recursos de que pode dispor? O que há a censurar é a desídia do governo que não cumpre a lei.¹³⁸

O discurso adotado pelo deputado Demétrio Bezerra representa de maneira bastante didática como, nos últimos anos do século XIX, era extremamente volátil a suposta divisão entre Liberais e Conservadores. Em vários momentos as fronteiras eram abolidas para fins de interesses momentâneos, contornados, muitas vezes, por meio de ataques pessoais e/ou posicionamentos que questionavam os indivíduos que estavam no poder e suas atuações, e não o sistema ou a ideologia.

Assim, a trajetória de Olímpio foi sendo construída de maneira consistente, ao ponto deste sempre exercer funções públicas de destaque, bem como de manter importantes relações políticas, sendo que, em alguns momentos, rusgas e adversidades entre personagens e grupos divergentes eram resolvidas por meio de punições dentro da máquina pública. Basta vermos um dos casos relatados pelo jornal *Amazônia*, na sua edição de 15 de abril de 1888: ao replicar uma matéria do

¹³⁸ **A Reação:** Órgão do Partido Liberal. Belém do Pará: ano III, nº 118, 17 de março, p.1;1889.

Liberal do Pará, o periódico relatava e comentava o pedido de exoneração por parte de Olímpio do, então recém-empossado, Delegado de Polícia, Antônio Bezerra:

[...] Conclui assim o colega: Repelida a fraqueza, ainda a covardia, resta somente a... ingratidão, ou o...despeito. Os srs. conselheiro Cardoso Júnior e dr. Antônio poucos dias tem de vida oficial, e para muitos políticos de moral frouxa e fácil é de bom aviso sacrificar o presente, prestes a extinguir-se, ao futuro que se aproxima a passos largos. Custa-nos admitir esta hipótese, tão feia reputarmos toda e qualquer espécie de ingratidão. Entretanto, bem pode acontecer que, ainda em pontos claríssimos de moral política, o interesse sobrepuje o dever. Muito mais inadmissível cremos a última hipótese, a do despeito.¹³⁹

Alicerçado em uma forte crítica às conduções (e coerções) políticas muito caras à época, o artigo comparava os presidentes de província e seus subordinados aos ministros da Coroa, que se aproveitavam de sua função pública para, segundo o artigo, antes de morrerem fazerem “testamento”. No relato, o conselheiro Cardoso Júnior abria os cofres públicos em prol de seus interesses e de seus correligionários, “em detrimento” dos interesses públicos da província, o que trazia à vista o “patronato mais escandaloso”. Ao insinuar que não haveria motivos para tal interferência de Domingos Olímpio no cargo em questão, justamente por aquele ter outrora também desempenhado a função de delegado de polícia, o artigo pontuava:

Se estas verbas testamentarias provocam o despeito do sr. dr. Domingos Olímpio, necessariamente seria por não poder ser nelas...aquinhado, como era autorizado à esperar pelo precedente daquela extorsão de mais de quarenta contos escandalosamente arrancados ao tesouro provincial para as algibeiras dos srs. Andreossy e C^a. Confessamos ainda que nos repugna também esta hipótese.¹⁴⁰

O assunto, assim como o caso anterior de supostas ilegalidades, não prosperou, tendo sido simplesmente ignorado na imprensa. Ou seja, possivelmente, mais uma vez, os usos pontuais de uma imprensa que ainda engatinhava em termos de profissionalização deixava suas marcas no noticiário político, por meio de pequenas acusações e apontamentos que serviam mais para “marcar” um terreno e demonstrar a essas figuras a importância do jornal para criar e/ou minar reputações,

¹³⁹ *Amazônia*. Belém do Pará: ano I, nº 60, 15 de abril, p.2; 1888.

¹⁴⁰ *Amazônia*. Belém do Pará: ano I, nº 60, 15 de abril, p.2; 1888.

ao que, durante sua vivência na província do Grão-Pará, em especial na dobradinha imprensa-política, Domingos Olímpio soube manejar com esperteza sua atuação no jogo político, ao ponto de todas essas divergências terem sido apagadas de sua biografia quando de sua ida para o Rio de Janeiro, restando apenas, *an passant*, as divergências políticas com a oligarquia dos Accioli em Sobral.

Se por um lado, Domingos Olímpio atuou politicamente pelo Partido Conservador, é sabido também que o advogado chegou a se filiar com Partido Liberal no final do século XIX. Segundo o *Almanaque Brasileiro Garnier* (1911), durante uma sessão da Assembleia Provincial no ano de 1888, um dos deputados, Inácio Moura, filiado ao Partido Conservador, teria se declarado republicano em plena sessão, tendo sido seguido por Domingos Olímpio e Raimundo Martins.¹⁴¹ Olímpio, adentrava, então, para o grupo dos republicanos de última hora.

Relembrando o início da carreira política de Domingos Olímpio, pode-se concluir que o advogado conseguiu construir relações sociais e profissionais que lhe abriam importantes possibilidades de ascensão social, em especial na política. Em um pequeno trecho do *A Constituição*, referente ao incidente ocorrido na Assembleia do Estado, podia-se constatar que a própria política local apontava aos envolvidos o descuido dos mesmos e lhes indicava o caminho a ser seguido ao proferir a seguinte sentença: “*Não duvidamos que esses moços estejam arrependidos e envergonhados, mesmo, do papel que representaram.*”¹⁴² O discreto, porém nítido, recado político estava dado; Domingos Olímpio soube lê-lo, com maestria.

¹⁴¹ *Almanaque Brasileiro Garnier*. Rio de Janeiro: ano XI, nº 13, p.490; 1911.

¹⁴² *A Constituição*: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano IX, nº 229, quarta-feira, 18 de outubro, p.1; 1882.

4. CAPÍTULO III: DOMINGOS OLÍMPIO E OS ANAIS: POLÊMICAS E IMPRENSA

"O Rio civiliza-se",
Figueiredo Pimentel, coluna "Binóculo", *Gazeta de Notícias*.

O terceiro e último capítulo se norteará pelas principais polêmicas que envolveram diretamente *Os Anais* e/ou seu idealizador, haja vista que foi por meio dessas que o semanário entrou em evidência na imprensa.

Partiremos, inicialmente, das polêmicas envolvendo a relação de Domingos Olímpio e seu cunhado Dionísio Cerqueira, já que ambos estiveram presentes em missões importantes para a configuração geográfica do país, tal qual conhecemos atualmente, sem que, no entanto, Olímpio fosse nomeado oficialmente para tais empreitadas.

Outra "polêmica" presente em *Os Anais* foi a análise de Silvio Romero sobre o livro de Manoel Bomfim, *A América Latina – Males de Origem*. Foram mais de vinte artigos em sequência que buscavam deslegitimar o trabalho de Bomfim, e que, apesar da negativa do pedagogo em alimentar a polêmica promovida por Romero, repercutiu na imprensa e nos meios intelectuais.

Ao final, será abordada a candidatura de Domingos Olímpio à uma vaga deixada em aberto por José do Patrocínio na Academia Brasileira de Letras, disputa essa que Olímpio perdeu para Mário de Alencar e cujos desdobramentos repercutiram para além das paredes da Academia, tornando-se a maior controvérsia na qual a ABL se envolveu.

4.1 Um esboço de modernidade? A imprensa carioca no início do século XX

Antes de adentrar nas polêmicas e repercussões que envolveram Domingos Olímpio e *Os Anais*, é necessário, ainda que sucintamente, retomar ao contexto da imprensa no período, nos primeiros momentos do século XX, em especial no local onde ela estava inserida: o Rio de Janeiro, capital da recém instaurada República Brasileira.

Flora Süssekind em seu livro *Cinematógrafo de letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*, publicado em 1987, destaca o impacto das mudanças tecnológicas que estavam presentes no dia-a-dia da transição do século XIX para o XX. Nesse período, usualmente denominado “pré-modernista”, o aparecimento de aparelhos como o telégrafo, a máquina fotográfica, o cinematógrafo etc., impactaram sobremaneira a própria técnica literária, ao alterar as formas de confecção e percepção do texto em si. Em suas palavras, seu livro:

Trata-se, sobretudo, de perceber o que *distingue* a produção literária desse período. Não propriamente em função de suas relações com as artes visuais, com uma classe em formação ou com uma rachadura sócio-política no interior das camadas letradas da sociedade brasileira. Aqui, pelo exame da crônica, da poesia e da prosa de ficção dessas mais de três décadas, o que se delineia é um confronto – primeiro hesitante, meio de longe; mais tarde convertido em *flirt*, atrito ou apropriação - com uma paisagem tecno-industrial em formação.¹⁴³

O capítulo terceiro, denominado “O rastro da técnica”, configura-se como de suma importância para que se possa entender as fortes mudanças no horizonte técnico no cotidiano das pessoas do início do século XX, bem como o impacto desse desenvolvimento na imprensa.

Neste período estavam no poder Rodrigues Alves e Pereira Passos, políticos empenhados em levar a cabo um maciço projeto de intervenção e modernização do Rio de Janeiro, com destaque para a região central da então capital nacional. Por meio de uma série de medidas, como o aumento da malha ferroviária, e a implementação da tração elétrica nos bondes da capital, promoveu-se, assim, o encurtamento das distâncias entre regiões distintas do país, bem como um melhor deslocamento de pessoas, informações e produtos pela cidade do Rio de Janeiro.

O jornalista e historiador, Brito Broca, sintetizou criticamente o movimento de efervescência social e política que transcorria no Rio de Janeiro nos primeiros momentos da República. Em seu mais famoso trabalho *A vida literária no Brasil – 1900*, o autor definia o período da seguinte maneira:

A primeira década do século XX foi para o mundo ocidental um período de euforia de que a civilização brasileira participou

¹⁴³ SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 15.

vivamente. Abafada à custa de muito sangue e muito sacrifício a _revolta de Canudos, completamente desarticulados os focos monárquicos e extintos os últimos pruridos do florianismo, o país entrava numa fase de relativa calma e prosperidade. Campos Sales saneava as finanças preparando o terreno para o grande programa de realizações do governo Rodrigues Alves. Oswaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o prefeito Pereira Passos vai tornar-se o barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas. Com uma diferença: Haussmann remodelou Paris tendo em vista objetivos político-militares, dando aos bulevares um traçado estratégico, a fim de evitar as barricadas das revoluções liberais de 1830 e 1848; enquanto o plano de Pereira Passos se orientava pelos fins exclusivamente progressistas de emprestar ao Rio uma fisionomia parisiense, um aspecto de cidade européia.¹⁴⁴

Em seus estudos, Broca demonstra como a literatura passa a ser influenciada pelo entusiasmo frente ao progresso, frente à modernização da cidade. Se, de início, havia uma forte desgraça quanto à realização das modificações propostas pela dupla Alves-Passos, o icônico passeio de bonde pela Avenida Central no dia 7 de setembro de 1904 dava mostras do que estaria por vir. Além disso, nas ruas do Rio de Janeiro, já começavam a circular os primeiros automóveis do país.

O desenvolvimento tecnológico percebido no mundo inteiro também estava presente no Brasil tanto de maneira mais discreta com o aprimoramento das fotografias, da telefonia e do telégrafo, que impactavam sobremaneira no cotidiano das elites letradas do país, em especial na propagação da imprensa diária, e das informações que circulavam nos jornais e demais periódicos. Além disso, a própria circulação dos indivíduos era facilitada graças ao aumento da utilização dos bondinhos e dos primeiros automóveis a circular no país. Não é por acaso que umas das principais revistas a surgir, à época, seria batizada justamente de *Fon-Fon* (1907-1958), em referência às buzinas dos veículos que circulavam no Rio de Janeiro e à dinâmica da nova configuração da circulação das pessoas. O traço marcante dessa revista foi seu intuito de registrar a “vida mundana”, ou seja, o cotidiano do Rio de Janeiro no período denominado *belle époque*, tendo sempre como norte os acontecimentos, invenções e estilo de vida que impactavam nas elites

¹⁴⁴ BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 35.

econômicas e culturais da França.¹⁴⁵ *Fon-Fon* é um excelente exemplo de como os periódicos se constituem como fontes imprescindíveis para os historiadores, haja vista o seu papel enquanto formador de valores para os indivíduos que experimentaram *in loco* as profundas mudanças ocorridas no país.¹⁴⁶

Todo esse momento de efervescência da modernidade impactou sobremaneira as percepções dos escritores contemporâneos ao processo, seja pela forma como o desenvolvimento técnico era percebido por aqueles indivíduos, seja pela própria confecção das produções literárias da época. Assim, ainda com Broca, pode-se perceber que

Os escritores superestimavam essa modernização da cidade, atribuindo ao Rio, em contos, romances e crônicas, ambientes e tipos que na realidade aqui não existiam. E os requintes de civilização, prevalecendo na parte urbana da metrópole, iam fazendo naturalmente com que os velhos costumes recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a "cidade", os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples [...].¹⁴⁷

Faz-se, então, imperioso conhecer a bibliografia clássica sobre a história da imprensa no Brasil para se compreender o momento de transformação da imprensa vivenciado por Domingos Olímpio e *Os Anais*, sendo um dos principais estudos a obra de Juarez Bahia *Três fases da imprensa brasileira*. O grande destaque desse livro foi o apontamento do autor em demonstrar os estágios da gênese da imprensa no Brasil, desde seus primórdios, que Bahia denominou como “fase inicial”, marcada por empreendimentos individuais, “aventuras” de seus criadores, período compreendido desde o início do século XVIII até, aproximadamente, o final do século XIX, passando por um momento de sofisticação e aprimoramento da imprensa, ou seja, a sua fase de consolidação, que começaria por volta de 1880,

¹⁴⁵ ZANON, Maria Cecília. *Fon-Fon! Um registro da vida mundana do Rio de Janeiro na belle époque. Patrimônio e Memória*. UNESP-FCLAs-CEDAP, v.1, n.2. 2005. p.03.

¹⁴⁶ A revista *Fon-Fon* vem sendo estudada nos últimos anos por diferentes pesquisadores sob aspectos variados, a ver: CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das Revistas Ilustradas *Fon-Fon!* E *Careta* (1908-1921)**. 2008. 510 f. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008; e MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914)**. 2010. 128 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

¹⁴⁷ BROCA, Op. Cit., p. 38.

estendendo-se até 1930 e, por fim, seu estágio de plenitude nos moldes capitalistas, denominada “fase industrial”, a partir da década de trinta do século passado.

Nas palavras do autor:

A segunda fase da imprensa brasileira começa por volta de 1880. [...] É a fase da aventura industrial até mesmo da consolidação, quando o jornal adquire o sentido de empreendimento mercantil. Depois de 80, e, notadamente no alvorecer do século XX, a imprensa ganha expressão no campo das atividades industriais, em conquanto noutros países de há muito assim definida, no Brasil é que, então, atinge êsse estágio. Desde logo, a tipografia de jornal perde o seu espírito artesanal para conquistar a posição de indústria gráfica com capacidade econômica e múltiplas possibilidades.¹⁴⁸

E, um pouco mais à frente:

Uma imprensa mais participante é chamada a ocupar lugar de maior significação no quadro da vida pública do país. A Abolição e a República criam outras perspectivas. Se no setor político a renovação de valores é legenda de ação, uma outra reforma econômica é reivindicada. Compreendem os editores que o âmbito restrito estabelecido pelo jornalismo sem muitas pretensões, mais literário e opinativo que informativo, não atende às necessidades humanas, que se multiplicam. Aceitam, afinal, que a imprensa deve ser veículo de interesse público de sólida base material, e não, exclusivamente, veículo de interesse restrito. Ademais, a profissionalização também vai se definindo.¹⁴⁹

É justamente no início do processo que culminaria com a consolidação da imprensa que Domingos Olímpio fundou seu próprio periódico, quase 15 anos após a sua mudança para o Rio de Janeiro, epicentro social e político do país. Tendo vivenciado esses tempos de transformação, Olímpio produziu análises “no calor do momento”, relatando (e se posicionando) sobre os eventos políticos e as mudanças tecnológicas e sociais resultante desse processo, sem, no entanto, romper com os traços de sua trajetória, ainda muito ligada à imprensa política do século XIX. Como visto no capítulo anterior, Olímpio passou grande parte de sua atividade política no Partido Conservador, mudando para o Partido Liberal, apenas no momento oportuno.

Grande parte da contribuição de Domingos Olímpio constituiu-se de suas Crônicas, que abordavam assuntos do Brasil; em especial da capital, e do mundo. É

¹⁴⁸ BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Lisboa: Editora Presença, 1960, p.51.

¹⁴⁹ BAHIA, Juarez. Op. Cit. p.52.

por meio das análises dessas crônicas que se pode estabelecer as ideias e posicionamentos de Olímpio quanto aos eventos contemporâneos que vivenciava, como, por exemplo, nas críticas dirigidas ao prefeito Francisco Pereira Passos e ao presidente Rodrigues Alves, numa das primeiras edições de *Os Anais*:

Será possível que o benemérito Prefeito desça das alturas, aonde ascendeu glorificado pela opinião pública, para se chafurdar na vasa da politicagem? Será possível que esse homem de energia excepcional tenha, cansado de ser grande e se encolha para se nivelar á craveira comum dos fabricantes de intendentes? Essa dúvida tristonha pôs de prontidão todos os nossos sentimentos de admiração afetuosa. E pensámos em alguma diabólica influência, infeccionando-a de caduquice, como fazia Júpiter aqueles que queria desgraçar, tenha virado a cabeça veneranda, onde se geraram tantas ideais patrióticas, tantos planos de aformoseamento da cidade, de conforto aos cidadãos e uma série de medidas de saneamento moral e físico da administração municipal, completamente restabelecida nos seus créditos e nos seus benéficos resultados. Justifica-se esse formidável erro pela necessidade de organizar um Conselho de Intendência, afinado pelo Prefeito, para evitar dissonâncias e o escandaloso espetáculo dos desvarios desse, que deveria sair expurgado dos velhos vícios dos anteriores, e saiu prior que a encomenda, desiludindo as esperanças solidamente fundadas em um novo processo de depuração do eleitorado. Está demonstrado com lastimosa exuberância que, nisso de reformas eleitorais, precauções são inúteis: reformam-se as fechaduras; inventam-se novas gazuas. De resto, as chapas oficiais sempre provaram mal, porque não são forjadas com a integridade do voto, que já se figura uma aspiração arredada, definitivamente, da raia das coisas, possíveis ou verosímeis. Mas é indispensável arranjar um Conselho destinado, menos ao governo do município, que as manobras eleitorais, em futuro próximo, nas quais ele vai ter uma função importante como peça essencial do maquinismo da política do Distrito Federal. Daí, esse sacrifício da quebra de uma norma de conduta, que era o traço mais luminoso da personalidade do Prefeito — a sua fecunda independência pela isenção dos compromissos que a politicagem impõe as suas vítimas. O Prefeito sabe que o segredo do milagre, operado pelo seu governo, foi devido, exclusivamente, á sobranceira com que varreu dos seus domínios a influência dos politíqueiros. Como é que, não obstante essa experiência, rica de lições proveitosas, vai se privar desse precioso elemento de força, da aureola do seu prestígio, com a infantilidade de Sansão, deixando na ebriedade de um momento de gozo efêmero, lhe cortarem os cabelos?¹⁵⁰

Esse é apenas um trecho dos vários momentos em que as crônicas de Domingos Olímpio publicadas em *Os Anais* basearam-se nas análises políticas. Não poderia ser de outra maneira: vinculado à política desde muito cedo (acredita-se

¹⁵⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 03, 22 de outubro, p. 37; 1904.

que, já na graduação em Direito, Olímpio participava politicamente das discussões em voga à época), e tendo passado toda a sua vida adulta dividindo seu tempo entre a política, a imprensa e a advocacia, além do funcionalismo público, *Os Anais* seria um reflexo dessa trajetória e suas especificidades, somando-se a ela o momento ímpar vivenciado por Olímpio.

Outro traço importante desse momento era a empolgação com o grande desenvolvimento tecnológico; em *Os Anais*, presente na seção “Ciência e Indústria”. Um dos artigos publicados denominado *Foto-telégrafo* sintetiza bem essas convicções:

Os mais rápidos processos de transmissão do pensamento humano a grandes distâncias, eram os executados pelos aparelhos telegráficos de Hughes de Wheastone, de Baudot, que foram agora excedidos por um novo aparelho alemão de Siemens e Halske, baseado sobre a fotografia e o emprego de correntes elétricas de alta tensão, obtendo um coeficiente de duas mil letras por minuto, cerca de vinte mil palavras por hora. Esse maravilhoso aparelho consiste - na estação de partida—de um instrumento semelhante a uma máquina de escrever, permitindo traduzir o despacho transmitido pelo expedidor em uma série de pontos, formando caracteres especiais perfurados por punções em uma tira de papel, que, contendo a série de telegramas a enviar, é colocada num aparelho de contato, munido de um disco de transmissão que gira duas mil voltas por minuto, e que envia, a cada turno, um sinal correspondente a um dos caracteres perfurados. Na estação de chegada há uma roda, tendo na periferia, agrupados em certa ordem, 45 letras, algarismos, sinais de pontuação, a qual também gira duas mil vezes por minuto. Diante desta roda, move-se, continuamente, uma tira de papel fotográfico sensibilizado. A cada volta, quando a letra correspondente ao sinal transmitido da estação expedidora, passa diante da tira, uma centelha elétrica salta e fotografa a letra sobre a tira. Esta parte do aparelho está encerrada numa câmara escura. Uma vez impressionada, a tira se desenrola num prolongamento da câmara escura, onde entra em contato com um primeiro compressor com esponja embebida de líquido revelador, depois com outro com o fixador e, finalmente, com o terceiro, guarnecido *decaoutchouc*, para secar a tira—que sai, então, do aparelho para ser colocada nas formulas, e remetida ao destinatário. A parte fotográfica da operação dura nove segundos. Este novo sistema, assumpto de um estudo publicado por M. Lucien Fournier na *Nature*, produzirá uma benéfica revolução na telegrafia, facilitando o trabalho de recepção e expedição e reduzindo o custo dos telegramas a taxas mínimas.¹⁵¹

Uma obra importante que buscou compreender o papel dos intelectuais nesse período, conhecido como “pré-modernista”, foi o livro *Literatura como missão*

¹⁵¹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 05, 05 de novembro, p. 73-4; 1904.

– *tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, de Nicolau Sevcenko.

Esse trabalho se coloca como:

Uma pesquisa abrangente dos meios intelectuais, com uma amostragem geral da sua produção no tocante aos temas, critérios, objetivos e disposições, [que] permitiu-nos avaliar as peculiaridades dessa pequena comunidade e a sua ânsia de enraizar-se num substrato social mais amplo. Demonstrou-nos igualmente o quanto a sua produção se vinculava conforme o ritmo e o sentido das transformações históricas que agitaram a sociedade carioca nesse período. Orientaram-nos, [...] não só a leitura de obras expressivas, mas também uma abordagem mais completa das práticas de edição, das expectativas, do público, da atmosfera cultural criada na cidade, dos pontos de encontro, associações de interesse e rivalidades que distinguiam a comunidade dos homens de letras.¹⁵²

Nas palavras de Flora Süssekind, na obra *Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*, a visão de Sevcenko

[...] privilegia como perspectiva de análise a diferenciação de grupos entre os intelectuais do período – a “camada dos vencedores” (Coelho Neto, Olegário Mariano etc.), dos “autores da moda”, “que se solda aos grupos arrivistas da sociedade e da política”; a dos marginalizados “resignados” (que incluiria, segundo o autor, “principalmente simbolistas, nefelibatas, decadentistas e remanescentes do último romantismo”; e a dos “missionários”, marcados pela “alienação” nada resignada, mas “compulsória”, da vida pública, que se fazia acompanhar de um “engajamento sócio-político apaixonado” e teria em Lima Barreto e Euclides da Cunha seus exemplos mais destacados, de acordo como o historiador.¹⁵³

A questão aqui a ser problematizada é: qual a localização de Domingos Olímpio dentre os grupos intelectuais existentes? Dois conceitos de Pierre Bourdieu configuram-se como fundamentais para tentar compreender o papel dos intelectuais: *campo*¹⁵⁴ e *habitus*¹⁵⁵.

¹⁵² SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 32.

¹⁵³ SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 14.

¹⁵⁴ Uma obra importante para a compreensão dos diversos conceitos utilizados por Pierre Bourdieu é o livro *Vocabulário Bourdieu*, trabalho de organizado por Afrânio Mendes Catani, Maria Alice Nogueira, Ana Paula Hey e Cristina de Medeiros. Nela, o conceito de *campo* pode ser caracterizado como “[...] um microcosmo incluído no macrocosmo pelo espaço social global [...]” que “[...] possui regras do jogo e de desafios específicos, irredutíveis às regras do jogo e aos desafios dos outros campos.”, configurando-se como um “[...] “sistema” ou “espaço” estruturado de posições ocupadas

Elide Rugai Bastos e André Botelho, no artigo “Para uma sociologia dos intelectuais”, perpassam os trabalhos do sociólogo Sergio Miceli com o intuito de sintetizar as contribuições deste pensador para a questão dos intelectuais no Brasil. Nesse ínterim, é importante compreender a inter-relação estabelecida entre os intelectuais e as estruturas de poder do Brasil do início do século passado:

As relações entre os intelectuais e as classes dirigentes no Brasil na primeira metade do século XX são formuladas analiticamente por Sergio Miceli também nos termos de uma relação entre “posição social” e “estruturas de poder”. Além disso, também inscreve essas relações no contexto de transição de formas de sociedade tradicional para a moderna, do qual advém a dinâmica dos interesses dos intelectuais, condicionada, por sua vez, ao caráter particular dos processos de mudança social no Brasil. Assim, pode-se entender tanto a escolha dos três setores em expansão no mercado de trabalho por cujos postos os intelectuais teriam concorrido, quanto as alterações relativas ao recrutamento dos intelectuais e à própria dinâmica da vida cultural. No primeiro caso, Miceli destaca e analisa (1) a consolidação e ampliação de um mercado de postos públicos associadas, de um lado, às posições já tradicionalmente ocupadas pelos intelectuais nas estruturas de poder no âmbito do Estado, de outro, aos processos de racionalização e de burocratização pelos

pelos diferentes agentes do campo. As práticas e estratégias dos agentes só se tornam compreensíveis se forem relacionadas às suas posições no campo. Entre as estratégias invariantes, encontra-se a oposição entre estratégias de conservação e as estratégias de subversão do estado da relação de forças existentes [...]”. Assim, o campo “[...] é um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou competição entre os agentes que ocupam as diversas posições.””Cf. CATANI, Afrânio Mendes et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 65.

¹⁵⁵ Já o conceito de *habitus* é explicitado como “[...] uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de *disposições* duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam na suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente.”” E, mais a frente, “[...] o *habitus* (i) resume não uma aptidão natural, mas social que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através das distribuições de poder; (ii) é *transferível* pra vários domínios de prática, o que explica a coerência que se verifica, por exemplo, entre vários domínios de consumo – música, esporte, alimentação, mobília e, também, nas escolhas políticas e matrimoniais – no interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamenta os distintos estilos de vida (LDi); (iii) é durável mas *não estático ou eterno*: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas, como demonstrado, por exemplo, a propósito de situações de migração; (iv) com tudo, é dotado de *inércia incorporada*, na medida em que o *habitus* tende a produzir práticas moldadas depois das estruturas sociais que as geraram e na medida em que cada uma das suas camadas opera como um prisma através do qual as últimas experiências são filtradas e os subsequentes estratos de disposições são sobrepostos (daí o peso desproporcionado dos esquemas implantados na infância); (v) introduz um *desfasamento* e, por vezes, um hiato entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam: como “história tornada natureza”, o *habitus* é aquilo que confere às práticas a sua relativa autonomia no que diz respeito às determinações externas do presente imediato. Esta autonomia é a do passado, ordenado e atuante que, funcionando como capital acumulado, produz história na base da história e, assim, assegura que a permanência no interior da mudança faça do agente individual um mundo no interior do mundo” (SPi, 56).”” Cf. CATANI, Afrânio Mendes et al. Op. Cit.p. 214-5.

quais essas estruturas de poder passavam, e ainda, ao sentido estratégico que o trabalho cultural assumiu na legitimação da centralização da autoridade pública operada pelo Estado Novo; 2) o surgimento de um mercado do livro resultante da constituição de um novo público leitor composto de burocratas do Estado, profissionais liberais, profissionais da educação, empregados do setor privado demais categorias próprias ao mundo urbano e industrial então em expansão; e 3) a criação de postos nas frentes de mobilização política e ideológica, seja (i) no âmbito das disputas internas entre as organizações partidárias de São Paulo, como o Partido Republicano Paulista (PRP), ao qual Oswald de Andrade esteve ligado, e o Partido Democrático (PD), do qual Mário de Andrade teria sido o “líder intelectual”; seja (ii) nas instituições culturais dependentes das elites locais que lograram – baseadas, num primeiro momento, no trabalho dos intelectuais e artistas modernistas, e, num segundo momento, na Universidade de São Paulo – estabelecê-las como um eixo hegemônico para a vida cultural de todo o país; seja ainda (iii) no âmbito do movimento integralista ou das entidades ligadas à Igreja Católica que, a exemplo do Centro Dom Vital, encarnando o projeto de uma “reação espiritualista” particularmente voltado para a intelectualidade, procurou não apenas responder aos desafios postos à Igreja num contexto de conflitos sociais próprios da sociedade moderna emergente nos anos 1920, como ainda influenciar as políticas do Estado para a área da educação e cultura, como mostra a atuação paradigmática de Alceu Amoroso Lima.¹⁵⁶

O excerto acima lança várias chaves interpretativas para compreender como Domingos Olímpio se enquadrava na rede de sociabilidades que estava se formando no país quando da existência de *Os Anais*. De partida, o pensamento de Miceli aponta para a dinâmica particular da constituição dos intelectuais no Brasil nos primeiros momentos do republicanismo, uma vez que os mesmos se percebem em um momento de forte impacto no que tange às mudanças sociais, sem que, no entanto, consigam estabelecer formas sólidas e autônomas de atuarem na sociedade, e/ou garantirem a sua subsistência apenas graças a sua atividade e produção cultural; basta percebermos como vários dos indivíduos que se arriscam na seara da literatura ainda permanecem ligados à burocracia estatal e/ou aos partidos políticos, sendo que muitos intelectuais outrora vinculados à boemia e quase que exclusivamente à literatura, passam por um processo de “aburguesamento”, devido às benesses do funcionalismo público, como, por exemplo, Olavo Bilac, Coelho Neto e Aluísio de Azevedo.¹⁵⁷

¹⁵⁶ BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. **Para uma sociologia dos intelectuais**. Dados, v. 53, n. 4, 889-919, 2010, p. 901-2. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/dados/v53n4/a04v53n4.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2021.

¹⁵⁷ BROCA, op. cit., p. 39.

As considerações tecidas por Miceli quanto à expansão do mercado de trabalho para os intelectuais no início do século XX, justamente em um momento de efervescência social e cultural no Brasil são fundamentais para compreender o papel das atividades do mercado dos impressos nacionais. Nesse ponto, é interessante notar que Domingos Olímpio não descartou a participação nas diversas formas de oportunidades existentes. Enquanto atuava em seu próprio escritório de advocacia, manteve constante atuação política pelos locais onde morou, possuiu funções públicas e sempre contribuiu com a imprensa destes locais. Foi quando de seu estabelecimento no Rio de Janeiro, que Olímpio empreendeu esforços para, além de participar, investir em sua própria produção intelectual, por meio dos livros que buscava publicar, que saíam primeiramente em *Os Anais*, intuito este já explícito desde a edição número 1:

Depois do *Luzia-Homem*, que, há cerca de ano e meio, foi recebido generosamente pelo público e pela Crítica, o sr. Domingos Olímpio, nosso diretor e nosso amigo, lançou a escrita de dois outros romances — *O Almirante* e *O Negro*. Já sobre o primeiro, correram notícias de aparecimento em livro. Mas, não era isso exato. O nosso companheiro, tendo ideia constante de fundar *Os Anais*, sempre imaginou publicar o seu trabalho antes em colunas de revista, e depois em volume. É por esse motivo que *Os Anais* encetam a publicação d' *O Almirante*. Não nos pesa dizer, por que Domingos Olímpio é nosso chefe, que o novo romance não desonrará o nome do autor do *Luzia-Homem*.¹⁵⁸

Ao investir capitais para a aquisição dos maquinários, Olímpio visava participar do mercado editorial que se desenvolvia no início do século XX, por meio da venda de produtos impressos.¹⁵⁹ Cabe aqui também atentarmos para o fato de que o processo de profissionalização da imprensa e do mercado editorial abordado por Miceli concentrou-se num recorte temporal diferente do nosso, algumas décadas mais à frente, uma vez que o sociólogo privilegia, na análise em questão, o período no qual Getúlio Vargas esteve no poder.

¹⁵⁸ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 08 de outubro, p. 05; 1904.

¹⁵⁹ O único anúncio que esteve presente internamente nas páginas de internas de *Os Anais* foi justamente aquele que ressaltava o caráter mercadológico da empreitada de Olímpio, no qual lia-se: “*As oficinas dos «Anais», dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho tipográfico*”. É interessante se atentar, no entanto, para o fato de que não existe nenhuma menção a uma suposta tipografia própria pertencente a Olímpio no livro de Cláudia Marino Semararo, *História da tipografia no Brasil*, o que talvez sugira que o maquinário disponível n’*Os Anais* era menor do que o ressaltado pelo periódico, ou ainda que a empresa não era registrada como tipografia. Não foram encontrados outros documentos que possam apontar, com precisão, a dimensão das oficinas de *Os Anais*.

Nos primeiros momentos do século XX, esse nascente mercado editorial, por mais que não pudesse ser desprezado, ainda dependia de outras formas de subsistência. Além da não existência dos jornalistas tal qual a sua definição clássica, caracterizava a imprensa como um meio no qual era muito importante a construção das relações entre os agentes envolvidos. Nesse sentido, Domingos Olímpio soube articular importantes redes de sociabilidade, que lhe permitiram tanto ter visibilidade quanto lhe permitiram angariar importante capital social. Um desses contatos estaria muito próximo do dia a dia do sobralense.

4.2 Domingos Olímpio e Dionísio Cerqueira: diplomacia e imprensa

A chegada de Domingos Olímpio ao Rio de Janeiro deu-se no dia 29 de dezembro de 1890, no pacote *Advance*, juntamente com Eduardo José de Moraes, que alguns anos depois escreveria a obra *Navegação no Interior do Brasil*, Martim Francisco e Arthur de Castro, notícia publicada pelo jornal *O País* no dia seguinte.¹⁶⁰ Muito provavelmente, Olímpio se deslocou para a capital nacional por motivos políticos, assim como noticiava o *Diário do Maranhão*,¹⁶¹ que publicara alguns meses antes, quais seriam os nomes que representariam a província pelo Partido Republicano: para o senado, os doutores José Paes de Carvalho e Manoel Cardoso Barata e o General Benjamin Constant Botelho de Magalhães, e os deputados Tenente Coronel Lauro Sodré, o Major Inocêncio Serzedelo Correia, o Capitão Tenente Artur Índio do Brasil, e os doutores Domingos Olímpio, José Ferreira Cantão, Teotônio Raimundo de Brito e Raimundo Nina Ribeiro.

Como dito no capítulo anterior, a trajetória de Domingos Olímpio durante os anos em que esteve na província do Grão-Pará foi importante para a construção de relações sociais que lhe abriram importantes possibilidades de ascensão social, ao mesmo tempo que lhe permitiram se manter ativo nas diversas atividades que exercia. Tomemos o caso do Conde de Leopoldina; em nota de 22 de março de 1892, publicada no jornal *O País*, o sr. Henry Lowndes, então Conde de Leopoldina e antigo Visconde de Leopoldina, fez as seguintes considerações acerca dos boatos que circulavam na sociedade sobre sua situação econômica à época

¹⁶⁰ *O País*. Rio de Janeiro: ano VII, nº 3171, terça-feira, 30 de dezembro, p.1; 1890.

¹⁶¹ *Diário do Maranhão*. Maranhão, ano XXI, nº 5054, terça-feira, 15 de julho, p.03; 1890.

Tendo aparecido na imprensa comentários diversos sobre a minha falência, devo declarar que nenhuma participação, direta ou indireta, tenho nessas publicações. Quando entender conveniente procurar a imprensa para esclarecer a opinião pública acerca de meus direitos e interesses, fá-lo-ei pessoalmente ou por intermédio de meus advogados, Conselheiro Carlos A. de Carvalho e Dr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. Espero obter pelos meios legais reparação da grave injustiça de que fui vítima. Não tenho, portanto, necessidade de recorrer ao anonimato ou a qualquer outro meio menos digno.¹⁶²

Na hierarquia dos títulos nobiliárquicos vigentes no Brasil, Conde era um dos títulos mais caros que a nobreza poderia adquirir, perdendo apenas para os títulos de Marquês e Duque. Portanto, Olímpio passou a representar possivelmente um dos mais importantes nobres do país, passo esse importante para a construção de parte de sua rede de sociabilidades.¹⁶³ Vale lembrar que as relações de Domingos com o Conde de Leopoldina estão satisfatoriamente registradas na imprensa grão-parense, quando das visitas oficiais do Conde àquela província, relação essa que permaneceu e possivelmente se solidificou após a chegada de Domingos ao Rio de Janeiro.

Além das relações sociais, Domingos também continuava agindo como homem de negócios e administrador em assuntos que envolviam empreendimentos jornalísticos. Pouco tempo após a sua chegada ao Rio, no ano de 1892, o jornal *O País* noticiava a falência do jornal *Correio do Povo*, citando Olímpio como um dos acionistas

A comissão eleita pelos acionistas, desta empresa, para tratar da liquidação da mesma, faz público que recebe propostas para compra do ativo da empresa, dentro do prazo de três dias, a contar a presente data, devendo ser as propostas enviadas em carta fechada ao escritório, à rua do Ouvidor n. 132, onde serão dados os esclarecimentos necessários. Rio, 26 de maio de 1892 – A comissão, Dr. José Rodrigues Ferreira – Dr. Domingos Olímpio – Manoel Monjardim.¹⁶⁴

Ainda que não se saiba com precisão quando Domingos Olímpio se tornou acionista do jornal *Correio do Povo* constata-se, por meio dessa notícia, que o

¹⁶² *O País*. Rio de Janeiro: ano VIII, nº 3617, quinta-feira, 23 de março, p.3; 1892.

¹⁶³ *A Constituição*: Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará: ano XIII, nº 104, sábado, 08 de maio, p.3; 1886.

¹⁶⁴ *O País*. Rio de Janeiro: ano VIII, nº 3677, quinta-feira, 26 de maio, p.4; 1892.

advogado-jornalista havia adquirido conhecimento acerca dos trâmites burocráticos para aquisição de um jornal à época. Assim, Olímpio adquiriu expertise em todos os processos que envolviam a imprensa da época, na medida em que atuava como colaborador, escrevendo textos para vários jornais aos quais estava vinculado como colaborador esporádico, passando pelo importante processo de seleção e organização dos textos, bem como incumbências da redação do jornal, terminando por cuidar das finanças e partes administrativas de um periódico que lhe pertencia antes de criar *Os Anais*, pelo menos este jornal em específico, ou seja, o *Correio do Povo*. Mesmo após a falência do *Correio*, Olímpio continuaria a participar da imprensa, colaborando com vários jornais, e se arriscaria novamente na empreitada de criar o próprio periódico, alguns anos mais tarde, como ficaria claro em nota publicada pelo jornal *Folha do Norte*, empreendimento este que, ao que parece, foi abortado posteriormente.

Rio!, Aparecerá brevemente nesta capital um jornal diário de grande formato, intitulado *Correio dos Estados*, de propriedade e redação dos srs. Joaquim Lúcio de Albuquerque Mello, Dr. Domingos Olímpio Braga Cavalcanti e Major Rocha dos Santos.¹⁶⁵

No entanto, este mesmo ano seria proveitoso para Domingos Olímpio por dois motivos: no ano de 1892 casou-se novamente, dessa vez com Anna Augusta Braga Torres, neta de Francisco Xavier Torres e filha do Brigadeiro Francisco Xavier Torres Júnior, ambos militares que se destacaram em suas funções e na política. Além disso, Olímpio embarcou para os EUA para participar da Missão Especial de Washington, que trataria da questão de assuntos fronteiriços na Questão das Missões, conhecida também como Questão de Palmas. Um ponto muito importante a ser destacado aqui é que ambos os eventos se inter-relacionam de maneira interessante: a irmã de Anna Torres era Antonietta Braga Torres, casada com Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, nome recorrente em várias edições de *Os Anais*; ou seja, Domingos Olímpio e Dionísio Cerqueira eram cunhados e mantiveram fortes laços ao longo dos últimos anos de vida de Olímpio.

Para se ter ideia da importância diplomática dos conflitos que permearam a Questão das Missões deve-se ter em mente que esta era uma região disputada, tanto pelo Brasil quanto pela Argentina, devido à colonização dos dois países da

¹⁶⁵ **Folha do Norte**. Belém do Pará: ano I, nº 33, domingo, 02 de fevereiro, p.2; 1896.

divisão entre Portugal e Espanha no Tratado de Tordesilhas e da atuação dos colonizadores de ambos os lados, com destaque para a atuação das missões religiosas. Apesar da demarcação do local fazer referência às questões geográficas, tais fatores acirram a disputa, que teve fim durante os acordos diplomáticos ocorridos entre os anos de 1857 a 1895.

[...] o antigo território [é o atual território] de *Palmas*, hoje incorporado às regiões sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina, limítrofe ao nordeste da *Província de Misiones*. No conjunto dessas regiões, com exceção de aproximadamente 22 quilômetros de linha seca entre as nascentes dos rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio, a linha internacional foi demarcada pelos cursos das águas daqueles rios. Ainda que o estabelecimento daquele limite territorial faça parte do conjunto das construções das fronteiras lineares do país com os vizinhos, ela representa capítulo à parte na história do Brasil e também da Argentina. A linha data de 1895, mas seu contexto geo-histórico está inserido na chamada *Questão de Palmas ou Misiones*, disputa territorial que se deu entre os dois países na segunda metade do século XIX (1857 a 1895). A área territorial disputada entre os respectivos países compreendia 33.621 km² de terras hoje incorporadas ao Brasil. A contenda de Palmas ou *Misiones* foi a primeira grande questão de limites a ser negociada pelo Brasil independente com um dos seus vizinhos, e podemos dizer que, politicamente foi tão importante ao país que posteriormente serviria de exemplo para tratar de outros litígios fronteiriços. A origem desse conflito remonta, na verdade, ao Tratado de Tordesilhas (1494), primeira fronteira linear aplicada pelos europeus no continente americano, seguido pelo Tratado de Madri (1750) e pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), períodos em que portugueses e espanhóis exerceram o domínio colonial por vários séculos sobre as terras da América do Sul, divergindo sobre os limites de suas possessões.¹⁶⁶

Tanto Brasil quanto Argentina reivindicavam a região; este alegando que os limites entre as regiões deveriam seguir as possessões espanholas, enquanto aquele se utilizava do argumento conhecido como princípio de “*uti possidetis*”, ou seja, que os limites deveriam ser incorporados por aqueles que efetivamente estiveram presentes na ocupação do território em disputa. A missão foi encabeçada por Dionísio Cerqueira, que, posteriormente, desempenhou papéis de destaque no funcionalismo público, tendo sido Ministro das Relações Exteriores entre os anos de

¹⁶⁶ FERRARI, Maristela. **Interações transfronteiriças na zona de Fronteira Brasil-Argentina: o extremo oeste de Santa Catarina e Paraná e a Província de Misiones (século XX e XIX)**. Tese de doutorado de Pós-Graduação em Geografia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 2011, p. 97-8.

1896 e 1898, no governo de Prudente de Moraes, e ainda Ministro da Guerra (1896-1897) e Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas (1897).

Ainda no transcorrer das negociações, o jornal *O País* publicava um longo artigo denominado “Cartas Americanas” que abordava a correlação de uma série de eventos que afetavam as personagens envolvidas nas disputas. O texto começava citando o falecimento do Barão de Aguiar de Andrada e a repercussão de sua morte no corpo diplomático e na imprensa estadunidense, destacando as homenagens dos membros da comitiva ao colega recém-falecido, dentre eles Olímpio e Cerqueira, que “ocupavam lugares de distinção entre o corpo diplomático”. Em seu corpo, o artigo defendia que o “acaso” colocou o presidente dos EUA como mediador da Questão das Missões, mas que, no entanto, seria esta uma oportunidade para estreitar os laços das duas maiores “Nações das Américas”, momento oportuno para estruturar a delegação a fim de torná-la a semente para uma embaixada brasileira em Washington.

Poder-se-á objetar que as embaixadas são mais apropriadas à representação dos soberanos e, por conseguinte, não muito de acordo com a índole democrática dos governos republicanos, a isso, porém, responderíamos com vantagem apoiando-nos no precedente estabelecido pela República Francesa e pelos Estados Unidos do México e ainda mais na autoridade dos mestres da arte de Maquiavel; as quais reconhecem as embaixadas como representação de primeira ordem, qualquer que seja a forma de governo donde proceda.¹⁶⁷

O artigo ressaltava ainda o grande alcance político e o que chamou de “reconhecimento moral” dos EUA para com o Brasil, naquele momento de extrema importância para a consolidação do sistema republicano, recém-instalado no país. Sobre a situação da estrutura diplomática do Brasil à época, *O País* redigia a seguinte ponderação

Poderão ainda dizer que não temos essa categoria na lei orgânica do corpo diplomático; isto é verdade, mas aí está o congresso para criar o cargo e com a solenidade que o exige. Justa ou não, a oportuna ou inconveniente, a sugestão aí fica com a sinceridade dos muitos que a inspiraram: [...] de ver cada vez mais notável e considerada no estrangeiro essa pátria que estremecemos como um amor que a saudade acendra.¹⁶⁸

¹⁶⁷ *O País*. Rio de Janeiro: ano IX, nº 4016, sábado, 06 de maio, p.2; 1893.

¹⁶⁸ *O País*. Rio de Janeiro: ano IX, nº 4016, sábado, 06 de maio, p.2; 1893.

O assunto também seria abordado nas páginas de *Os Anais*, logo em suas primeiras edições. Na edição de número 15, que foi às ruas na quarta-feira, dia 19 de janeiro de 1905, a redação de *Os Anais* publicaria o texto “A Embaixada”, pouco tempo depois da oficialização da criação da representação brasileira em Washington.

A criação de uma embaixada do Brasil em Washington, repercutiu, em todos os círculos diplomáticos, como o primeiro passo da nossa preponderância legítima na política internacional das repúblicas sul-americanas. O fato de coincidir esse movimento com as afirmações categóricas do presidente Roosevelt, dando feição definitiva a doutrina de Monroe, ao contrário do que supõe a imprensa londrina, parece indicar que as duas nações estão de perfeito acordo no plano de defesa comum da integridade americana contra as pretensões do imperialismo europeu, desvanecendo o sonho da Alemanha Antártica, que tem, profundamente, impressionado a chancelaria norte-americana, aos seus publicistas mais notáveis e a sua imprensa de todos os matizes. [...] A embaixada a Washington não pode ter a significação que lhe emprestam o *Times* e o *Morning Post*, de uma reincidência da tentativa, tantas vezes falhada, de uma coalisão das repúblicas sul-americanas contra os Estados Unidos da América. Ela indica, claramente, um acordo, um estreitamento de vínculos, fortificando a solidariedade de interesses internacionais contra ameaças, quiçá efêmeras, talvez exageradas, mas, em todo o caso, perturbadoras. Ela indica a concretização de uma velha ideia que, desde a iniciativa de J. Blaine, abriu sulco profundo na opinião, e surge, agora, vitoriosa. A embaixada de Washington é a mais solene afirmação do prestígio do Brasil.¹⁶⁹

Logicamente, a atuação de Dionísio Cerqueira seria relatada nas páginas de *Os Anais*. Logo na edição de número 6 de *Os Anais*, de 12 de novembro de 1904, um artigo escrito pela redação denominado “Um litígio Secular” traria um preâmbulo sobre as disputas na região fronteira entre Brasil e Argentina ressaltando a atuação de Cerqueira na resolução dos impasses, com direito a uma fotografia do diplomata durante uma de suas missões na região (ANEXO VIII). O general era retratado da seguinte maneira

O general Dionísio Cerqueira [...] figurou nas fases mais notáveis da controvérsia: como explorador do território contestado em 1887; como ministro plenipotenciário na missão especial que teve como chefe o ilustre Barão de Rio Branco, em Washington; como ministro das relações exteriores no tratado de execução do laudo arbitral e

¹⁶⁹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 15, 19 de janeiro, p. 47; 1905.

demarcação de toda a fronteira, e como chefe da comissão que acaba de demarcá-la com um êxito sem precedente na história dos nossos limites.¹⁷⁰

Na edição seguinte, o próprio general teria espaço em *Os Anais* para expor suas impressões acerca de suas experiências na região, em um artigo de sua autoria intitulado “Ruínas de S. Miguel” Cerqueira publicava parte de seu diário sobre a situação de abandono do antigo templo de São Miguel, que outrora havia sido ocupado pelos espanhóis. É interessante notar que sua avaliação da região possui forte apelo em prol do “progresso civilizatório”, ao pintar aquela região como abandonada devido ao caráter pobre e supersticioso dos pobres moradores do local.¹⁷¹ Dionísio Cerqueira acabou se tornando um dos principais colaboradores de *Os Anais*, sempre debatendo questões diplomáticas em artigos avulsos, ou ressaltando sua atuação militar num conjunto de textos sequenciais denominados “A Linha Negra - Reminiscências de Campanha” ou “Reminiscências da Fronteira”.¹⁷²

Contudo, a atuação de Dionísio também foi alvo de críticas, em especial devido ao apadrinhamento de seu cunhado durante as reuniões diplomáticas. O jornal *Gazeta de Notícias* publicado no dia 6 de maio de 1892, traria uma pequena, porém sutil nota criticando a nomeação de Domingos Olímpio para a função de secretário na Missão de Washington. Intitulado “*Estados-Unidos*” o excerto assinado apenas como “*um maranhense*”

Grande alvoroço deve ter causado aos homens de bem as Várias do *Jornal do Comércio*, prevenindo o partido para a exposição de Chicago, do distinto Dr. Domingos Olímpio. O advertido ministro, do qual depende a viagem, não deve se esquecer também de convidar o não menos bem preparado Dr. Joaquim Lúcio, para não parecer incompleta a junta representativa. Aqui, na Capital Federal, não faltarão personagens adequados a tal fim; entretanto nenhum tão consumado como aqueles dois insignes doutores, que estão talhados para honrar a nossa pátria.¹⁷³

¹⁷⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 06, 12 de novembro, p. 96-7; 1904.

¹⁷¹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 07, 24 de novembro, p. 109-10; 1904.

¹⁷² A atuação de Dionísio Cerqueira em *Os Anais* é expressiva. O militar esteve presente em 26 edições, sempre falando sobre a sua atuação como militar e diplomata e se posicionado frente aos acontecimentos debatidos internacionalmente. Ver, a título de exemplo, as edições 08 e 09 do ano I de *Os Anais*, bem com as edições de número 10, 11, 12 do ano II o citam sendo artigos do editorial do periódico.

¹⁷³ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: ano XVIII, nº 127, sexta-feira, 06 de maio, p.2; 1892.

A despeito das críticas que, por vezes, lhes eram endereçadas, tanto Olímpio quanto Cerqueira, buscavam, por meio das páginas de *Os Anais* demonstrar suas habilidades intelectuais e diplomáticas, ressaltando suas feitas e demonstrando sua erudição. Paralelamente, mantinham suas agendas políticas¹⁷⁴ e realizavam outras atividades que lhes dessem sustentabilidade para suas ambições políticas. Novamente as personagens envolvidas nessas atividades também se cruzavam em um ponto específico: a vontade (ou necessidade?) de participar da imprensa. Mais uma vez o jornal *Folha do Norte* traria a notícia de que Olímpio viajara, em comitiva, para a província do Amazonas a fim de cuidar de disputas fronteiriças entre a província do Amazonas e do Mato-Grosso.

[...] publicou um jornal de Manaus, na sua edição de 2 do corrente: Regressou ontem à tarde, no *Alagoas*, para o Rio de Janeiro, o nosso estimado colega de imprensa, major Rocha dos Santos. Nosso confrade veio especialmente tratar de negócios concernentes ao Amazonas e Mato-Grosso. [...] A comissão Amazonas-Mato-Grosso ficou composta dos srs. Dr. Domingos Olímpio, advogado; dr. Tapajós, engenheiro; e major Rocha dos Santos, na qualidade de auxiliar, como solicitador. O sr. Rocha dos Santos é portador de importantíssimos documentos, que não fazem duvidar a vitória do Amazonas.¹⁷⁵

Um dos nomes que merece destaque é o do major Rocha dos Santos, que já havia sido citado na imprensa como um dos sócios e idealizadores do jornal *Correio dos Estados*, que, ao que consta, nunca chegou a existir de fato. Contudo, o caminho traçado por Olímpio e Cerqueira dava resultados, e, novamente, as relações de Olímpio se mostravam proveitosas. A coluna *Nossos Telegramas* do *Folha do Norte*, afirmava que três nomes representariam o Brasil no Japão para tratar de assuntos diplomáticos: Domingos Olímpio, Alexandre Gasparoni e Eugênio Pinto.¹⁷⁶ Tal afirmação não chegou a ser validada, uma vez que a nomeação oficial deste grupo não foi localizada ao longo dessa pesquisa. Ainda assim, tais citações demonstram uma crescente ascensão de Olímpio. Parte dessa falta de documentação oficial comprovando as nomeações de Olímpio também são citadas indiretamente na imprensa.

¹⁷⁴ Já morando no Rio de Janeiro, Olímpio seria convidado para mais um banquete político de suma importância, que contou com a presença do Vice-presidente à época Francisco de Assis Rosa e Silva. *O Pará*. Belém do Pará: ano I, nº 303, 03 de março, p.2; 1898.

¹⁷⁵ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano I, nº 229, domingo, 16 de agosto, p.2; 1896.

¹⁷⁶ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano I, nº 231, terça-feira, 18 de agosto, p.02; 1896.

A atuação de Dionísio Cerqueira em prol de Domingos Olímpio chegou a ser motivo de crítica pela imprensa. Na seção “*Pela mala do “S. Salvador”*”, o jornal *Folha do Norte* narrava o seguinte acontecimento: estando Rui Barbosa convidado a participar de uma missão especial que partiria para a França tratar dos limites do Amapá com a Guiana Francesa notícia essa que havia circulado extraoficialmente pela imprensa, e que, Rui Barbosa, ao tomar conhecimento do convite, manifestou sua relutância em aceitá-lo, colocando como exigência para o aceite, uma conferência especial sobre o assunto para que o mesmo pudesse se inteirar sobre os temas e ser oficialmente convidado a representar o país. Numa tentativa de resolver o mal entendido, Dionísio Cerqueira enviou Olímpio para convidar “oficialmente” Rui Barbosa, encontro esse que transcorreu da seguinte maneira segundo o jornal:

E no dia imediato [...] porém, o sr. general Dionísio Cerqueira, o nosso grandíssimo desastrado, mandou ao escritório do sr. Ruy o sr. Domingos Olímpio, cuja posição oficial é a de cunhado do sr. Cerqueira, conferenciar. O Ruy, não reconhecendo o caráter oficial no sr. Domingos Olímpio *desconversou* e nada disse ao *emissário* do sr. ministro do exterior, esperando até a noite notícias da conferência pedida.¹⁷⁷

Segundo o texto, a maneira pela qual se deu o convite gerava uma cisão entre os “amigos” (lê-se “correligionários”) de Rui Barbosa: de um lado, havia um grupo que acreditava que Rui deveria aceitar o convite de qualquer maneira, devido à importância da atividade e da repercussão positiva de sua realização; de outro, que lia tal informalidade como forma de retirar Barbosa das incumbências de diplomata, uma vez que seu perfil era conhecido por todos como o de alguém que presava pela formalidade. Coube, então, ao senador liberal Joaquim Duarte Murtinho intervir: o político escreveu a Rui Barbosa explicando o ocorrido e garantindo a formalidade do convite diplomático, ao que ficou acertado que, quando do embarque da comitiva no Cais Pharoux (atualmente conhecido como Praça Quinze) para outras atividades oficiais, estariam presentes membros do gabinete oficial do governo para lhe realizarem devidamente o convite. Na ocasião, foi escalado o sr. Feliciano Gonzaga que, em nome do vice-presidente da República, o senhor Manuel Vitorino Pereira, oficializou o chamamento, inclusive oferecendo o

¹⁷⁷ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano II, nº 413, quarta-feira 17 de fevereiro, p.1; 1897.

carro oficial do governo para que fizesse o deslocamento de Barbosa até a sua residência.

Além das formalidades supracitadas, foi ainda necessária uma reunião, à portas fechadas, na qual estiveram presentes Rui Barbosa, o Vice-presidente da República, Manuel Pereira e, obviamente, Dionísio Cerqueira, que, naquele momento, era Ministro das Relações Exteriores. Devido ao contexto e às personagens envolvidas, o encontro gerou rumores quanto ao que havia sido, enfim, acordado entre as partes, ao que o *Folha do Norte* relatava ter tido o seguinte desfecho:

O sr. Rui recebeu as honras que queria e depois....negou-se a aceitar a missão e depois de muito instado ficou resolvido o seguinte: Trata-se da questão aqui: o governo francês, por seu representante e o brasileiro pelo sr. Dionísio, sem outra intervenção, e caso seja preciso, mais tarde, ir alguém à Paris, já líquido e estudado o ponto central da questão, este *alguém* talvez então seja o sr. Rui Barbosa.¹⁷⁸

Outra crítica pesada a atuação diplomática extraoficial foi realizada por Gregório Taumaturgo de Azevedo nas páginas do *Jornal do Comércio*. No texto,¹⁷⁹ Azevedo alega que as últimas notícias acerca da questão das fronteiras do Brasil com a Bolívia, determinavam que o Acre passaria a pertencer a este país, com conivência dos dois representantes nacionais que haviam sido incumbidos de mediar as questões: o Dr. Carlos de Carvalho e Dionísio Cerqueira. Quanto ao primeiro, o autor se colocava num lugar de complacência, ao afirmar que o mesmo não considerava o Acre um território boliviano; já Cerqueira não contava com a mesma sorte.

Na visão de Gregório, Cerqueira era responsável pela “entrega” da região aos bolivianos devido à maneira como delimitou os marcos territoriais da região, quando de sua realização, comandado pelo Major.

Ao Dr. Dionísio, sim, cabe a principal responsabilidade desta desgraçada situação, porque insistiu em dizer *verdadeira* a nascente do Javari, considerava a *linha oblíqua* como fronteira, e, forçado a mandar examinar aquela nascente, antes de verificado o erro pela comissão mista dos dois países, concedeu o estabelecimento da

¹⁷⁸ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano II, nº 413, quarta-feira 17 de fevereiro, p.1; 1897.

¹⁷⁹ Não foi possível determinar com precisão o nome do artigo devido à má qualidade da digitalização, e possivelmente, do estado de preservação da fonte.

Alfândega de Porto Alonso no território disputado, dando assim motivo à posse dele e a revolução dos Acreanos, como consequência desse ato criminoso.¹⁸⁰

Azevedo acusa Dionísio Cerqueira de descaso para com as questões fronteiriças do Brasil, afirmando que o Ministro sempre tomava partido dos países vizinhos, com o intuito de ser reconhecido pelos mesmos como grande diplomata. Em certo momento do texto, Azevedo chega mesmo a apontar para o forte vínculo entre Cerqueira e Olímpio, na medida em que afirma que, ao escrever aquelas linhas, tinha a convicção de que as mesmas seriam repelidas pelo jornalista, movimento ao que já se antecipava, reproduzindo trechos de documentos oficiais do próprio Cerqueira. No entanto, no primeiro artigo, Olímpio seria poupado das críticas, na medida em que, este teria entrado em polêmicas falseadas por interesses diversos, possivelmente políticos. Já Cerqueira não era digno do cargo que ocupava, pois:

Em todos os atos da vida pública, sempre mostrou não ter opinião firmada sobre coisa alguma, quer na política, que a generosidade de uns o guindou sem mérito, sem serviços e sem eleitores, que na administração que a benevolência de outros fê-lo ocupar uma pasta para a qual não tinha o menor preparo prático e intelectual, nem a intuição da responsabilidade em manter a honrosa tradição da diplomacia brasileira de outros tempos.¹⁸¹

A visão positiva mudaria no segundo artigo, pouco mais de duas semanas depois, após Domingos Olímpio ter emitido posicionamentos em defesa de seu cunhado, o que seria lembrado por Taumaturgo de Azevedo. Se, no primeiro artigo, a idoneidade Olímpio era preservada, no segundo a mesma era deliberadamente atacada.

Um Gregório mais agressivo iniciava seu texto afirmando que os artigos de Olímpio não possuíam “nenhum valor técnico, jurídico ou moral” para que fossem ditos por válidos na questão da definição das fronteiras Brasil/Bolívia. Além disso, o intuito, tanto de Olímpio quanto de Cerqueira, era de obter dinheiro com as missões diplomáticas. Olímpio era acusado de protelar o desenvolvimento das discussões e

¹⁸⁰ **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, ano LXXXII, nº 261, sexta-feira, 19 de setembro, p. 05; 1902.

¹⁸¹ **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, ano LXXXII, nº 261, sexta-feira, 19 de setembro, p. 05; 1902.

pareceres jurídicos a fim de aumentar os custos de sua assessoria jurídica, questões que, naturalmente, geravam polêmicas.

[...] ao Sr. Ministro do Exterior tem interesse em se defender [...] à custa do povo, este não o tem, e lastima pagar imposto para ser mal aplicado em polêmica contra o interesse do país. Só quem lucra em tudo isso é o Sr. Domingos Olímpio que, no caso, faz o papel de rábula, que chicana para protelar a causa, e quanto mais trapaceia mais engorda às custas do infeliz cliente.¹⁸²

Pouco mais à frente, surgiam novamente questionamentos quanto à relação familiar que a gestão de Dionísio Cerqueira trouxe para as missões oficiais do Ministério das Relações Exteriores devido à participação de Olímpio como membro sem que este fosse nomeado oficialmente:

[...] lastimável o desembaraço com que julga iludir o bom senso dos que tem acompanhado esta questão, barulhando-a com uma rabulice ignara inculcando-se *diplomata* e devassando o arquivo do Ministério do Exterior, sem que ali exerça nenhuma função legal, revelando possuir e oferecendo documentos de propriedade reservada do Estado, de valor inestimável, que podem ser extraviados, sem a responsabilidade dos funcionários seus depositários. Que cargo ali exerce o Sr. Domingos Olímpio? Como se permite isto?¹⁸³

Eram duas as acusações contra Olímpio: de trabalhar contra os interesses nacionais (sem motivos aparentes) e buscar deslegitimar Taumaturgo, por meio de seus artigos. O primeiro argumento era baseado nas supostas atuações de Olímpio contra “os interesses nacionais”, já que, para Taumaturgo, os argumentos do advogado sempre eram benéficos ao país vizinho. Enquanto isso, Olímpio se utilizava da imprensa para atacar o desatado, utilizando do argumento de que Azevedo não teria uma visão imparcial do assunto por ser funcionário do Ministério da Guerra, com interesses políticos em suas críticas. Taumaturgo acusava Olímpio de não ser republicano, em referência tanto às suas supostas práticas de perseguição na imprensa, quanto, possivelmente, ao notório conhecimento no meio político de que Olímpio havia passado grande parte de sua trajetória política filiado ao Partido Conservador, tendo se “assumido republicano” um ano antes da instauração da República.

¹⁸² **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, ano LXXXII, nº 275, sexta-feira, 03 de outubro, p. 04; 1902.

¹⁸³ **Jornal do Comércio**. Op.cit., p. 04; 1902.

Já é tempo de calar a vasa que o 15 de Novembro resolveu; já é tempo de eliminar os elementos espúrios à moralidade da República; já é tempo de acabar-te com os parasitas que se dizem republicanos desde *antes de despontar-lhes o bigode*; quando a verdade é que só o dizem e alardeiam por esperteza e lucro. Quem ignora que República não é *folia, pândega se moral e sem escrúpulos*, e democracia não é governo de *mangas de camisa e pé rapado*, como diz o próprio Dr. Domingos Olímpio! Estou de acordo, É preciso, pois, expelir-se os pés rapados e os espertos que hipnotizam os fracos. Principie-se por suprimir-se a cambalhada de pretensos *diplomatas* que esquecem as nossas tradições, e deem-se os lugares aos que sempre primaram pela honestidade e a competência em longa vida de serviços à sua pátria, sem jamais a comprometerem. A verdadeira República de certo não pode servir de refúgio para aqueles, e a democracia bem entendida não é o nivelamento dos bons aos maus, dos honestos aos falsários, dos patriotas aos tartufos e exploradores.¹⁸⁴

Todas essas polêmicas se deram em momentos distintos, algumas quase uma década antes da criação de *Os Anais*, outras, poucos anos antes: no entanto, estiveram presentes de alguma maneira nas páginas do semanário. Em especial, é interessante notar os posicionamentos e (re)leituras das vivências públicas de Dionísio Cerqueira em *Os Anais*, material este que seria publicado apenas postumamente.¹⁸⁵

Ao fim e ao cabo, *Os Anais* realmente serviria ao propósito de “abrir as portas”, mas não para nomes pouco conhecidos de regiões distantes da capital, mas para figuras próximas a Olímpio e contatos que lhe fossem interessantes, num claro intuito de se consolidar político e socialmente, possivelmente almejando uma carreira diplomática.

4.3 *Os Anais* e a “polêmica” de Silvio Romero com Manoel Bomfim

No vazio da inteligência, com grosseria das inspirações, incapazes de correspondência com a realidade, prontos para explorar o que a força e a riqueza material oferecem, os nossos dirigentes são prontos, igualmente, em aceitar quantos conceitos e juízos lhes

¹⁸⁴ *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano LXXXII, nº 275, sexta-feira, 03 de outubro, p. 04; 1902.

¹⁸⁵ Durante essa pesquisa, foram encontradas na internet a informação de que existem duas versões das memórias de Dionísio Cerqueira: uma lançada em 1928 com o nome *Reminiscência da Fronteira*, e outra denominada *Reminiscência de campanha do Paraguai*, de 1929. Possivelmente trata-se da mesma obra, sem grandes ou nenhuma alteração; no entanto, não nos foi possível comparar as duas edições.

deem as suas curtas leituras, desde que se acordem à insuficiência de pensamento e grosseria de propósitos que os caracterizam.¹⁸⁶

O episódio mais conhecido e, por isso mesmo, o mais emblemático que envolveu *Os Anais* foi uma suposta polêmica entre Silvio Romero e Manoel Bomfim. O mesmo se deu em um momento no qual os embates acadêmicos eram sinal de status entre os intelectuais envolvidos, aos moldes de um “duelo intelectual”.

De um lado, encontrava-se Manoel Bomfim, tido por ser uma “voz dissonante” do período republicano brasileiro. Seus escritos caracterizam-se pela crítica ácida e mordaz às elites nacionais, na contramão da maioria dos pensadores de sua época. Nascido em 1868, Bomfim presenciou a conturbada conjuntura brasileira da passagem do século XIX para o XX, momento de acirrados debates intelectuais e de busca pela definição dos fatores que constituiriam o povo, a nação e a identidade brasileira. Médico de formação, Bomfim, no entanto, dedicou grande parte de sua vida à pedagogia, como professor da Escola Normal do Rio de Janeiro e, posteriormente, à frente do *Pedagogium*¹⁸⁷ durante muitos anos.

Foi contemporâneo de nomes como Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Silvio Romero, Nina Rodrigues, e do chamado “cientificismo”, tão em voga na época, ideia que alicerçou a análise desses autores, seduzidos pelo darwinismo social e pelo evolucionismo, fornecedores de elementos para se pensar a formação étnica e a identidade nacional no período republicano. Na busca pelas mazelas brasileiras, a conclusão a que grande parte das nossas elites chegou foi a de que a justificativa para o atraso do Brasil provinha da miscigenação, uma vez que a mistura racial de diferentes grupos étnicos, em diferentes estágios evolutivos, agregou, à constituição do povo brasileiro, subgrupos (negros e indígenas) que contaminaram os caracteres benéficos dos povos brancos (portugueses) que aqui se instalaram.

Tais conclusões, na perspectiva hodierna francamente discriminadora, eram justificadas por meio de um prisma “científico”, no momento em que o adjetivo legitimava as interpretações dos homens cultos do XIX. A partir de meados deste século, a ciência ganhou ainda mais força com as especializações nas diversas áreas do conhecimento humano e a institucionalização das diferentes áreas do

¹⁸⁶ BOMFIM, Manoel. **O Brasil**. (Coletânea de trechos organizados por Carlos Maul). São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935, p.333.

¹⁸⁷ O *Pedagogium* foi um museu de caráter pedagógico fundado em 1890, referência como o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil. No ano de 1897 foi transformado em um centro de cultura superior país, e extinto em 1919.

saber. Todavia, estas visões não eram incontestes. Havia autores que criticaram essas leituras, como foram os casos de Tobias Barreto, Manuel Quirino e Manoel Bomfim que, durante muito tempo, foi interpretado como um autor perseguido por suas posições e relegado ao esquecimento.

Contrário a tais pressupostos, mas com o mesmo intuito de desvendar quais as origens das mazelas nacionais presentes em nosso atraso frente aos países tidos por desenvolvidos. Durante nove anos, Bomfim escreveu sua mais influente obra *A América Latina: males de origem* (1905), tendo-a terminado entre 1902-1903 na França, onde estudava psicologia experimental na renomada Sorbonne, ao lado de Alfred Binet e Georges Dumas. Tais influências contribuíram para a sedimentação da idealização de Bomfim da construção do primeiro laboratório de psicologia experimental brasileiro, projeto pioneiro até então. Seus estudos nessa área são sempre lembrados pelo caráter inovador, uma vez que as ideias apontadas por Bomfim surgiram posteriormente nas pesquisas de Jean Piaget e Lev Vygotsky. Ao voltar ao Brasil, publicou *A América Latina: males de origem* obra que se distanciava das análises naturalistas e se utilizava de um viés sociológico e profundamente histórico. Pouco tempo após chegar ao público, o livro começou a repercutir entre seus pares, tanto a favor como contra. A primeira manifestação fez-se por meio de um parceiro de longa data de Bomfim, Alcino Guanabara, jornalista que já havia tido contato com o pensamento de Manoel Bomfim nos tempos em que foi redator do periódico *Correio do Povo*.

Nas páginas do jornal *O País*, Pangloss, um de seus pseudônimos, coadunava com Bomfim, no que tange à existência de um caráter imperialista, pejorativo e detrator tanto das nações europeias quanto dos povos americanos. Quando o assunto abordado eram as populações deste continente, havia uma discrepância entre povo e território, um contraste entre a debilidade daquele e a beleza e riqueza deste. Bastava abrir as páginas de algum jornal europeu para constatar tais afirmações, na medida em que eram comuns escritos nos quais os habitantes da América Latina eram “inadaptáveis à vida civilizada”, e que, por isso mesmo, seriam passíveis de “ser escravizados ou eliminados pelos povos civilizados que são os que têm o direito de deter os territórios, porque são os que sabem colher todos os proventos deles”.¹⁸⁸

¹⁸⁸ *O País*. Rio de Janeiro: ano XXI, nº 7551, domingo, 11 de junho, p.2; 1905.

Pouco mais de um mês após a resenha de Guanabara, também em *O País*, Pedro do Couto apontava pontos positivos e negativos da obra de Bomfim. Para ele, existiam exageros na tese principal, contudo o livro constituía-se como uma referência sociológica sobre o tema, ou seja, nossas mazelas, e sua leitura fazia-se imprescindível a uma “reação necessária contra a exploração de que fomos e somos vítima”.¹⁸⁹

Mas não foi apenas em *O País* que a obra repercutiu. O simbolista Nestor Victor escreveu uma resenha do livro nas páginas de *Os Anais*, na qual coadunava com a obra de Bomfim. Segundo Victor, sua própria experiência no exterior o colocou na mesma situação experimentada por Bomfim.

E então que temos um sentimento vivo da nossa situação como povo no mundo. Si somos bastante fortes para continuarmos a ser justos, é encontrando-os com a civilização do velho mundo, de que derivamos, que podemos comparar e ver o que nos falta, verificar até que ponto há razão contra nós. Mas, por isso mesmo, os nossos sentimentos patrióticos e até continentais avivam-se e vibram como nunca. Tanto mais que no correr desse estudo verificamos que parte de injustiça há no conceito do europeu a nosso respeito, já por falta de noções exatas, de toda espécie, já por uma natural confusão das coisas, pela incapacidade que arraigadas preconceitos vão criando no espírito dos velhos povos, como no dos homens valetudinários, para julgarem de valores novos.¹⁹⁰

Apesar de concordar em parte com Bomfim, existem diferenças sensíveis em sua análise. Em um ponto essencial da obra Victor discorda veementemente: quanto à questão racial. Nas suas palavras:

Para mim, a razão principal está no grau de evolução em que se achavam as raças do africano e do aborígine que se incorporaram, em grande proporção, a massa que constituem a nossa população atual. Eu não sou dos que negam a capacidade de progresso nessas raças, tidas hoje, em geral, como absolutamente inferiores; mas não reconhecer a lentidão com que elas caminham em comparação com as raças brancas, é negar a própria evidência, parece.¹⁹¹

Desta forma a solução para sanar esses males obviamente também não seria idêntica. Nestor avalia a resposta educacional de Bomfim como limitada e limitadora, não condizente com as necessidades mais amplas de nossa nação:

¹⁸⁹ *O País*. Rio de Janeiro: ano XXI, nº 7593, domingo, 23 de julho, p.3; 1905.

¹⁹⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 51, 05 de outubro, p. 610; 1905.

¹⁹¹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 51, 05 de outubro, p. 611-612; 1905.

É claro, penso eu, que é preciso valorizar as nossas forças tornando-as forças vivas, inteligentes, pela cultura, mas ao mesmo tempo voltar-nos para todos os lados, na proporção dos nossos recursos e da nossa energia: povoar, plantar, abrir caminhos, fomentar indústrias, construir cidades decentes e sãs, instruir, armar, proteger nossas costas, disciplinar-nos, estabelecer entre nós a justiça, tornar um facto a liberdade como deve ser entendida, produzir, estimular-nos entre nós, mostrar, numa palavra, que somos povos que merecem viver e que estão aptos a defender-se, mesmo, se tanto for necessário, a agredir.¹⁹²

Mesmo com discordâncias graves, Victor ressalta os pontos positivos da obra, o que não acontece no caso de Silvio Romero. Apesar de Bomfim não se referir diretamente aos seus desafetos intelectuais, ao publicar *A América Latina*, Bomfim atingiu o importante polemista. Ao divergir das ideias comumente aceitas no período e atacar a forma como as elites nacionais praticavam sua suposta “ciência”, Bomfim despertou a ira do autor da *História da Literatura Brasileira*, cujo terceiro tomo estava em vias de ser publicado. Logo após o lançamento do livro de Bomfim, Romero escreveu em *Os Anais* uma série de artigos para responder às críticas de Bomfim.

Durante semanas, atacou várias partes da obra, utilizando-se de argumentos acadêmicos e, em especial, de ataques pessoais, estratégia sempre mobilizada para desqualificar o interlocutor, corriqueira no período. Foram ao todo vinte e cinco artigos posteriormente compilados e publicados em 1906 em um livro cujo título era extremamente provocativo: *A América Latina: análise do livro de igual título do Dr. M. Bomfim (1906)*. Devido ao caráter virulento dos artigos, a direção do periódico cedeu o direito de resposta a Manoel Bomfim, seu colaborador discreto.¹⁹³ Todavia, Bomfim limitou-se a endereçar ao secretário do periódico, Walfrido Ribeiro, uma longa carta datada de 15 de março de 1906, que foi publicada em *Os Anais* a fim de demonstrar a idoneidade do periódico, dando-lhe espaço para rebater aos questionamentos.

Publicada sob o título “*Uma Carta*”, Bomfim se eximia de entrar em combate com Romero e isentava o periódico de culpa pela inveja e jeito grosseiro de Romero, que ainda publicou o resto da crítica em mais algumas edições para não mais tocar no assunto.

¹⁹² *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 51, 05 de outubro, p. 612; 1905.

¹⁹³ Antes dos artigos de Romero, Bomfim publicou apenas um artigo na revista que foi dividido em duas partes, no ano II da revista, números 49 e 50 de 21 e 28 de setembro de 1905, respectivamente.

Meu cara amigo sr. Walfrido — É muita a sua gentileza de repetir me em carta o oferecimento feito por intermédio de um amigo. Venho agradecer-lo. Você põe a minha disposição as colunas dos “Anais”, para que eu conteste a extensa descompostura passada à minha América Latina, pelo sr. Silvio, garantindo-me estar pronto a “acolher uma resposta na altura da agressão”. Lamento não poder aproveitar esta ocasião de honrar-me colaborando nas colunas da sua estimada revista. Não responderei diretamente ao sr. Romero. Os sentimentos que lhe animaram a pena nessa extraordinária crítica são tais, e tão claramente se exprimem, que me dispensam de tratar diretamente com ele. É um indivíduo que não tem, sequer, o pouco de educação e de bom gosto necessários para mascarar em público os furores da inveja e da cólera.¹⁹⁴

Nas palavras de Bomfim, o conjunto de 19 artigos, que já haviam sido publicados nas mesmas páginas de *Os Anais* era composto de “contorções grotescas”, de “gestos e assobios onde a gaiatice insípida mal encobre um despeito minaz e vil”, frutos de um “espírito que até na decrepitude é ridículo e pretensioso”. Com sua linguagem também ácida e bastante contundente, Bomfim alfinetava de maneira corrosiva Romero, ao afirmar que o mesmo sempre lhe pareceu um “endeusador prejudicial e enfadonho”, cujos xingamentos eram fruto de seu destempero, que o relegavam ao *status* de “xingador sem veemência, sem verve e sem brilho, na abundância da logomágica dos degenerados mentais”. O autor de *A América Latina: Males de Origem* ainda separava em dois grupos aqueles que conheciam Silvio Romero: os que lhe estimaram outrora e, que passaram a ter um sentimento de dó para com o autor, e os demais que simplesmente o desprezavam.

Segundo Bomfim, a inexpressividade de Romero havia atingido proporções tamanhas que o autor era relegado praticamente ao esquecimento, ao ponto de que, ao escrever *A América Latina: Males de Origem*, Bomfim sequer lembrava de oferecer a Romero uma cópia de seu livro, gesto de cordialidade bastante comum entre intelectuais do período. “Desprezava e desprezo esquecidamente o infeliz grosseirão”.

Eis a razão por que, escrevendo eu um livro sobre fatos sociais de nosso meio, nunca me caiu da pena o nome desse crítico, que pretende entender de tais assuntos, e tanto se tem ocupado deles;

¹⁹⁴ O direito de resposta a Bomfim foi publicado precedido pela seguinte nota “PARA PROVAR a isenção com que acolhemos a crítica do Sr. Silvio Romero ao livro *América Latina*, do Sr. Manoel Bomfim, escrevemos a este nosso colaborador abrindo-lhe as colunas d’*Os Anais* a uma resposta na altura da agressão. O Sr. Bomfim respondeu-nos, porém, com a carta que abaixo vai.” In: **Os Anais**. Rio de Janeiro: ano III, nº 74, 22 de março, p.9; 1906.

eis a razão porque não me lembrou, sequer, oferecer-lhe um exemplar do meu livro. Desprezava e desprezo esquecidamente o infeliz grosseirão. Ele, porém, distingue-me, e preocupa-se comigo de modo excepcional. E desta preocupação, e deste zelo foi vítima o meu ilustre amigo, que viu a sua revista entupida, em 19 edições, pela prosa informe e vilã do pretencioso crítico. Essa distinção me levaria a pensar nele, se o respeito que devo a mim mesmo—ao meu caráter e meu pensamento, não me impedisse de tratar diretamente com um homem que, sem motivo confessável, faz da sua crítica a difamação sistemática, a injúria insossa, o remoque soez e aparvalhado.¹⁹⁵

Ao criticar a visão, na sua percepção “atrasada” de ciência de Silvio Romero, Manoel Bomfim aproveitava para destacar um ponto importante referente ao intuito de sua obra: dar destaque às especificidades históricas dos países da América Latina. Para Bomfim, além de antiquadas as concepções de Romero ainda possuíam outro grave erro: seu caráter eurocêntrico. Muitos pesquisadores que se debruçaram sobre a fortuna crítica de Bomfim apontam para o fato de que o eixo analítico do autor se baseava na relação de parasitismo das potências europeias para com os países latino-americanos, com destaque para alguns temas, tal qual o racismo, fortemente combatido por Bomfim em praticamente todas as suas obras.¹⁹⁶ Assim, suas análises que passavam por questões sociais, históricas, psicológicas, dentre outras, tinham o intuito de rebater pensamentos de autores como Gustav Le Bon (1841-1931), Buffon (1707-1788) e Cornelis de Pauw (1733-1808), pensadores muito citados pela chamada Escola de Recife, da qual Silvio Romero foi um dos grandes expoentes, e aos quais Manoel Bomfim pôde analisar de perto quando realizava estudos de psicologia na França entre os anos de 1902 e 1905. Inclusive, foi na França que Bomfim escreveu *A América Latina: Males de Origem*.

¹⁹⁵ **Os Anais**. Rio de Janeiro: ano III, nº 74, 22 de março, p.169; 1906.

¹⁹⁶ São muitos os trabalhos que abordaram os diversos assuntos que foram objetos de estudo por parte de Manoel Bomfim, com destaque para os trabalhos de Rebeca Gontijo. Ver GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim**. 1. Ed. Recife: Massangana – MEC, 2010; **Manoel Bomfim (1868 – 1932) e O Brasil na História**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001 e Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Humanitas, Publicações, vol. 23, nº 45, 2003. Ver também o trabalho de Flora Sússekind e Roberto Ventura para se compreender a chave interpretativa utilizada por Bomfim em seus trabalhos. SÜSSEKIND, Flora & VENTURA, Roberto. **História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1984. Já a mais importante biografia sobre Manoel Bomfim foi escrita por Ronaldo Conde Aguiar, constituindo-se como fundamental para se compreender a trajetória do pensador. AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000. Por fim, o tema específico do racismo científico na obra de Bomfim foi por nós analisada em um pequeno artigo publicado em 2015. Para mais informações, ver: SILVA, Vinicius Carlos da. Manoel Bomfim, racismo e intelectualidade no Brasil do final do século XIX e início do XX. **Revista Convergência Crítica**, n. 8, 2015.

Quanto à possível oportunidade de Bomfim em se utilizar justamente das críticas formais que lhe eram endereçadas, o autor se antecipava aos questionamentos na própria carta

Mas há acusações formais — de erros e contradições, acusações que devem ser rebatidas”, dirá você. Ainda neste caso, poderia eu escusar-me a essa polêmica, que me obriga a um contato espiritual tão pouco agradável. Entregaria o livro e a crítica ao julgamento dos que os podem julgar. Mas não será assim. Não quero que seja assim. O meu livro é uma obra de amor — de muito amor à minha terra. Quando o escrevi, roubando o tempo às excursões, aos passeios e aos estudos que deveria fazer na Europa, é porque estava convencido que se deviam dizer e propagar as verdades que nele se dizem. Eu bem sabia que o reacionarismo dos eternos exploradores acharia penas que me enxovalhassem. Esperava por isso. Eu o sabia, e bem o disse: que a exploração, o parasitismo, a violência e a injustiça dispõem de uns pseudo-sábios para defender-se. São esses mesmos que, há duzentos anos, seriam negreiros ou pegadores de índios — se tivessem coragem de afrontar a morte; hoje são teóricos, a serviço dos fortes e sugadores.¹⁹⁷

Manoel Bomfim figurou em algumas capas de *Os Anais* por meio de citações sempre elogiosas ao pensador aracajuano, sendo sempre lembrado como colaborador do periódico, apesar de o mesmo só ter contribuído com quatro artigos durante toda a trajetória de *Os Anais*.¹⁹⁸ A primeira aparição de Bomfim deu-se na edição de número 45, do segundo ano de *Os Anais*, datada de 24 de agosto. O tema era uma conferência proferida por Olavo Bilac, intitulada *A tristeza dos poetas brasileiros*, durante uma conferência literária, na qual estava presente Manoel Bomfim, já parceiro intelectual de Bilac, consorte este que daria fruto a obra *Através do Brasil*, em 1910.

[...] Bilac é positivamente um ideal de orador latino, como hoje se quer, sentido de entusiasmo, mas sóbrio, comedido. Os nossos dois mais estimados escritores, por isso mesmo que convivem mais de perto com o público, deram as conferências um movimento extraordinário, um verdadeiro calor, uma perfeita, animação. Que os outros façam o mesmo, se não pela linguagem ática dos primeiros, ao menos pela força de ideias, como pode fazer, por exemplo, o sr. Manoel Bomfim.¹⁹⁹

Pouco tempo depois, outra matéria elogiosa seria publicada na página introdutória de *Os Anais* de 7 de setembro de 1905, que analisava a palestra de

¹⁹⁷ *Os Anais*. Rio de Janeiro: ano III, nº 74, 22 de março, p.170; 1906.

¹⁹⁸ São elas: edição de nº 31 de 18 de maio de 1905; nº 49, 21 de setembro de 1905; nº 50, de 28 de setembro de 1905; e nº 74 de 22 de março de 1906.

¹⁹⁹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 45, 24 de agosto de 1905 (capa).

Bomfim acerca do sentimento de ciúme. Durante o evento, um Bomfim, cuja fala era “límpida”, “calma” e “compassada”, cativava o público ao abordar as diferentes concepções do sentimento, com enfoque para as relações possessivas que o mediavam em convívios entre homens e mulheres, segundo o palestrante.²⁰⁰ A fala, que havia chamado a atenção de Olímpio, seria posteriormente publicada em dois artigos no hebdomadário do escritor sobralense. Ao publicar a palestra de Bomfim, *Os Anais* aproveitava-se também para colher a repercussão da publicação, como fica evidente na nota introdutória quando da publicação da segunda parte do artigo.

No número anterior dos Anais, iniciamos a publicação da notável conferência do sr. Manoel Bomfim, sobre o ciúme. Agora, publicamos a última parte. Somos os primeiros a nos felicitar pela prioridade da divulgação desse trabalho, a que o seu autor imprimiu toda a seriedade do seu espírito. Notando a nossa iniciativa, o eminente jornalista do *País* escreveu, a propósito da conferência, o seguinte: “A magnífica revista de Domingos Olímpio e de Walfrido Ribeiro, *Os Anais*, começou no seu número de ontem a publicação da conferência do dr. Manoel Bomfim sobre o Ciúme. Essa conferência ganha em ser lida, foi escrita para ser lida e é lendo-a que se pôde avaliar da competência de seu autor, um psicólogo erudito e elegante, um prosador profundo e meditado, que estuda conscienciosamente os seus assuntos e acha sempre a forma original—paradoxal, se quiserem — pela qual os ha de encarar. Numa nota a essa conferência, o dr. Manoel Bomfim respondeu a uma observação que o nosso colega do *Dia* fez a tese que ele defendeu; e julgamos interessante reproduzir aqui essa resposta, para o que pedimos vênia aos nossos ilustres colegas d’*Os Anais*.”²⁰¹

Vale aqui ressaltar o posicionamento do editorial de *Os Anais* frente ao ocorrido. Apesar de certa complacência para com os ataques de Silvio Romero, *Os Anais* já havia citado o livro na coluna *Bibliografia*, em sua página de capa na qual fazia boa propaganda do ensaio aos seus leitores:

A América Latina, o parasitismo social e evolução; males de origem, por Manoel Bomfim, nosso ilustre colaborador. “Este livro – diz no prefácio o autor – deriva diretamente do amor de um americano pela América. Como era de espera, tratando-se de um tal publicista, a obra é completa. Não lhe falta análise, observação e, sobretudo, documentação. A linguagem, perfeitamente fácil e precisa, dá ao

²⁰⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 47, 07 de setembro de 1905 (capa).

²⁰¹ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, n. 50, 28 de setembro de 1905, p. 598.

leitor a sensação da seriedade do livro. A edição é da casa Garnier.²⁰²

Os *Anais* realmente abriu suas páginas às “penas divergentes”, como no caso do “embate” entre Silvio Romero e Manoel Bomfim; no entanto, tal abertura se dava muito mais por questões corriqueiras da feitura de um periódico no período, onde muito se dependia de textos para suprir a demanda da periodicidade, ainda que, no caso de *Os Anais*, a publicação possuisse mais tempo hábil para a coleta dos materiais, por não ser um jornal diário, por exemplo. Ainda que decadente, Romero não era um nome a ser descartado e polêmicas sempre eram bem vistas, em especial as que envolviam um notório polemista como Romero.²⁰³ Todavia, resta evidente a predileção do editorial de *Os Anais* (leia-se “Domingos Olímpio”) em excertos como os citados anteriormente. Mais uma vez Olímpio utiliza-se de sua trajetória anterior para se equilibrar entre opostos, deixando transparecer, em alguns momentos, suas inclinações e preferências.

4.4 Domingos Olímpio e a mais polêmica eleição da Academia Brasileira de Letras

Como dito anteriormente, quando foi publicado em 1903, o livro *Luzia-Homem*, foi bem recebido pelos escritores renomados da época. Lembrado e relembado durante anos, *Luzia-Homem* se constituiu como o carro chefe da vida literária de Olímpio, sendo inclusive o mote de suas candidaturas para uma vaga na Academia Brasileira de Letras. O mais conhecido desses episódios ocorreu dois anos após a publicação de *Luzia-Homem*, em 1905, quando Olímpio perdeu a disputa para Mário de Alencar, em uma eleição marcada pela atuação de Machado de Assis, nos bastidores.

Antes de abordar esta polêmica em si, é importante ressaltar um fato desprezado pela biografia oficial de Domingos Olímpio: o fato de ele ter sido cogitado desde o início da criação da ABL para ser um dos patronos da Academia. O jornal *Folha do Norte*, em seu segundo ano, publicava a relação dos nomes que seriam agraciados com tal honraria

²⁰² *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 35, 15 de junho de 1905, (capa).

²⁰³ VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultura e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Está completa a lista dos quarenta membros da Academia de Letras: Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcino Guanabara, Aluísio Azevedo, Araripe Júnior, Arthur Azevedo, Barão do Loreto, Carlos de Laet, Clóvis Beviláqua, Coelho Neto, Domício da Gama, Eduardo Prado, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Lúcio Mendonça, Luiz Guimarães, Luiz Murat, Machado de Assis, Magalhães de Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Oliveira Lima, Pedro Rabello, Pereira Silva, Raimundo Correia, Rodrigo Otávio, Rui Barbosa, Salvador de Mendonça, Silva Ramos, Silvio Romero, Teixeira de Melo, Urbano Duarte, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay. Na eleição para complemento dessa lista não obtiveram maioria de votos os srs. Figueiredo Coimbra, Barão do Rio Branco, Assis Brasil, Fontoura Xavier, Constâncio Alves, Augusto Lima, Domingos Olímpio e Barão de Paranapiacaba,²⁰⁴

E continuava, em tom de ironia

Quem conhecer alguma coisa das “nossas letras” há de, por força, ficar intrigado com a preferência de Alcino Guanabara, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Guimarães Passos, e outros a Rio Branco, Assis Brasil, Paranapiacaba e Figueiredo Coimbra, mesmo a este. Enfim, já isso é coisa dos “nossos imortais”.²⁰⁵

Da relação de nomes que participaram dos primeiros momentos da criação da ABL é interessante buscar sua participação em *Os Anais*. Por meio da análise de toda a existência do semanário, consta que a disposição das publicações se deu da seguinte forma: Afonso Celso, 1 artigo; Araripe Júnior, 12 artigos; Clóvis Beviláqua, 2 artigos; Coelho Neto, 14 artigos; Eduardo Prado, 1 artigo; Guimarães Passos, 3 artigos; Luiz Guimarães, 1 artigo; Luiz Murat, 2 artigos; Machado de Assis, 4 artigos; Olavo Bilac, 1 artigo; Oliveira Lima, 2 artigos; Pedro Rabello, 7 artigos; Raimundo Correia, 1 artigo; Rui Barbosa, 2 artigos; Silvio Romero, 21 artigos; Urbano Duarte, 1 artigo.²⁰⁶ Quanto aos nomes que não obtiveram quantidade de votos suficientes temos apenas Augusto Lima, 1 artigo, e, obviamente, Domingos Olímpio, com 334 artigos. Ou seja, dos 40 nomes indicados temos apenas a participação de 16 autores; e dos 8 indicados perdedores, apenas 2, incluído nessa conta Domingos

²⁰⁴ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano II, nº 415, sexta-feira, 19 de fevereiro, p.1; 1897.

²⁰⁵ *Folha do Norte*. Belém do Pará: ano II, nº 415, sexta-feira, 19 de fevereiro, p.1; 1897.

²⁰⁶ Dos nomes citados anteriormente e que obtiveram os votos necessários, não possuem artigos em *Os Anais*: Alberto de Oliveira, Alcino Guanabara, Aluísio Azevedo, Arthur Azevedo, Barão do Loreto, Carlos de Laet, Domício da Gama, Filinto de Almeida, Garcia Redondo, Graça Aranha, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, José Veríssimo, Lúcio Mendonça, Magalhães de Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Pereira Silva, Rodrigo Otávio, Salvador de Mendonça, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay.

Olímpio também como autor. Desta lista, pode-se limitar ainda mais o rol de autores ao nos debruçarmos naqueles que realmente podem ser considerados colaboradores d'*Os Anais*, personagens que gozavam (ou gozaram outrora) de grande prestígio, como Araripe Júnior, Coelho Neto e até mesmo Silvio Romero.

O fato mais marcante dessa candidatura foi a atuação machadiana nos bastidores da ABL, decisiva para a efetivação do concorrente direto de Olímpio como um dos imortais da Academia Brasileira de Letras, cuja inauguração ocorreu no dia 20 de julho de 1897, onde este exercia todo o seu poder, graças a seu prestígio adquirido ainda no XIX, nos tempos da Monarquia. A ABL foi, indiscutivelmente, um espaço de dominação de Machado e de seu grupo nos seus primeiros anos. Uma das marcas impressas pelo escritor de *Dom Casmurro* foi a eliminação indireta das candidaturas e, por conseguinte, da participação na ABL, de intelectuais que fossem considerados boêmios, por meio de seu discreto, mas eficaz, trabalho nos bastidores das candidaturas à Academia.

Toda a disputa política em torno da eleição de Mário de Alencar foi muito bem abordada na obra *A dança das cadeiras: literatura e política na academia brasileira de letras (1896-1913)*, de João Paulo Coelho de Souza Rodrigues.²⁰⁷ Na obra, Rodrigues traça os meandros de vários momentos da ABL em que o mérito da produção literária ficava em segundo plano em detrimento das relações estabelecidas entre os grupos de influência ali presentes, com destaque, naturalmente, ao seu idealizador, Machados de Assis. Da gênese da criação da Academia, que perpassa a discussão do estatuto a ser implementado e a escolha dos nomes dos primeiros imortais, perpassando por debates importantes para os intelectuais do período, como a reforma ortográfica, debatida à exaustão pelos membros da ABL entre os anos de 1907 a 1913, e os acontecimentos e desdobramentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o livro *A dança das cadeiras* demonstra como foi penoso o processo de consolidação social da ABL, e, por isso, mesmo, permeado por momentos de forte polêmica e contestação. O mais emblemático desses momentos envolveu justamente Domingos Olímpio.

Em janeiro de 1905, mais precisamente no dia 25, José do Patrocínio faleceu aos 51 anos de idade, em consequência dos desdobramentos de uma tuberculose adquirida há algum tempo. Sua cadeira na ABL passou a ser disputada

²⁰⁷ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras: literatura e política na academia brasileira de letras (1896-1913)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

por três concorrentes: Mário de Alencar, Domingos Olímpio e Severiano de Resende. Olímpio já havia escrito sua principal obra, *Luzia-Homem*, em edição própria, única obra lançada em vida pelo autor, tendo sido bem recebida na época e seu carro chefe à candidatura. Já o padre Severiano de Resende, também poeta, escrevia para a imprensa da época e contribuiu algumas vezes com artigos em *Os Anais*. Possuía um ciclo de amizades que incluíam Olavo Bilac, Guimarães Passos e outros poetas parnasianos; era um assíduo frequentador da Rua do Ouvidor. E, por último, havia Mário de Alencar, cujo currículo contava apenas com o sobrenome famoso, advindo do pai autor de obras de quilate como *O Guarani*, *Iracema* e *Senhora*.

A edição de número 32 de *Os Anais* iniciava com um artigo intitulado “Academia Brasileira”, de subtítulo “Os candidatos – A Eleição”, que na verdade era uma reprodução do texto “Traços”, assinado apenas pelas iniciais H.L, publicado anteriormente no jornal *O Progressista*, de Minas Gerais, que trazia o seguinte comentário sobre a disputa na ABL:

Uma das vagas existentes na Academia Brasileira deve ser preenchida por Domingos Olímpio. Não falta, entretanto, quem manifeste preferência pela eleição de um outro distintíssimo escritor, resultando disso a preterição do autor de *Luzia-Homem*. O nome que quer se contrapor ao de Domingos Olímpio, já em o esplendor da celebridade: há firmado artigos brilhantes, cinzelado poesias admiráveis, composto livros de prosa puríssima e esplêndida, empolgando pelo estilo, classicamente vernáculo. O padre Severiano de Rezende é muito talentoso e muito moço.²⁰⁸

A linha de argumentação de H.L. seguia a tradição de apontar para a trajetória dos indicados, valendo-se de toda a sorte de manifestações literárias. Era ressaltada, por exemplo, o passado jornalístico de Olímpio, que havia produzido farta gama de crônicas na imprensa em todos os lugares nos quais morou, seja na antiga província do Ceará, do Grão-Pará e, naquele momento, no Rio de Janeiro. Para o autor, a disputa se daria em torno de ambos os nomes, sequer citando a possibilidade real de vitória por parte de Mário de Alencar, o mesmo o nome deste escritor em seu artigo. Dizia ele que o romancista cearense “já escrevia crônicas que o consagravam, e apenas o padre Severiano de Rezende principiava seus estudos”,

²⁰⁸ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 32, 25 de maio de 1905, (capa).

e que “quando este começou a subir a escadaria custosa da glória, já o nome daquele, muito fulgurante, estava traçado no alto dela”. E completava:

É naturalíssimo que Domingos Olímpio chegue primeira à Academia, [...] a eleição de Domingos Olímpio é já uma dívida antiga: e constitui um dever saldá-la na primeira oportunidade. O literato nortista entra para a Academia com o direito que tem o nobre de penetrar no palácio; o fidalgo no castelo. E a sua eleição não lhe aumentará o brilho do nome; porque a grandeza das estrelas independe da constelação em que se acham: mede-se pela intensidade da luz que derramam. A eleição de Domingos Olímpio é principalmente uma satisfação que se lhe deve, que se deve à literatura brasileira. Porque para aqueles que o sol da justiça e do senso alumia, independente de quaisquer circunstâncias, seu nome é dos que não morrem, sua lembrança, das que perduram, sua glória, das que se eternizam.²⁰⁹

Tendo como garantida a vitória, a capa de *Os Anais* da edição seguinte, número 33, era praticamente toda dedicada à eleição na ABL. Logo de início, o editorial replicava um longo artigo de Mário Imperial, que havia escrito para o jornal *Mercantil* do Espírito Santo à seção *Movimento Literário*, intitulado *Luzia-Homem – Domingos Olímpio*, ao qual o editorial fazia questão de demonstrar seu contentamento, uma vez que “nesta casa, todos estão sensíveis, senão ao excesso, pelo menos a boa intenção das seguintes linhas em honra ao diretor d’Os Anais”:

O estilista de Iracema, a virgem de lábios de mel, o romancista de Ubirajara, o mimoso autor do Guarani, prendeu-nos a atenção até bem pouco tempo, e nela prenderia ainda se do norte não aparecesse um seu digno emulo, um fidalgo e aristocrata burilador da forma, um paisagista impecável no colorido dos traços dos quadros da alma, o mimoso e delicado autor do escrínio literário – Luzia-Homem. O sr. Domingos Olímpio é um artista que se inspira, altaneiro e sublime, nas vivas comoções do sofrimento, na retratação fiel duma alma torturada. Não é, parece-nos, passional admirador da natureza; em Luzia, suas descrições são leves nesse ponto, sendo, admiráveis e empolgantes quando desenharam a aflição duma alma que se debate numa tormenta de angústias, ou numa procela de dúvidas... Fiel como observador de costumes, delicado e meigo como pensador. Nas páginas de *Luzia-Homem*, há trechos divinos; há conceitos de valor e de observação profundamente equilibrado e sadia, sempre adornados com as mais mimosas flores de um português robusto e cativante. E assim o Mestre descreve a história da peregrinação mundana, lendo em Teresinha o destino das desgraças: “ela, com efeito, peregrinara pelo vasto sertão, de miséria

²⁰⁹ *Os Anais*. op. cit., (capa).

em miséria, rastolhando, perdida como um pedaço de pano arrastado pela correnteza do rio, caindo das cachoeiras, mergulhando nos rebojos, surgindo adiante, para bater de novo sobre pedras, tornando a ser arrebatado, até que, ao baixar das águas, para, coberto de pau de ervas secas, garranchos e flores, que transportou de longe, esperando a enchente na próxima estação, e continuando a trágica jornada, até apodrecer em ribas desoladas, ou perder-se na imensidade do oceano". "É essa a história da peregrinação mundana das desgraçadas, que se desterram do seio amigo da família, quebrando o suporte dos afetos puros, e vagando sem rumo, na ebriedade de gozos efêmeros, a mercê da fatalidade intangível e cega". Antes, traça, fiel observador, seguro e magnífico, o efeito da dúvida no espírito de Luzia, ante o amor de Alexandre, já prezo: "Quem sabe – pensava ela – se em vez de partir de impulso do coração, não fora feito por generosidade, compaixão, ou desejo sensual de possuí-la, onerá-la com a responsabilidade de família, filhos, que argumentariam os vexames já oprimentes, para depois, como tantos outros, abandoná-la, infligir-lhe a abjeção a retenção de ser preterida por outra mulher, crime que os homens cometem como um direito do sexo, ou divertimento cruel, ao de matar rolas e desmanchar nichos?". E esses pensamentos, nervosos e muito humanos, encontram em Luzia o que o artista pinta com inexcedível vigor e muita Arte: "Sentia-se incapaz de amar; carecia-lhe a fraqueza sublime, essa languidez atributiva da função da mulher no amor, a passividade pudica, ou a aviltante da fêmea submissa ao macho, forte e dominador, irresistível, como aprendera na intuitiva lição da natureza; essa comovente timidez de novilha ante a investida brutal do touro lascivo, sem prévios afagos sedutores, sem carícias e beijos correspondidos, como nos idílios das rolas mimosas. Não; não fora destinada a submissão. Dera-lhe Deus músculos possantes para resistir, fechara-lhe o coração para dominar, amando como os animais fortes; procurar o amor e conquista-lo; saciar-se sem implorar, como onça faminta caindo sobre a presa, estrangulando-a, devorando-a." Não era mulher como as outras, como Teresinha, para abandonar a família, o lar, a honra, por um momento de ventura efêmera, escravizando-se ao homem amado, contente do sacrifício, orgulhosa do crime, insensível ao vilipêndio, sem olhar para trás, onde ficaram os tranquilos afetos, para sempre perdidos; e, por fim, consolada a torpeza do repúdio infame, à margem da estrada da vida, como um resíduo inútil, condenado a vis serventias, trapo que foi adorno cobiçado, molambo que vestiu damas formosas, casca de fruto saboroso e aromático."²¹⁰

Além disso, orgulhoso de suas previsões, o editorial de *Os Anais* se vangloriava de ter acertado que a vaga aberta, pertencente anteriormente a Martins Júnior, havia sido preenchida por Souza Bandeira, a quem chamava de "colaborador", ainda que este só houvesse colaborado com um artigo para o semanário até aquela data, o que se manteria ao longo de toda a existência d'*Os Anais*. Noticiara também o envio da carta de candidatura de Domingos Olímpio e de

²¹⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano II, nº 33, 01 de junho de 1905, (capa).

Severiano Rezende à vaga de José do Patrocínio. É curioso notar que própria logística das edições encadernadas de *Os Anais* optou por seguir a candidatura de Olímpio à ABL, na medida em que a edição encadernada do primeiro ano deveria conter apenas 12 volumes do impresso, e não 32 volumes. Assim, as edições únicas ficaram divididas da seguinte maneira: ano I, da edição de número 01 até a 32; ano II da edição de número 33 até a 64; e, por fim, ano III, da edição de número 65 até a 102, publicada após a morte de Olímpio.

Talvez soasse excessiva a autoconfiança do idealizador de *Os Anais* em relação à sua vitória na disputa, porém, esse entusiasmo pode ser interpretado como legítimo tanto pela anunciação da disputa por parte da grande imprensa do período,²¹¹ quanto pela articulação em torno do lançamento do livro e das vendas,²¹² além da apreciação positiva de *Luzia-Homem* e de outras publicações de Olímpio aos olhos de seus contemporâneos. O *Correio da Manhã*, um dos jornais aos quais Olímpio serviu como redator, foi um dos primeiros a noticiar o futuro aparecimento de *Luzia-Homem*:

Por estes dias mais chegados, estará à venda o *Luzia-Homem* esperado e magnífico romance de costumes cearenses, escrito lindamente, pelo fulgurante escritor e jornalista dr. Domingos Olímpio. O livro de que há dias publicamos um delicioso capítulo, conta perto de 300 páginas, e está sendo impresso pela Companhia Tipo-Litográfica.²¹³

O mesmo *Correio* que também publicaria uma nota quando do efetivo lançamento a obra:

Acaba de aparecer esse romance do conhecido escritor dr. Domingos Olímpio, cujos trabalhos são sempre justamente aplaudidos pelo estudo e observação que revelam. Desse livro já tivemos ocasião de publicar um capítulo, que teve a merecida aceitação e cujo conteúdo deixa a ver a norma que a obedeceu, o trabalho do dr. Domingos Olímpio. Oportunamente nos ocuparemos de *Luzia-Homem*.²¹⁴

²¹¹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 751, quinta-feira, 02 de julho, p. 01; 1903.

²¹² *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 630, terça-feira, 03 de março, p. 01; 1903.

²¹³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 607, domingo, 08 de fevereiro, p. 01; 1903.

²¹⁴ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 626, sexta-feira, 27 de fevereiro, p. 01; 1903.

O *Malho*, outro periódico de suma importância para o período também teceria palavras elogiosas ao sobralense Olímpio,

Pojucan, o brilhante estilista das inesquecíveis crônicas do *País*, acaba de sacudir vitoriosamente o pseudônimo e apresenta-se assinando um livro que é um dos maiores triunfos literários d'estes últimos dez anos de vida intelectual no Brasil. *Luzia-Homem* é um romance que, apesar de seu caráter puramente regional, há de ser lido com imenso prazer por todos os que cultivam a língua portuguesa, e justamente apreciado pelos moldes rigorosos de narração, de descritiva, de observação de costumes e de induções psicológicas. É um livro vigorosíssimo no conjunto e surpreendente nos mínimos detalhes. Faria o renome de qualquer escritor e, se Domingos Olímpio já não fosse por ventura um consagrado nas rodas pensantes, este seu formos volume o colocaria definitivamente entre os nossos mais afamados escritores.²¹⁵

Além disso, *Luzia-Homem* chegou a ser traduzido quase simultaneamente ao seu lançamento,²¹⁶ o que inclusive gerou críticas positivas em jornais dedicados ao público estrangeiro.²¹⁷ Outro ponto importante, que reforçava o otimismo do autor de *Luzia-Homem*, é que Domingos Olímpio já havia articulado uma homenagem a José do Patrocínio junto a J.J. Magalhães e Acácio Pinto durante uma reunião do Centro Cearense,²¹⁸ algum tempo antes de seu falecimento.

Vale frisar que o reconhecimento das qualidades literárias de Olímpio fez-se em virtude de sua atuação como cronista, em especial, sendo *Luzia-Homem* o trabalho de solidificação do autor. Por meio da imprensa e dos excertos biográficos sobre Olímpio, sabe-se que diversas peças de teatro escritas por Domingos acabaram perdidas no tempo. Já os contos, apesar de pouco lembrados, não se configuram como de menor valor. Dessa produção que sobreviveu até os dias atuais, mais uma vez graças à imprensa, destacam-se o conto satírico *O Redivivo*, que aborda a história do agiota Leonardo Pereira, que, após uma série de crises nervosas, passa a proibir as visitas do médico a fim de economizar dinheiro,²¹⁹ e *Nem mel nem cabaça*, publicado originalmente na edição de número 4 de *Os Anais* sob o pseudônimo de *Cujas*,²²⁰ que, ao contrário do que afirmou um dos principais

²¹⁵ *O Malho*. Rio de Janeiro, ano II, nº 27, domingo, 21 de março, p. 02; 1903.

²¹⁶ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 702, quinta-feira, 14 de maio, p. 01; 1903.

²¹⁷ *Revue Commerciale Financière Et Maritime*: L'Etoile du Sud: jornal politique, comercial et financier: Rio de Janeiro, ano XXII, nº 17, 26 abril, p.01; 1903.

²¹⁸ *O País*. Rio de Janeiro: ano XVI, nº 71411, terça-feira, 26 de abril, p.2; 1904.

²¹⁹ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, ano III, nº 760, sábado, 11 de julho, p. 01; 1903.

²²⁰ *Os Anais*. Rio de Janeiro, ano I, nº 04, 29 de outubro, p. 54-5; 1904.

biógrafos do autor, o Padre João Mendes Lira, não era inédito quando este resolveu publicar *A vida e a obra de Domingos Olímpio*, incluindo o conto nesta biografia. É interessante notar que, ao final do conto, Lira fazia o seguinte comentário, escrito em 1977:

Observação: Este conto de Domingos Olímpio reflete muito bem a sua filosofia de profundo admirador da Monarquia. Ele esteve presente a todos os acontecimentos que acabaram com o regime monárquico. Houve, realmente, muitas perturbações nos primeiros anos da República. A mudança de regime traz descontentes e Domingos Olímpio, de temperamento violento, não admitia implicações nas autarquias, nos funcionários do governo. Daí, retratar, num conto, algumas das possíveis injustiças havidas no início do século – o que não acontece atualmente onde vemos, na área federal, o cuidado excessivo do governo em preservar o bem público e, de modo especial, o patrimônio individual.²²¹

No entanto, não seria o mérito que ditaria o transcorrer da eleição que substituiria José do Patrocínio naquela que entraria para a história como a maior injustiça da Academia Brasileira de Letras, maculando assim a sua idoneidade. Após a troca de diversas cartas entre os membros votantes da ABL, ficou nítida a atuação tanto de Machado de Assis como de Joaquim Nabuco em prol de Mário de Alencar, cujas correspondências continham sutis referências positivas sobre a produção literária do jovem autor, que até aquele momento não possuía grande contribuição literária.

O resultado da eleição terminou da seguinte forma: Mário de Alencar obteve 17 votos, contra 10 de Domingos Olímpio e 1 de José Severiano de Rezende. Os votos teriam sido divididos da seguinte maneira: a favor de Mário - Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Araripe Júnior, Lúcio de Mendonça, Salvador de Mendonça, Silva Ramos, Rodrigo Otávio, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Sousa Bandeira, Magalhães Azevedo, Rio Branco, Domício da Gama, Euclides da Cunha e Garcia Redondo; a favor de Domingos Olímpio - José Veríssimo, Coelho Neto, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Alcino Guanabara, Inglês de Sousa, Artur Azevedo, Filinto de Almeida, Clóvis Beviláqua e

²²¹ LIRA, João Mendes (Padre). **A vida e a obra de Domingos Olímpio**. Sobral. 1977, p.70.

Oliveira Lima.²²² Por fim, o único voto recebido por Severiano de Resende deve-se a Afonso Celso.²²³

Tal eleição marcou o fim da hegemonia absoluta do grupo machadiano, tendo sido a mais concorrida até então. Na imprensa, a polêmica da candidatura de Mário de Alencar se alastrou ainda mais quando o próprio Machado de Assis teria alegado ter se esquecido de computar o voto de Oliveira Lima a favor de Domingos Olímpio.

Após a derrota de Olímpio, o resultado da disputa foi tema em *Os Anais* por algumas vezes. A eleição disputada pela cadeira de número 21 deu-se em 31 de outubro de 1905;²²⁴ pouco mais de uma semana após o ocorrido, a polêmica era reativada em *Os Anais*. O primeiro aparecimento foi na edição de número 56 do dia 09 de novembro de 1905. Nela, estavam transcritos diversos artigos da imprensa que abordavam a polêmica e se colocavam não apenas ao lado de Olímpio, mas a favor da idoneidade da instituição e da meritocracia de seus eleitos, uma vez que a contribuição de Mário de Alencar era parca e muito aquém à tamanha honraria acadêmica. Nessa edição constam os artigos de Alcindo Guanabara em *O País*, na seção *O Dia* de 1 de novembro de 1905, do editorial do *Tribuna* da mesma data, do editorial do *Correio da Manhã*, de 2 de novembro de 1905, e do artigo de Heitor Lima, de 5 de novembro de 1905, no *Progressista* de Minas Gerais.²²⁵

Já na edição 57, que foi às ruas dia 16 de novembro, estava disposto o artigo de João de Deus Filho, intitulado *Fizeram mal*, publicado originalmente no jornal *Tribuna de Petrópolis*.²²⁶ O assunto causou tamanha indignação que foi retomado mesmo algum tempo após a polêmica ter perdido sua força. Belmiro Braga relembrou o ocorrido e prostrou ao lado de Domingos Olímpio no *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, em artigo publicado no dia 18 de janeiro de 1906.²²⁷

O jornal *Gazeta de Notícias* do dia 1 de novembro de 1905 trazia, aos seus leitores, a cobertura completa daquela eleição, cujo resultado era aguardado com

²²² No calor do momento, apenas poucos dias após a realização da eleição na ABL, surgiram outras contagens na votos na imprensa, computando 09 votos para Olímpio, o que não afetaria substancialmente a eleição.

²²³ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras**: literatura e política na academia brasileira de letras (1896-1913). Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 138-144.

²²⁴ Durante essa pesquisa, o único jornal encontrado que previu a vitória de Mário de Alencar foi o *Correio da Manhã*. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, ano V, nº 1572, 30 de outubro, p. 01; 1905.

²²⁵ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº 56, 09 de novembro, p. 702-3, 1905.

²²⁶ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº 57, 16 de novembro, p. 719, 1905.

²²⁷ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano III, nº 67, 25 de janeiro, p. 62, 1906.

ansiedade por diversos órgãos de imprensa. Devido à “grande ansiedade” e ao caráter sigiloso da reunião de escolha do novo imortal da ABL, o *Gazeta* afirmava ter movimentado rapidamente seu corpo de colaboradores para obter informações em primeira mão. O resultado seria o artigo “O novo acadêmico”, que advogava por um vivo interesse de todos pelo resultado, pois

Eram candidatos os srs. Domingos Olímpio, diretor d’*Os Anais* e autor do admirável romance de costumes cearenses *Luzia-Homem*; Mário Alencar, bibliotecário da Câmara dos Deputados e autor de dois livros, *Lágrimas* e *Versos*; e padre Severiano de Rezende, polemista e poeta, autor de um livro recentemente publicado sobre a individualidade literária de Eduardo Prado. Nas rodas literárias, distribuíam-se as simpatias pelos três candidatos; e acreditamos que nunca houve eleição, na Academia, como esta, despertasse tão vivo interesse. Devido a isso, procuramos, desde cedo, colher informações, que nos habilitassem a dar ao público notícia circunstanciada e completa da eleição. Ocioso é dizer que os acadêmicos, procurados pelo nosso representante, se mantiveram numa discrição absoluta.²²⁸

Apesar de sugerir certo incômodo por parte dos imortais em comentar a eleição, o artigo do *Gazeta* também se mostrou como um dos poucos que não adotaram um tom mais incisivo contra o resultado,²²⁹ passando a narrar as minúcias do transcorrer da eleição, como o horário da votação, os presentes, a questão dos votos por carta etc., para, então, apresentar sucintamente o vencedor: autor dos livros anteriormente citados, natural do Rio de Janeiro e filho de José de Alencar.

O *Rio Nu* e O *Malho* adotariam uma postura completamente diferente. O primeiro limitou-se a uma pequena nota de dois parágrafos, na qual, se lia: “Domingos Olímpio, derrotado pelo pimpolho, vai oferecer a este uma mamadeira...não é má ideia”.²³⁰ Já O *Malho* adotaria um posicionamento mais agressivo.

Não nos admiremos, porém, se no mar da política são possíveis estes naufrágios, quando até no lago tranquilo das letras se reproduzem tais sinistros...Quereis a prova? Vede a nossa Academia de imortais preterindo um homem de valor de Domingos Olímpio, jornais, cronista e romancista consagradíssimo, para abrir as suas portas a um moço de talento, sim senhor, mas que lucraria muito

²²⁸ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: ano XXXI, nº 305, quarta-feira, 01 de novembro, p.2; 1905.

²²⁹ Outro jornal que adotou uma postura semelhante foi o *A Notícia*. Ver *A Notícia*. Rio de Janeiro, ano XII, nº 262, 31 de outubro_01 de novembro, p. 032; 1905.

²³⁰ O *Rio Nu*. Rio de Janeiro: ano VIII, nº 765, 04 de novembro, p. 02;1905.

mais, se se conservasse cá fora a formar pelo menos metade do cabedal que o seu competidor derrotado possui...e de valor aproximado, pelo menos.... Agindo por mero favoritismo na preferência dada ao Sr. Mário Alencar, a nossa Academia de Letras provou não ter escapado à doce corrupção que vai caracterizando a presente atualidade, vincando-a tão profundamente quanto a mania alarmante do suicídio....²³¹

O Malho assumiria, então, um tom de escárnio para com a ABL e para com Mário de Alencar. Na mesma edição, a revista já havia alfinetado o resultado da disputa:

- Então o Mário de Alencar preteriu o Domingos Olímpio e o padre Severiano e foi nomeado *imortal* de nossa Academia, hein? Que felizardo!
- Então!... o Cardoso de Castro não preteriu Clóvis Bevilacqua? É mania da época, a mania da preterição.²³²

A indignação foi tamanha que *O Malho* ainda realizaria mais uma crítica. O número 165 de 11 de novembro de 1905, na edição seguinte ao excerto citado acima, uma charge denominada “*Academia do A B C*” traria um Mário de Alencar vestido de estudante de primeiras letras, com um livro embaixo do braço onde se lia: “A.B.C.” na capa, com a seguinte descrição embaixo do desenho (ANEXO XVI):

Mário de Alencar: - Ora até que afinal vou poder aprender o meu A B C em discurso.
 Papai Rio Branco arranjou-se a mamadeira de graça.
 Também quem é que mandou Domingos Olímpio errar tão crassamente, escrevendo Luzia-Homem?
 Luzia sempre foi mulher...²³³

Para além das várias críticas negativas acerca da derrota polêmica de Olímpio, muitas delas publicadas na íntegra em *Os Anais*, um artigo se destaca por sua particularidade: a defesa da candidatura de outro intelectual, David Campista. Escrito no calor do momento, apenas poucos dias após o corrido, Augusto Franco dissertara em um enorme artigo sobre a instituição Academia Brasileira de Letras publicado em um jornal de Belo Horizonte. O excerto introdutório coube ao editorial d’*Os Anais*, que afirmava existir uma contaminação no processo de escolha dos

²³¹ *O Malho*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 164, domingo, 04 de novembro, p. 032; 1905.

²³² *O Malho*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 164, domingo, 04 de novembro, p. 23; 1905.

²³³ *O Malho*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 165, domingo, 11 de novembro, p. 02; 1905.

imortais, pois, via-se “nas eleições da Academia, o mesmo que se vê nas nossas eleições políticas”. O artigo de franco iniciava-se da seguinte maneira:

Quando um grupo de escritores brasileiros se lembrou de fundar uma academia de letras, não faltou quem motejasse da ideia e troçasse os seus promotores, entre os quais, entretanto, se contavam homens da mais elevada capacidade intelectual. Apesar dos motejos e das troças, que se justificavam sobretudo pelo espírito de imitação de que era acoimada a ideia — imitação à Academia Francesa, até em o número de confrades — instalou-se a Academia Brasileira com o escol da mentalidade nacional. As pilhérias continuaram, os escárnios, as zombarias foram adiante, mas a Academia também foi adiante, e hoje, embora os golpes tremendos que sofreu, os ataques sem tréguas de que foi alvo, é um instituto consolidado. Hoje, disputam-se com empenho extremado as suas poltronas, os acadêmicos se penhoram de colocar o seu apelativo na capa dos livros que publicam, o oficialismo dá forças ao grêmio, os jornais o tratam com seriedade e respeito. Em suma, a Academia venceu definitivamente as primeiras lutas.²³⁴

O melhor caminho a ser tomado pela Academia seria, na visão de Franco, adotar de vez o modelo francês para a composição de seu corpo de imortais, em especial, por meio da preposição e discussão por parte do colegiado, de questões “de alta literatura”.

Também a nossa Academia devia designar temas, assuntos, questões complexas de literatura pura, de filosofia, história, crítica, etnografia, política, filologia, até de jurisprudência, para sobre eles escreverem os acadêmicos—livros, memórias, monografias, comentários, notas, etc. Nem o facto de ser a Academia Brasileira de letras exclui os assumptos que se não relacionem direta ou particularmente com a literatura. Esta deve ser tomada no sentido germânico e italiano, amplo, vasto, abrangente, e que compreende quase todos os ramos de produção humana, e não somente a poesia, o conto, a novela, ou, melhor, unicamente as *bellas-lettas*. Na Alemanha, os críticos literários incluem em seus trabalhos até pintores e escultores, e na Itália, os professores de literatura fazem o mesmo.²³⁵

Apesar de Franco optar pela candidatura de Campista a Olímpio, o artigo demonstrava como o caráter ilibado da Academia havia sido malucado para frente. A partir de então, qualquer eleição poderia ser questionada como parcial e politicamente comprometida, respaldado, assim, em críticas depreciativas da Academia. De qualquer coisa, abrir as páginas de seu periódico para um artigo que

²³⁴ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº. 23, 23 de março, p. 172, 1905.

²³⁵ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº. 23, 23 de março, p. 173, 1905.

atacava, na verdade, a estrutura da Academia, seria uma importante estratégia para que Olímpio continuasse na disputa pela ABL, como forma de reparação a uma injustiça e de consolidação de suas ambições. Na verdade, com a eleição de Mário de Alencar, ocorreu um deslocamento de eixo que sustentava a escolha dos imortais, afinal, se alguém tão jovem na época da disputa, Mário contava com apenas 32 anos completos e quase sem obras de destaque até então poderia ser agraciado com o título de imortal, o que impediria outros grupos de pleitearem tal honraria?

Bastava, então, demonstrar como era diversa a fortuna literária de cada um dos membros da ABL, algo fácil de ser sanado:

Na própria Academia, não são todos escritores nos quais predomine, de preferência, a nota literária na acepção estreita — de romance, conto, poesia, etc. Os srs. Silvio Romero, Araripe Júnior e José Verissimo ali figuram mais como críticos, si bem que o primeiro possui quatro ou cinco outras feições a mais, tão brilhantes como aquela. São mais publicistas do que literatos os srs. Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Rodrigo Octavio. O sr. Clovis Beviláqua é acentuadamente um jurista filósofo; jurista é também o sr. Graça Aranha; e o sr. João Ribeiro, mais gramático do que poeta. Tornaram-se mais conhecidos como jornalistas os srs. Carlos de Laet e Alcindo Guanabara, e hoje os srs. Medeiros e Albuquerque e Garcia Redondo só cuidam da imprensa. A história encontra no sr. Oliveira Lima um cultor apaixonado, e o sr. Rio Branco é, antes de tudo, um geógrafo. O sr. Euclides da Cunha é escritor à parte. Os romancistas são os srs. Machado de Assis, Aluizio Azevedo, Affonso Arinos, Coelho Netto, Affonso Celso, Inglês de Souza, etc. Como contistas, se enumeram os srs. Domício da Gama, Arthur Azevedo, Lúcio de Mendonça e Pedro Rabello. Os poetas são os srs. Olavo Bilac, Augusto de Lima, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Teixeira de Mello, Guimaraens Passos, Franklin Doria, Silva Ramos, Filinto de Almeida, Salvador de Mendonça e Magalhães de Azeredo. Nesses últimos, é que o caráter meramente literário, no sentido brasileiro, parece predominar. Nos demais, como se viu, as faces características são diversas. Entretanto, nada impede que uns e outros sejam historiadores, críticos, poetas, novelistas, juristas, filósofos, romancistas, a um tempo. Há uma outra feição literária de notável valia; é a feição parlamentar.²³⁶

Restava evidente que a Academia já possuía um caráter diverso entre seus pares, e deveria se abrir mais ainda, por meio de uma vaga para David Campista, de trajetória notadamente política. Nada melhor do que a vaga que outrora pertencera a José do Patrocínio para tal finalidade, uma vez que “o deputado federal por Minas, o

²³⁶ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº. 23, 23 de março, p. 173, 1905.

sr. David Campista” era “dos nossos mais fulgurantes literatos”, “propagandista da República, secretário de Estado durante oito anos e [que] agora rebrilha no parlamento nacional”.

Alegar-se-á que todo o seu extraordinário valor como parlamentar, como jurista e político, não lhe dará entrada na Academia, porque inda não tem, ao menos, um livro publicado. Se não há engano, parece que os estatutos da associação assim o requerem. Mas, isso não colhe, não procede, porquanto, se é do volume material, geométrico, que se faz questão, nada mais fácil do que o sr. Campista mandar imprimir dois ou três livros bonitos, bem-feitos, bem acabados, de esplendidos discursos parlamentares, de trabalhos jurídicos e políticos, publicados em jornais e revistas, cada qual mais substancioso e atraente. Só os discursos pronunciados no parlamento, e que, pelo encanto da fôrma e pela beleza dos conceitos, causaram um sucesso raramente verificado no país inteiro, só essas formosas orações fazem abrir, de par em par, as portas da Academia ao glorioso tribuno.²³⁷

Sobre os dois principais candidatos, Franco escreveria:

Fala a imprensa em dois outros candidatos — os srs. Domingos Olímpio e Severiano de Rezende. O primeiro, que é um jornalista eminente e um romancista de pulso em *Luzia-Homem*, não tem mais direito do que o sr. Campista de ocupar a cadeira de José do Patrocínio. O segundo, apesar de poeta original nos Painéis zoológicos e forte prosador em Eduardo Prado, livro onde há gravíssimas injustiças ao sábio polígrafo dr. Pereira Barreto e á valente escritora portuguesa d. Maria Amália Vaz de Carvalho, é também merecedor de se assentar naquela cadeira, porém menos do que o candidato mineiro.²³⁸

Pode-se especular quanto aos motivos de um artigo contra Olímpio, acerca de um tema tão delicado, como foi replicado em *Os Anais*. Possivelmente, o argumento de Augusto Franco também era benéfico a Olímpio, devido toda a sua atuação em vários segmentos: de jornalista a político, de advogado a secretário de Estado e de aspirante a diplomata, cargo ao qual nunca foi nomeado.

Já perto do fim do artigo, Franco, deixava um aviso interessante:

Se, na próxima eleição, o excelente romance Mocidade Morta, ou o interessante volume Ensaio e Estudos der ao sr. Gonzaga Duque ou ao sr. Souza Bandeira, direito a um lugar na Academia, os

²³⁷ *Os Anais*. Op.cit., p. 173, 1905.

²³⁸ *Os Anais*. Op.cit., p. 173, 1905.

trabalhos do sr. David Campista, enfeixados em livros, o levarão ainda com mais direito a penetrar ali, no futuro conclave.²³⁹

Mas, para Domingos Olímpio, não haveria outra oportunidade: quase um ano após a disputa com Mário de Alencar, o escritor sobralense veio à óbito. A última edição de *Os Anais* traria a notícia de seu falecimento, somando-se a esta mais 10 páginas em homenagem ao jornalista, por meio de cartas, dos relatos daqueles que estiveram presente na casa e no funeral de Olímpio, bem como da reprodução dos artigos da imprensa demonstrando a repercussão do falecimento.

Terminava da seguinte forma o último editorial d'*Os Anais*:

Tudo o que, acima desse nome, ficou impresso, estava feito — composto, revisto e paginado — pronto para o prelo, poucos momentos antes de ele expirar. Na tipografia, para o preparo da primeira folha deste número dos seus queridos Anais, só faltava a Crônica, — que o nosso Amigo e Protetor mandara, como já tinha o assunto, logo na sexta-feira, véspera da sua morte. Por isso, nada se alterou, e tudo aí vem como estava, querendo que o próprio chumbo dos tipos entalhe, na quinta de hoje, como foi na de ontem, há oito dias, o derradeiro eco da voz que, durante dois anos, foi a vida desta casa. A sua última Crônica está ali, no mesmo lugar, na mesma disposição, na mesma medida de coluna, como se vivo fosse o nosso amado Domingos Olímpio, como se bulissem, para a ler, aqueles brandos olhos azuis e como se palpitasse aquele coração sem termo e como se trabalhasse aquele espírito só agora em descanso. Também o seu nome, que era a nossa boa luz abrindo o caminho, está no cabeçalho, entre os de dois Amigos agradecidos, como uma ilusão deliciosa, ilusão de que ele ainda nos dirige, de que é ainda o diretor dos Anais.²⁴⁰

²³⁹ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano II, nº. 23, 23 de março, p. 173, 1905.

²⁴⁰ **Os Anais**. Rio de Janeiro, ano III, nº 102, 11 de outubro, p. 618; 1906.

5 CONCLUSÃO

Ao iniciar uma pesquisa histórica, o historiador parte de algumas ideias e objetivos que, ao longo de todo o processo característico de sua profissão, vão sendo ajustados e (re)calibrados. Preocupações primeiras são respondidas e, por vezes, tornam-se até mesmo secundárias, sem julgamentos de valor. Como bem apontou Tania de Luca, ao analisar o trabalho pioneiro de Sidney Chalhoub e seus próprios apontamentos sobre a pesquisa,²⁴¹ pesquisa histórica possui forte dinamismo, na medida em que a realização da mesma acaba por definir seus rumos.²⁴²

Ainda que nosso recorte tenha se baseado nos primeiros anos do século XX, resta claro que essa imprensa ainda se parecia, e muito, com a imprensa do século XIX. Paulatinamente, o processo de profissionalização da imprensa foi se concretizando, surgiram diferentes tipos de impressos, para gostos e públicos diferentes, diversificação esta que ocorria na medida em que a imprensa se constituía como empreendimento capitalista, o que aconteceria, de fato, décadas depois do encerramento das atividades d'*Os Anais*.

Enquanto na sua edição de abertura, *Os Anais* se colocava como um espaço aberto para autores menosprezados e fora dos grandes centros do país (Rio de Janeiro e São Paulo), na prática o semanário apresentou vários nomes já conhecidos da intelectualidade, com o intuito de respaldar os interesses de Olímpio, que buscava se consolidar também com uma dessas personagens de destaque. Num momento em que essas elites compartilhavam de várias funções de prestígio na vida pública e intelectual, Olímpio construiu uma teia de relações robustas que o retiraram de uma província distante da capital para jogá-lo no epicentro das disputas políticas do Brasil do início do século XIX.

Concomitantemente, Olímpio, antes de mudar-se para o Rio de Janeiro, já havia passado por vários jornais, atuando muitas vezes como gerente e redator nos locais onde atuou. Sendo assim, tinha profundo conhecimento do potencial

²⁴¹ O livro em questão é a obra *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. Ver: CHALHOUB, Sidney. **Visões de liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

²⁴² LUCA, Tania Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 92.

econômico de tais empreendimentos, seus custos e, inclusive, já como advogado, como abrir e fechar empreendimentos jornalísticos.

Versado na arena política, Domingos sabia que, ao ceder espaço aos artigos que não necessariamente lhe beneficiavam diretamente, porém demonstravam suas qualidades enquanto escritor como no caso do texto de Augusto Franco, artigo no qual jogava os holofotes para a sua trajetória de vida, alimentando a polêmica que poderia deixar seu nome em evidência. Ao mesmo tempo, usava de cada espaço que lhe era cedido na imprensa para demonstrar sua atividade como político, sua atuação como advogado, se posicionava perante temas em voga à época etc. Assim, esteve presente do teatro à política, das letras às missões estrangeiras (extraoficialmente), graças a seu cunhado Dionísio Cerqueira.

Jornalista reconhecido por seus pares, inclusive por aqueles que divergiam ideologicamente de suas posições, adquiriu seu próprio periódico, *Os Anais*, possivelmente pleiteando tornar-se diplomata, ambição respaldada por suas indicações à Academia Brasileira de Letras, anseio esse reforçado quando da repercussão negativa de sua derrota para Mário de Alencar; seria apenas uma questão de tempo para sua consagração como imortal.

No entanto, o que poderia ter sido não existe. No dia 7 de outubro de 1906 Domingos Olímpio veio à óbito acometido de um mal súbito. Aos 55 anos de idade, findava-se a vida e a trajetória do sobralense mais conhecido da literatura nacional, sem que este pudesse ser coroado um imortal para a Academia Brasileira de Letras.

Ainda assim, parte de sua trajetória, acompanhada pela imprensa, da qual Domingos Olímpio atuou em grande parte da sua vida adulta (para não dizer toda ela) chegaria satisfatoriamente até a atualidade, demonstrando assim a riqueza historiográfica de se utilizar da imprensa para a realização de pesquisas de cujo intelectual, promovendo, assim, o reencontro com a trajetória de personagens ímpares, sendo um deles Domingos Olímpio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais e revistas

Amazônia (PA)

Folha do Norte (PA)

A Constituição: Órgão do Partido Conservador (PA)

A Reação (PA)

A República (PA)

Correio da Manhã (RJ)

Diário do Grão-Pará (PA)

Diário do Maranhão (MA)

Diário de Notícias (PA)

Folha do Norte (PA)

Gazeta de Notícias (RJ)

Jornal do Comércio (RJ)

O Liberal do Pará (PA)

O Malho (RJ)

O País (RJ)

O Pará (PA)

O Rio Nu (RJ)

Os Anais (RJ)

Revue Commerciale Financière Et Maritime: L'Etoile du Sud: jornal politique, commercial et financier (RJ)

Almanaques

Almanaque Brasileiro Garnier (1911)

OBRAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

ALENCAR, Maria Emília da Silva. **"À sombra das palavras": A Oligarquia Acciolina e a Imprensa (1896-1912)**, 2008. 242 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará.

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**. Lisboa: Editora Presença, 1960.

BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920). **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 20, n. 2, 2012.

BARROS, José D.'Assunção. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Campinas: Editora Vozes, 2020.

BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Campinas: Editora Vozes, 2019.

BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. **Para uma sociologia dos intelectuais**. Dados, v. 53, n. 4, p. 889-919, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/dados/v53n4/a04v53n4.pdf>. Acesso em: 28 de março de 2021.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905.

_____. **O Brasil**. (Coletânea de trechos organizados por Carlos Maul). São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

_____. **O Brasil na história: deturpação das tradições: degradação política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

Capelato, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

CATANI, Afrânio Mendes et al. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Campinas: UNICAMP, 2001

_____. **Visões de liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das Revistas Ilustradas *Fon-Fon!* E *Careta* (1908-1921). 2008. 510 f. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos**: análise da Revista Kosmos 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: USP, 2009, p. 375.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A Imprensa em Pauta**: Entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFC (Universidade Federal do Ceará). Fortaleza, 2004.

FERRARI, Maristela. **Interações transfronteiriças na zona de Fronteira Brasil-Argentina**: o extremo oeste de Santa Catarina e Paraná e a Província de Misiones (século XX e XIX). Tese de doutorado de Pós-Graduação em Geografia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 2011.

GIRAO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Ceará: UFC, 1984.

GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim**. 1. Ed. Recife: Massangana – MEC, 2010.

GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim (1868 – 1932) e O Brasil na História**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Manoel Bomfim, “pensador da História” na Primeira República. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Humanitas, Publicações, vol. 23, n.º 45, 2003.

GUIMARAES, Valéria (Org). **Transferências culturais**: o exemplo da imprensa da França no Brasil. São Paulo: Edusp, 2012.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Herman. **Domingos Olímpio**: romance. Rio de Janeiro: Agir, 1961.

LIRA, João Mendes (Padre). **A vida e a obra de Domingos Olympio**. Sobral. 1977.

LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. **A revista do Brasil**: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

MACENA, Fabiana Francisca. **Madames, mademoiselles, melindrosas**: "feminino" e modernidade na revista *Fon-Fon* (1907-1914). 2010. 128 f. Dissertação de Mestrado em História. Instituto de Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MACHADO, Ubiratan. **Machado de Assis**: roteiro da consagração. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

MALATIAN, Teresa Maria. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade**. São Paulo: Edusc, 2001.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, 2008.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense** – edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.

SOUZA, Eusébio de. A imprensa do Ceará em seus primeiros dias. In **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo XLVII, ano XLVII. Fortaleza: Meton Gadelha & Cia, 1933.

OLIVEIRA, Cláudia de, VELLOSSO, Monica Pimenta, LINS, Vera. **O moderno em revistas**: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, José Leite de. **Domingos Olímpio**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção (de 1870 a 1920). Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A dança das cadeiras: literatura e política na academia brasileira de letras (1896-1913)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SANTOS, Edilberto Florência dos. **Entre melodramas, e comédias: vida teatral, sociabilidade e costumes em Sobral-CE (1867-1927)**, 2018. 277 f. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil**. Companhia das Letras, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SEMERARO, Cláudia Marino. **História da tipografia no Brasil**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1979.

SILVA, Vinicius Carlos da. Manoel Bomfim, racismo e intelectualidade no Brasil do final do século XIX e início do XX. **Revista Convergência Crítica**, n. 8, 2015.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SÜSSEKIND, Flora & VENTURA, Roberto. **História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 1984

TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly (1914)**. Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

TONON, Marina Rodrigues. **Reinventando o Brasil: Manoel Bomfim e a crítica à historiografia brasileira**. 2014. 169f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2014.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História & modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica 2010.

_____. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Petrópolis: KBR, 2015.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultura e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ZANON, Maria Cecília. *Fon-Fon!:* Um registro da vida mundana do Rio de Janeiro na belle époque. **Patrimônio e Memória**. UNESP-FCLAs-CEDAP, v.1, n.2. 2005.

ANEXOS

Autores mais frequentes em <i>Os Anais</i>	Número de artigos
Domingos Olímpio	207
José Getúlio	69
Eunápio Deiró	56
Toneleiro	37
Nunes Vidal	27
Dionísio Cerqueira	26
Silvio Romero	21
Evaristo de Moraes	19
Tenente Max	17
Coelho Neto	14
Rocha Pombo	15
Fialho D'Almeida	13
Oliveira Martins	13
Araripe Júnior	12
Padre Antônio Vieira	11
Leopoldo Brígido	11
Pedro Inocêncio	10

Fonte: autoria própria

Anexo I – Tabela com os autores mais frequentes em *Os Anais*. (Não estão inclusos aqui os autores presentes nas capas e contracapas).

Temas mais abordados (em ordem alfabética)	Número de artigos
Assuntos Militares	99
Cartas	8
Crítica Literária	62
Direito	15
Matemática	17
Notícias	256
Poemas	334
Política	110
Religião	8
Romance	100
Teatro	24
Tecnologia	98
Xadrez	101

Fonte: autoria própria

Anexo II – Tabela de temas de *Os Anais*. (Não estão inclusos aqui os temas das capas e contracapas).

ANNO I Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1904. Num. 1

ASSIGNATURAS	ESCRITORIO
ANNO 20\$000	RUA DO QUEILÃO, 115 (Sob.)
SEMENTRE 12\$000	OFFICINAS
	RUA DE S. JOSE, 25

OS ANNAES

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO DIRECTOR — DOMINGOS OLIMPIO GERAL — BELLARMINO CARNEIRO

OS ANNAES

Annaes das sciencias, das letras, das artes e das industrias, esta revista se destina a occupar um posto vago, na imprensa do Rio de Janeiro, posto de sacrificio abandonado por trabalhadores de superior engenho, cujo vestigio brilhante testemunha ainda sinceros sacrificios mal apreciados.

E' possivel que, neste periodo de animadora actividade intellectual, consigamos restaurar a tradiçao interrompida por desalentos lamentaveis, e, todavia, gloriosa, como precioso subsidio ao desenvolvimento desta terra.

Os Annaes serão um registro da nossa vida mental, uma resenha, cuidadosamente feita, das idéas, dos factos, dos phenomenos sociais, estudados pelo aspecto mais pratico e intuitivo, e de tudo aquillo que possa servir de documentação, ou interessar ao nosso progresso.

Para realisar o plano de um semanario acessivel a todos os paladares, publicaremos, com rigorosa selecção, artigos de critica, romances, versos, chronicas commerciaes e um noticiario dos factos mais importantes do país e do estrangeiro, enfeixando, para a leitura do domingo, um punhado de informações, muito uteis aquelles que não podem andar em dia com os jornaes.

Ao alcance de todas as intelligencias e de todas as bolsas, *Os Annaes* encetam a sua obra, esperando que o acolhimento do publico os alente e lhes dê meios de se realisarem as suas idéas, com efficacia.

O successo, que é a mais eloquente justificação dos actos humanos, dirá si fomos bem inspirados, nesta empreza: confirmará as nossas esperanças ou, sendo negativo, inflingirá mais uma decepção aos nossos sinceros esforços.

Nada ha que dizer contra a nossa collaboraçao. Ella será constituída da melhor gente intellectual, quer do Brazil, quer de Portugal. Do *pois das vivas*, esperamos os trabalhos, d'entre outros, de Fialho d'Almeida, a originalidade mais rutilante, mais fulgurante das modernas letras portuguezas.

O nome tão glorioso do artista das *Perquinadas*, dos *Gatos*, do incomparavel creador da *Madona do Campo Santo*, bastaria como recommendação do carinho, do interesse com que havemos de tratar *Os Annaes*. Não somos menos felizes com o contingente que nos promettem trazer os illustres escriptores Virgilio Varzea, padre José Severiano de Rezende, Euclides da Cunha, Joaquim Vianna, Ferreira Vianna Filho, Guimaraens Passos, Emilio de Menezes, Ataripe Junior, Sylvio Romero, Viziato Correia, o contador magnifico dos nossos serbices, os professores drs. Ed. Chapot Prévost, Fernandes Figueira, Figueiredo Rodrigues, Otto de Alencar, major Felinto Alcino e os caricaturistas Chrispim do Amaral, Calisto e Raul.

As nossas acquisições não ficarão ahí. Attendendo ás necessidades que o tempo nos apontar, nós não pouparemos esforços em beneficio do publico. Tambem *Os Annaes* abrem as suas columnas á intellectualidade dos Estados, onde não faltam escriptores e artistas, ignorados uns, esquecidos outros, á mingua de meios de publicação.

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

O facto de maior destaque, nos trabalhos do Congresso, é, sem contestação, o resuado e fulgurante debate provocado pela vaccinação obrigatoria contra a varíola.

Não ha discrepancia no humanitario intuito de proporcionar á população da capital da Republica, meios de defeza contra as epidemias que, em exacerbações intermitentes, lhe extor-

quem lugubre tributo de vidas. A di, vergencia surge da escolha dos meios dos processos que, segundo uns, deverão contornar, com religioso respeito, a área das liberdades individuais, e segundo outros, não se emborçarem em escrupulos sentimentaes, e contra, francamente, pelas fendas, que a salvação publica, como suprema lei, tem o direito de abrir nos redutos das garantias constitucionaes.

E tem gyrado em torno desses themas, transcendentos e respeitaveis pela velhice, a eloquencia dos mais estimados oradores da Camara, obrigada á maçada de ouvillos, de interromper a deliciosa apathia, onde se tem afofado, como num tratado de arca guberna.

Parece que o projecto não merecia tamanha opposição. Será, quando muito, o meio extremo de emprehender a prophylaxia efficaz, uma vez que o povo, pouco preoccupado com a defeza de sua saúde, não procura, espontaneamente, immunisar-se contra o flagello, de raizes fundas e pertinaes nos antros da cidade.

O povo será sempre, como se tem dito á saciedade, a eterna criança; não tem noção perfeita do que lhe convem, do que o prejudica; não percebe os perigos, nem sabe os meios de os evitar; é indispensavel que alguém cuide delle; necessita de uma governante, que será sempre o governo, cujos beneficios e maldades aceita e sofre com igual indifferença e resignação.

Mas, a defeza dos consagrados direitos individuais, inscriptos na bandeira de todas as opposições, escorrega, facilmente, para o escabroso terreno da politica, como aconteceu nesse caso da vaccinação obrigatoria, que seria innocente, se o não exacerbasse o intollerante espirito de seita, immaculado, desde o nascedouro, no organismo da Republica.

A' parte esse lamentavel desvio a, discussão teve intenso brilho, e apaixonou os contendores, mas não convenceu a Camara, que applaude com entusiasmo os discursos contundentes de Barbosa Lima, a palavra ornamental de Belisario de Souza, os assaltos violentos de Brício Filho, assim como o vibrante *sermão* de Erico Coelho: mas vota contra.

Além desses projectos, estão na forja umas tantas reformas, denunciando

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 1, 8 de outubro de 1904.

Anexo III – Reprodução da edição digital do número de abertura de *Os Anais* – *Semanário de literatura, arte, ciência e indústria* do dia 8 de outubro de 1904. Nela, pode-se perceber disposição dos artigos no periódico, formato que se manteve o mesmo durante toda a sua circulação.

OS ANNAES

Typographia d'Os Annaes

Dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se da impressão

—(DE)—

Trabalhos para o commercio,
Bancos, Companhias,
Thezes, Prospectos e toda
especie
de propaganda.

25, RUA DE S. JOSÉ, 25

RIO DE JANEIRO

"Companhia Mercurio"
PREMIOS AOS AGENTES

Esta Companhia, apreciando devidamente o concurso que os Srs. agentes lhe tem prestado, resolveu este anno, a exemplo da distribuição feita em 1903, conferir pela epoca do Natal premios no valor de 2:000\$ aos agentes que mais seguros lhe hajam angariado e que tenham sido aceitos, sendo:

1 premio de.....	500\$000
2 ditos de.....	200\$000
5 ditos de.....	100\$000
12 ditos de.....	50\$000

Consideramos para esse caso excluidos os empregados e agentes subsidiados pela companhia.

PREMIOS DO 7º ANNO

Seguro gratuito

Igualmente tendo em conta a forma lisonjeira por que o favor publico nos tem acolhido e continúa a manifestar-nos a sua sympathia, resolvemos crear para todos os riscos terrestres, a contar do 1º do corrente mez, esta forma de seguros que todas as companhias adoptam com successo na Europa e Norte do Brazil, a qual consiste em premiar o segurador, cujo seguro haja permanecido sem interrupção nesta companhia durante 6 annos, com o 7º anno gratuito, com as mesmas garantias dos annos anteriores.

A DIRECTORIA

Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1905

CAMISARIA ESPECIAL

53, Rua do Ouvidor, 53

SEVERINO, TAVARES & COMP.

Grande redução nos preços marcados, de 10, 15 e 20 %
Liquidação do actual stock, para reconstrução do predio.

Tem, pois, o publico, até fim de junho, tempo para fazer excellentes sortimentos de roupas brancas, por preços excessivamente reduzidos, sobretudo quanto a collarinhos ingleses, de puro linho — dúzia: 12\$000.

53, RUA DO OUVIDOR, 53**ELIXIR DE MASTRUÇO**

APPROVADO E LICENCIADO PELA DIRECTORIA DE SAUDE PUBLICA

J. SILVA E J. VAZ

O mais poderoso medicamento recentemente descoberto, empregado nas molestias dos orgaos respiratorios, não tendo falhado nas Tosses rebeldes, nas Bronchites chronicas, na Coqueluche, na Asthma, nas Hemoptyses, e na fraqueza Pulmonar.

OS TUBERCULOSOS têm encontrado neste novo medicamento o lenitivo por excellencia, cessando a febre, restabelecendo as forcas, augmentando o appetite e até engordando. Na sua confeção não entram narcoticos, como sejam codeina, morphina e outros, por isso pode ser usado sem o menor receio; o seu paladar é agradabilissimo e facilmente tolerado pelos estomagos mais debilitados.

À VENDA

Em todas as Pharmacias e Drogarias
DEPOSITO GERAL:

42, RUA DO HOSPICIO, 42
RIO DE JANEIRO

CASA DE CAMBIO

Compra, venda e troca de ouro, prata e papel
moeda de todos os paizes

PASSAGENS PARA A EUROPA
E RIO DA PRATA

Encarrega-se de obter saques, ás melhores taxas, sobre todas as cidades de Portugal, Hespanha, Italia, Turquia, etc. etc.

ESTAMPILHAS DE TODOS OS VALORES
VARIADISSIMO
Sortimento de Cartões Postaes

J. A. de Almeida Gonzaga

28, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 28
RIO DE JANEIRO

XAROPE DO BOSQUE

CURA:

Asthma, Coqueluche, Bronchite, Hemoptyses, Debilidade, Influenza, Tosses, Tisica em começo, e todas as molestias da via respiratoria.

DROGARIA MALLET**2, RUA DA QUITANDA, 2**

ESQUINA DA RUA DE S. JOSÉ

RIO DE JANEIRO

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Os Anais: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 1, 8 de outubro de 1904.

Anexo V – Reprodução da capa (verso) da edição física do número de abertura de Os Anais – Semanário de literatura, arte, ciência e indústria do dia 8 de outubro de 1904.

OS ANNAES

ESPECIFICO AUREO

— DE —

HARVEY

GRANDE REMEDIO INGLEZ

*Debilitadenerrosa, impotencia, spermatorrhéa, perdas
seminaes nocturnas ou diurnas, inchação dos testículos.
Prostração nervosa, molestia dos rins e da bexiga, se-
miões involuntarias e fraqueza dos órgãos genitales.*

CURA INFALLIVEL

Este especifico faz cura positiva em todos os casos, quer
de moços quer de velhos, dá força e vitalidade aos órgãos ge-
nitales, revigora todo o systema nervoso, chama a circulação do
sangue para as partes genitales.

E' o unico remedio que restabelece a saúde e dá forças ás
pessoas NERVOSAS, DEBILITADAS e impotentes.

O desespero, o receio, a grande excitação, a insomnia e o
grande desanimo geral desaparecem gradualmente depois do uso
deste especifico, resultando o socego, a esperança e a força.

Este inestimavel especifico tem sido uzado com grande
exito por milhares de pessoas e acha-se á venda nas melhores
pharmacias e drogarias do mundo.

Direcção: — Harvey & Comp.

247 EST 32^D Street

NOVA-YORK — E. U. A.

BANCO UNIÃO DO COMMERCIO

RUA 1^ª DE MARÇO

ESQUINA DA RUA DA ALFANDEGA N. 1

SAQUES e cartas de ordens e credito
de qualquer quantia

Sobre PORTUGAL, ILHAS
E POSSESSÕES

Banqueiros: Banco Commercial de Lisboa
Casa Bancaria de J. M. Fernandes Guilma-
rães & C., do Porto Garcia Calamar & C.,
Hespanha; Credit Lyonnais-Paris e Banca
Commercial Italiana-Italia.

Esta secção está aberta das 8 ás 4 1/2da
nos dias santos e feriados, até 1 hora e,
tarde.

Fundição de Tipos

Henrique Rosa

RUA DA ALFANDEGA, 171

RIO DE JANEIRO

LOTERIAS DA CANDELARIA

Em Benefício do Recolhimento de N. S. da Piedade

Sob a immediata responsabilidade da mesma Irmandade, decretos municipaes ns. 543, de 7 de maio de 1898, e 952,
de 19 de novembro de 1902

EXTRACÇÃO QUINTA-FEIRA, 8 DO CORRENTE

Às 2 1/2 horas da tarde á **RUA DOS OURIVES N. 88**

PREMIO MAIOR

10:000\$000

159^ª Loteria — 9^º do plano n. 17

Só jégam 6000 bilhetes a 5\$000 divididos em quintos de 1\$000

De accordo com a lei do orçamento, serão deduzidos 5 7/8 sobre os premios maiores de 200\$000.

J. ROSARIO

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Os Anais: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 1, 8 de outubro de 1904.

Anexo VI – Reprodução da contracapa (frente) edição física do número de abertura de Os Anais – Semanário de literatura, arte, ciência e indústria do dia 8 de outubro de 1904.

OS ANNAES

GRANDE LOTERIA ESPERANÇA

Lei 325, de 14 de Dezembro de 1898, do ESTADO DE SERGIPE

Premios pagos em 4 annos: 50 ML. CONTOS DE RÉIS, nada devendo a pessoa alguma

* * GRANDE LOTERIA * *

200.000 Francos (Ouro)

SERÁ EXTRAHIDA EM 7 DE JUNHO DE 1905

PREÇO DO BILHETE, INCLUSIVE O SELLO DE CONSUMO

Bilhete inteiro a 6 frs. (48500), meios a 3 frs. (28250), sextos a 1 fr. \$750

XPLANON

	200.000	
1 premio de.....	12.000	
1 premio de.....	6.000	
2 premios de 3.000 francos.....	6.000	
5 premios de 1.200 francos.....	6.000	
13 premios de 600 francos.....	7.800	
26 premios de 300 francos.....	7.800	
2 premios de 1.200 francos app. do 1º.....	2.400	
2 premios de 600 francos app. do 2º.....	1.200	
2 premios de 425 francos app. do 3º.....	850	
10 premios de 150 francos dez. do 1º.....	1.500	
10 premios de 120 francos dez. do 2º.....	1.200	
10 premios de 90 francos dez. do 3º.....	900	
100 premios de 36 francos cent. do 1º.....	3.600	
100 premios de 24 francos cent. do 2º.....	2.400	
100 premios de 18 francos cent. do 3º.....	1.800	
9 premios de 150 francos para os 4 algarismos finais do 1º premio excepto este.....	1.350	
90 premios de 60 francos para os 3 algarismos finais do 1º premio excepto este e os já premiados com os 4 algarismos.....	5.400	
900 premios de 12 francos para os 2 algarismos finais do 1º premio excepto este e os já premiados com os 4 e 3 algarismos.....	10.800	
9.000 premios de 9 francos para a terminação do 1º premio excepto este e os já premiados com os 4, 3 e 2 algarismos.....	81.000	

Os pedidos devem ser acompanhados da respectiva importância, com as direcções bem claras, afim de evitar extravios e devem ser dirigidos á

Companhia Nacional Loterias dos Estados

CAIXA POSTAL N. 1052 RUA DO CARMO N. 32
RIO DE JANEIRO

CS Digitalizado com CamScanner

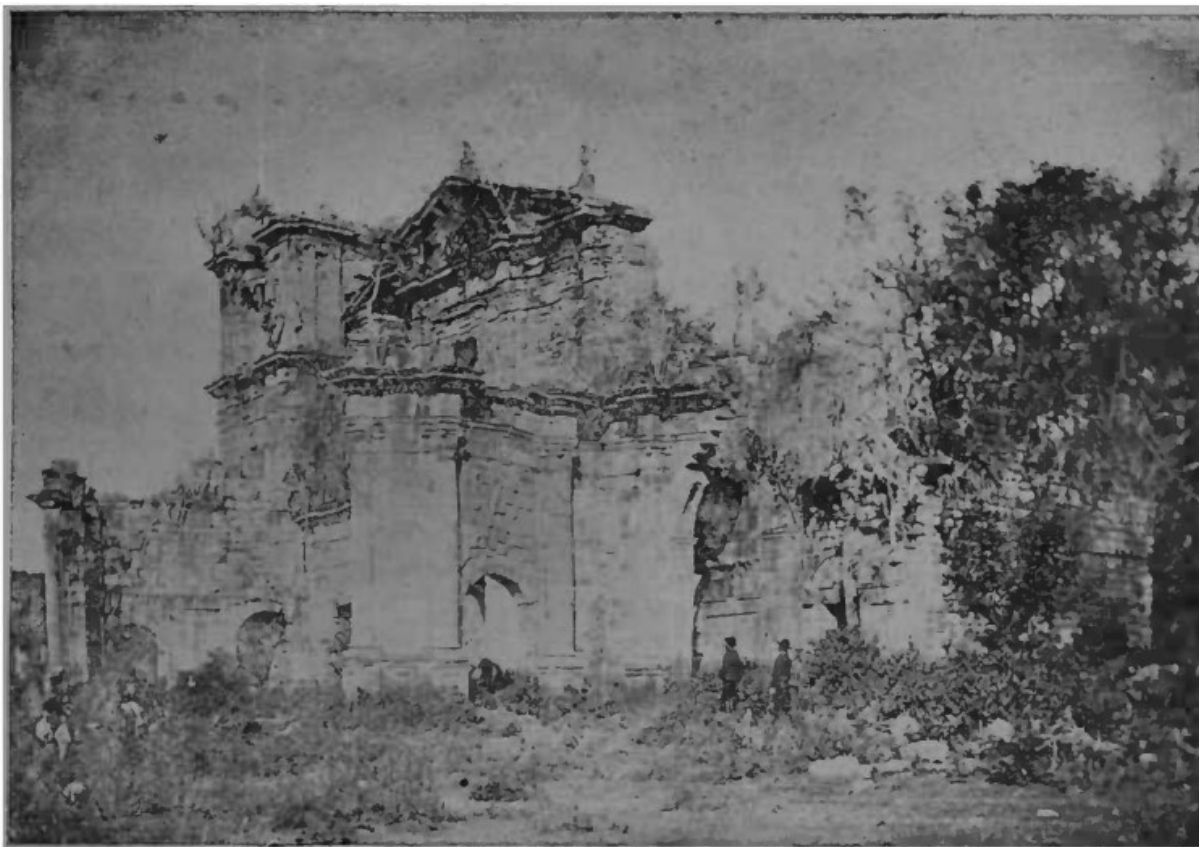
Fonte: Os Anais: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 1, 8 de outubro de 1904.

Anexo VII – Reprodução da contracapa (verso) da edição digital do número de abertura de Os Anais – Semanário de literatura, arte, ciência e indústria do dia 8 de outubro de 1904.



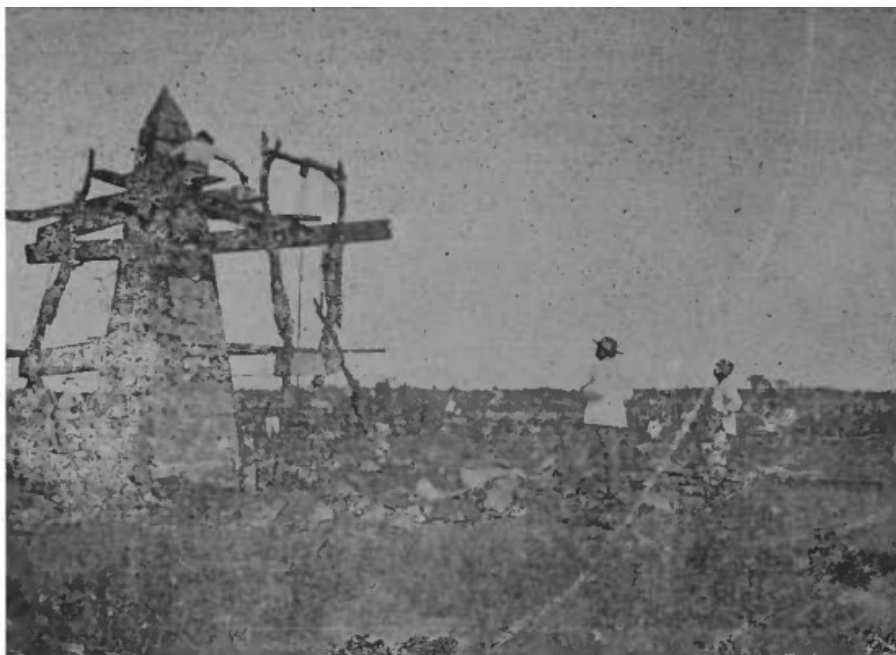
Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 6, 12 de novembro de 1904, p. 96.

Anexo VIII – Imagem de Dionísio Cerqueira em acampamento na Foz do Quarahim durante à exploração da região para demarcação de terras. Cerqueira atuou como Ministro Plenipotenciário, comandado por Rio Branco.



Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 07, 24 de novembro de 1904, p. 109.

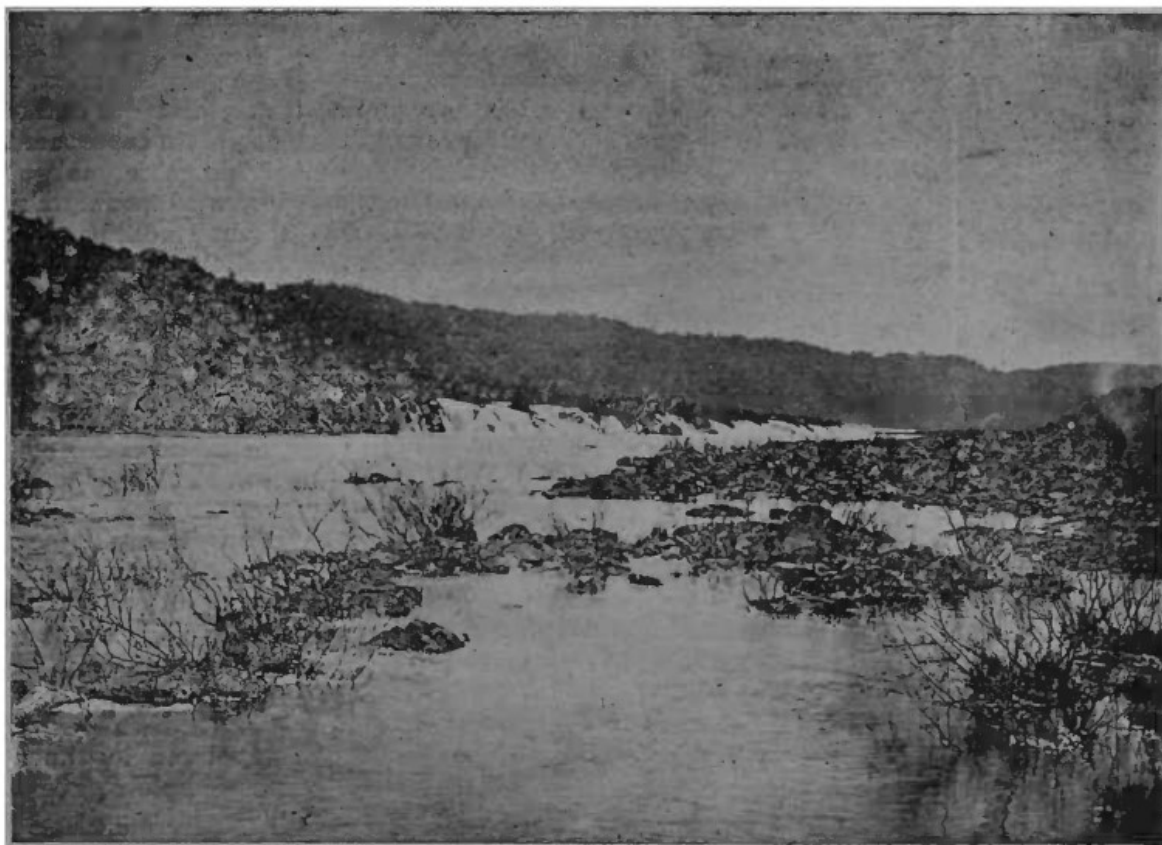
Anexo IX – Representação das Ruínas da Igreja de São Miguel.



CONSTRUÇÃO DO MARCO DA FÓZ DO QUARAHYM

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 8, 1 de dezembro de 1904, p. 126.

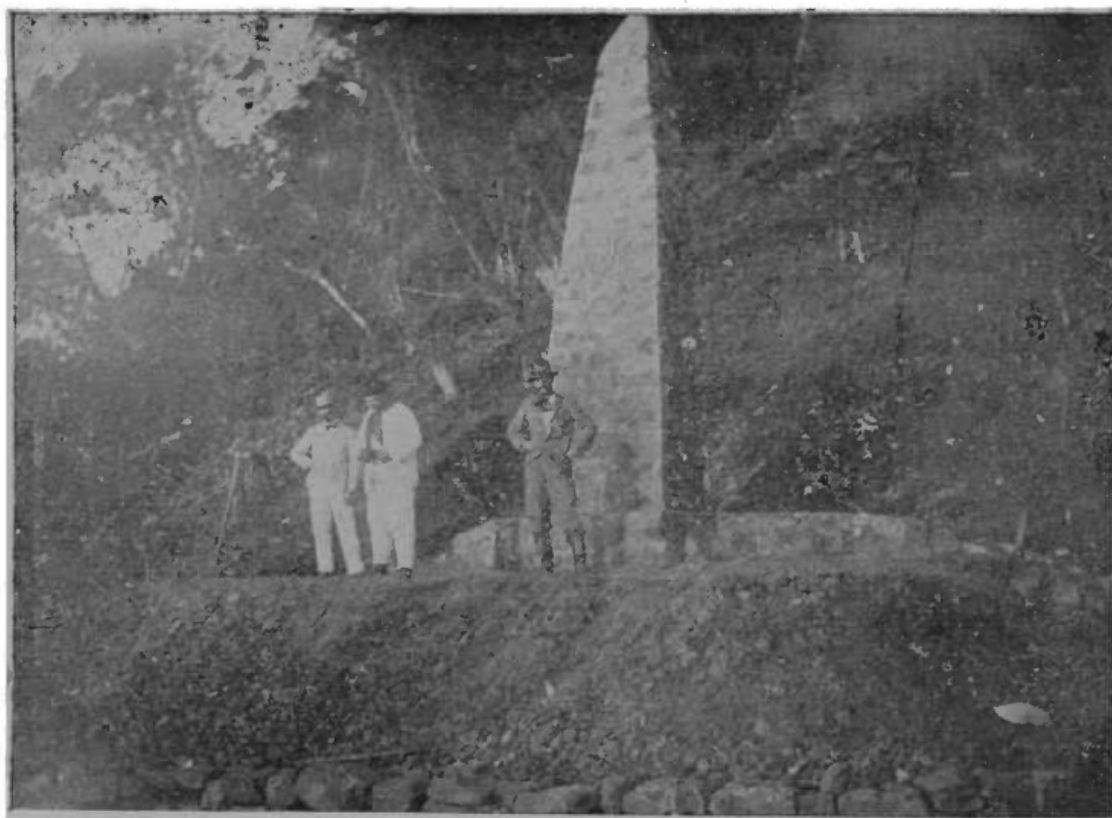
Anexo X – Fotos da construção do marco da Foz do Quaraim.



SALTO DO MOCONAN, NO RIO URUGUAY

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 9, 8 de dezembro de 1904, p. 141.

Anexo XI – Salto do Moconan, Rio Uruguai.



MARCO PRINCIPAL DA FÓZ DO PEPIRY-GUASSÚ

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 10, 15 de dezembro de 1904, p. 160.

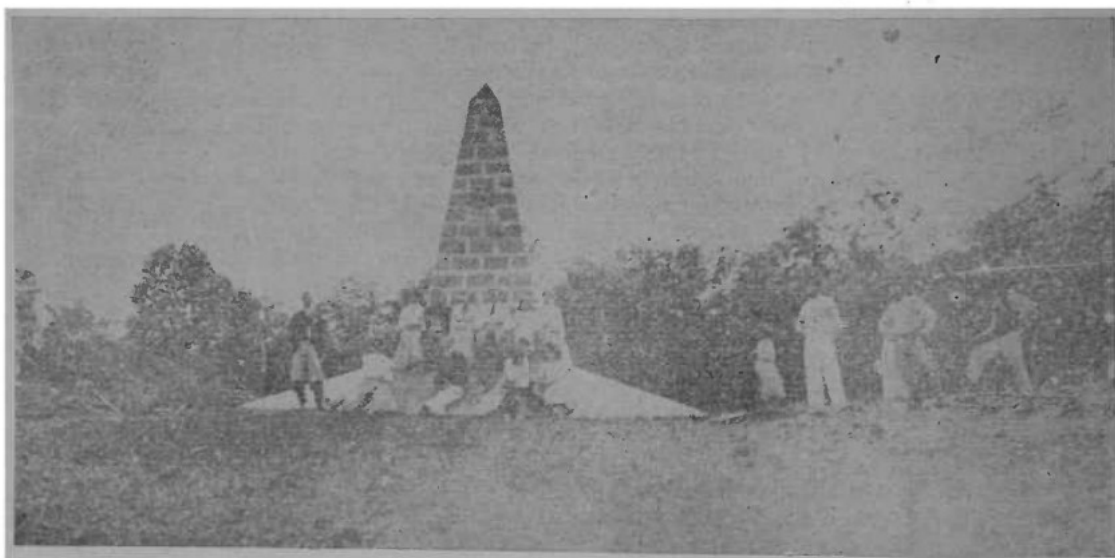
Anexo XII – Finalização do marco principal que delimitava a região da Foz do Peperi-Guaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.



INAUGURAÇÃO SOLEMNE DO MARCO DA CABECEIRA DO PEPERY-GUASSÚ

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano I, n. 11, 22 de dezembro de 1904, p. 174.

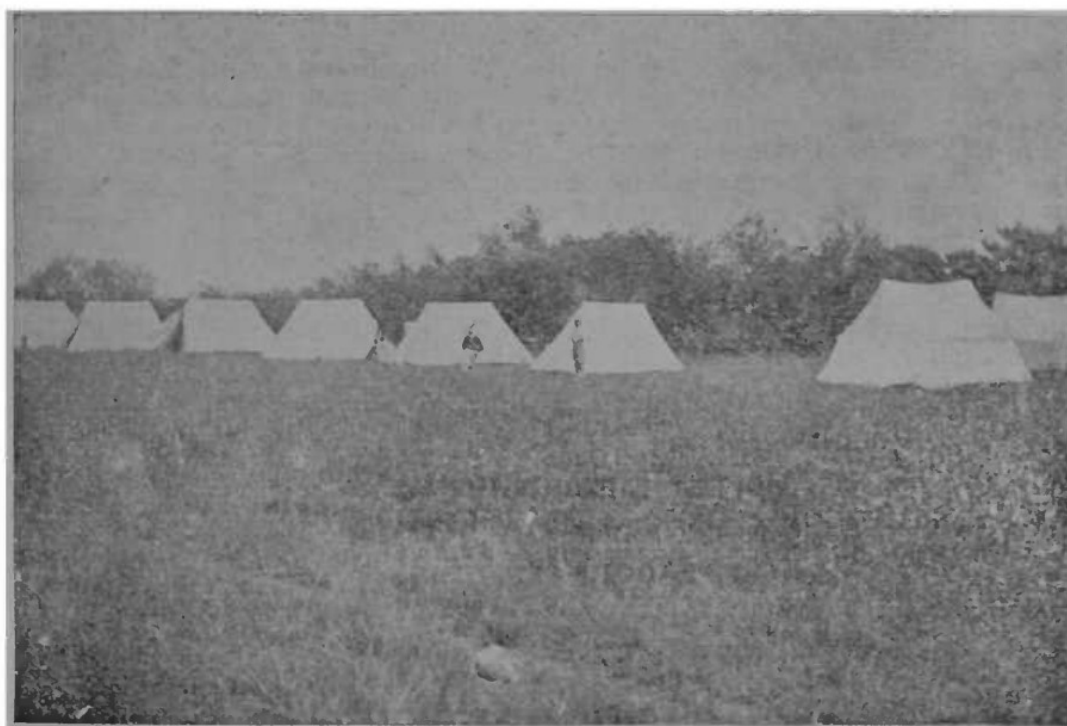
Anexo XIII – Inauguração do marco principal que delimitava a região da Foz do Peperi-Guaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.



MARCO BRAZILEIRO DA FÓZ DO RIO IGUASSÚ

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano II, n. 13, 5 de janeiro de 1905, p. 8.

Anexo XIV – Foto do marco brasileiro na Foz do Rio Iguaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.



ACAMPAMENTO DA COMISSÃO BRASILEIRA EM S. MARCOS

Fonte: *Os Anais*: Semanário de literatura, arte, ciência e indústria, ano II, n. 13, 5 de janeiro de 1905, p. 9.

Anexo XV – Foto do acampamento da Comissão Brasileira em São Marcos.

ACADEMIA DO A B C



Mário de Alencar: — Ora até que afinal vou poder aprender o meu A B C em discurso.

Papai Rio Branco arranhou-me a mammadeira de graça.

Também quem é que mandou o Domingos Olympio errar tão crassamente, escrevendo Luzia-Homem?

Luzia sempre foi mulher...

Fonte: *O Malho*, ano IV, nº 165, domingo, 11 de novembro, p. 02; 1905.

Anexo XVI — Charge satírica retratando a vitória de Mário de Alencar sobre Domingos Olímpio na disputa pela vaga na Academia Brasileira de Letras em virtude do falecimento de José do Patrocínio. Publicada em *O Malho* no dia 11 de novembro de 1905.

Autobiografia

Eu me formei, como se formam as rochas, por um processo de aglomeração lenta, imperceptível, sem plano, sem coordenação sistemática, cujas cristalizações vão assumindo formas monstruosas ou pitorescas, sob a ação das intempéries, as erosões do ambiente.

Estudei as primeiras letras pelo método de Castilho; aprendi cantando umas toadas melancólicas ensinadas pelo professor Joaquim Frederico Niaque da Costa Rubim, português de origem, morto como um bravo, no Paraguai, em defesa da Pátria adotiva. Dessa escola, eu e o Domingos Jaguaribe, saímos laureados com a medalha de ouro para o curso de Latim, do Padre Antônio da Silva Fialho.

Tudo isso, no alvorecer da existência, porque eu tinha quatro anos e meio quando comecei a ler, e aos dez anos já traduzia corretamente a clássica Seleta, cujo primeiro capítulo começava: *Mundus a Domino constitus est*. Eram colegas meus o primaz da Baía Jerônimo Tomé da Silva, o Padre João Scaligarro, jornalista, e o Padre João Augusto da Frota, cientista de subido valor, vivendo no Ceará, na penumbra de um doce nepotismo.

No intervalo das aulas de latim, ensinava-me o francês José Júlio de Albuquerque Barros, depois barão de Sobral. Ensinava-me nas férias do seu curso jurídico e, quando fui nomeado promotor público de Sobral, encarregou-se, com um zelo cheio de carinho, de imprimir no meu espírito certa vocação literária. Assim, ao passo que eu traduzia a “Eneida”, as “Aventuras de Telêmaco”, ia lendo o “Teatro” de Victor Hugo.

Lembro-me bem que estava eu agarrado ao “Le Roi S’amuse”, quando toda a cidade de Sobral foi sacudida pela explosão de dois barris de pólvora da fábrica de foguetes do Galdino Gondim, muito atarefado em preparar fogos de artifícios para a festa de N. Senhora da Conceição.

O espetáculo do incêndio, meu pai, que era delegado de polícia, arrojando-se corajosamente às chamas, no meio da fuzilaria dos foguetes a explodirem aos milhares; o estrondo das bombas reais dos busca-pés que rabeavam numa doidice ígnea, abrindo brechas na multidão de espectadores, arrebatados de pânico; os painéis artísticos com a imagem da Virgem Sorridente, pintados pelo João Braga, no meio de uma apoteose de fogos de bengala e repuchos de faíscas deslumbrantes; os feridos tirados dos escombros, deixando nas mãos dos bravos condutores a pele torrada, os seus gemidos lancinantes, a dolorosa expressão dos olhos sem sobrancelhas, sem pestanas – esse espetáculo me gravou no coração o sentimento trágico que foi, depois, a nota dominante em todos os meus primeiros ensaios de escritor.

Aluno do “Ateneu Cearense”, onde encontrei Ananias Coreia do Amaral, hoje vigário de Santa Rita, celebração de primeiro valor; João Lopes, Thomaz Pompeu Filho e Capistrano de Abreu, que devorava a “Ilíada”, numa tradução fornecida pelo talentoso professor José de Bacellar.

Aí passei dois anos consagrados ao estudo de preparatórios. A minha diversão literária foi a leitura de “Os Lusíadas”, que era o nosso livro de aula de português, do professor Bezerra, os versos de Gonçalves Dias e de outros poetas em voga. No último ano, porém, fui chamado à redação do jornal manuscrito do colégio. Recordo-me que, ao ouvir a leitura pública num domingo, João Brígido perguntou quem escrevera certo artigo, e concluiu com este conceito: “se não bromar, há de ser um jornalista”.

Isto assanhou a minha vaidade de rapaz de quinze anos e espezitou o meu gosto por esse gênero de arte. Até então, não se manifestara a minha vocação profissional: eu era simplesmente um bom estudante e, para manter na estima dos professores e na consideração dos colegas essa reputação, convergiam todos os meus esforços, observando todo o meu tempo, porque na hora de recreio, eu estudava música com o professor Herculano, e desenho com o mestre...

No ano seguinte, 1886, mandaram-me para Recife, fazer exame de preparatório: não se inventara ainda, naquele tempo, o comércio de exames nos liceus da província ou nos colégios equiparados da República.

Nesse ano, conheci pessoalmente o poeta Castro Alves, hospedado no Convento São Francisco pelo notável orador sagrado Frei Espírito Santo.

Ele aparecia de calças de enfiar e camisola preta, pois lhe morrera, havia pouco, pessoa de sua família. Trazia a pena atrás da orelha e, na mão uma folha de papel; filava um cigarro, e recitava com a voz, que era um veludo sonoro, uma estrofe lapidar, acabada de construir; assim tivemos as primazias da “Visão dos Mártires”, recitada dias depois numa tempestuosa sessão solene do “Grêmio Jurídico”. Pouco preocupado com os meus estudos, porque eu apenas necessitava de uma pouca de retórica, tinturas de Álgebra e noções preliminares de Geometria, atirei-me à leitura de romances: devorava todos os que passavam ao meu alcance; romances estrangeiros; li-os de um fôlego, noite e dia, desde os grandes, os enormes romances intermináveis de Alexandre Dumas pai, e de Eugène Sue. O infinito Rocambole de Ponson du Terrail, as sinistras histórias de Paul Feval, as páginas de bronze de Vitor Hugo, os belos livros de G.Dias, e de Paulo de Kork, grande crime-literário numa quadra de exacerbados melindres religiosos e escrúpulo de moral, na qual se liam esses livros canalhas às escondidas.

Curti aflições, lendo as aventuras de “Cavalheiro de Faublas”, edição proibida, que encontrei no fundo da gaveta de um colega, devorada a furto, nas horas em que ele estava na academia.

Essa leitura me matava a insaciável fome do extraordinário, do fantástico, do comovente: eu chegava a sonhar com as personagens, e passei torturantes noites de medo, depois de tragar, de um golpe, o “Castelo de Crasville”, de A. Radcliffe.

As minhas faculdades se iam desenvolvendo desordenadamente, adubadas por essa leitura, que me comovia, mas não me inoculava incentivo para produzir, para acentuar as muitas tendências literárias.

Durante umas férias de 1868, única que disso resultou, foi cair-me nas mãos a História Universal, de César Cantu, e a introdução do romance “A Gaivota” de Gonçalez; e, na falta de livros novos, li de uma assentada, os dezenove volumes dessa obra monumental; produziu em mim uma impressão muito funda. A ela devo os alicerces do meu critério. No início do meu curso acadêmico influía sobre a mocidade a obra de Alvarez de Azevedo: todos escreviam versos baironianos, contos nos moldes de “Noite nas Tavernas”.

Nas tentativas que então aventurei predominava o sentimento trágico, episódios fantásticos, porque ninguém suportaria trabalho literário que cheirasse inverossímil: o centro dos poetas e dos prosadores se aquilatava pelas hipérboles, pelo irreal. A arte se librava em regiões nebulosas; seria prostituí-la macular-lhe as águas brancas no pueril dos fatos, nos singelos modelos da vida e da natureza. Nada valia um artista que não fosse ao tom de Castro Alves, de Alvarez de Azevedo.

Naquela época em que Camilo Castelo Branco era considerado um escritor, eu não ousei publicar as minhas produções. Mais tarde procurando acolhida nos jornais de Belém e do Rio, iniciei os artigos políticos, os folhetins, os contos e a crônica.

E então surgiu a composição de “Luzia- Homem”, espelhando o resultado das observações que se operavam insensivelmente no meu espírito, com os erros, os desvios e os grandes defeitos das criações de impulso irrepreensível, por ventura melhor explorado em mãos mais hábeis. Através das suas páginas traduzi o drama num realismo que se ressentia dos impulsos do meu temperamento, a paisagem que foi teatro da minha saudosa mocidade, no meu grande amor pela natureza cearense. (11-2-1906).

Anexo XVII – Autobiografia de Domingos Olímpio, documento que faz parte do acervo particular do autor e foi publicada pelo padre João Mendes Lira na obra *A vida e a obra de Domingos Olympio*.

Carta de Domingos Olímpio a Álvaro Ottoni

Rio, 1º. de agosto de 1903. Aceite, meu caro Alvaro Ottoni, os agradecimentos sinceros pelo muito que tem feito em favor da MINHA LUZIA-HOMEM.

As palavras de animação carinhosa, os Thesoiros de amabilidade, despendidos, fartamente, no seu jornal – A Cidade –, em benefício do livro e do obscuro autor, me penhoraram por enorme e cativante débito de gratidão.

Escrevi o romance para Sobral, para solver com a terra do meu berço, como disse Walfrido Ribeiro, jovem e já ilustre escriptor sobralense, “essa doce dívida de carinho e de amor que eu compreendia e sentia com um fino e profundo enternecimento”, como aquele dever sagrado, que o *Decalodo synthetisou*, divinamente, nas palavras do preceito: Honraras teu pae e tua mãe.

Que alcancei o meu fito, que a obra da inteligência correspondeu ao voto do coração afetuoso dizem-no V. e todos os escritores, que proclamaram, sem discrepância o sucesso que o livro logrou neste meio de grave indiferença, onde não se propagou ainda o gosto pelos produtos do engenho indígena.

Sobral não necessitava no meu preito para afirmar a sua refulgente auréola de cidade intelectual, berço de brasileiros notáveis em todos os ramos da atividade humana-poetas como Bandeira de Mello e Frota Pessoa; jurisconsultos da ordem de São Thomé, Paula Pessoa e Luiz Miranda, maravilha do próprio esforço, frutos da florescência espontânea de um cérebro genial que eu conheci simples artista, entre as fagulhas da forja ofegante e as sonoridades da bigorna, no recinto esfumado de uma tenda de ferreiro, e interpretando sobre o cenário do Teatro Apollo, nas horas de lazer, grandes figuras dramáticas; romancistas do quilate de João Júlio, grande espírito ubíquo, aliado a um coração de ouro e consagrado pelo título chefe da hierarquia intelectual de sua terra; médicos da reputação de Vicente Saboya, Paula Rodrigues e Figueiredo Rodrigues, que brilham a par de astros da intensidade de Chapot Prévost, Moura Brasil e Samico; engenheiros como Viriato de Medeiros e o seu sucessor pelos laços de sangue e de ciência-Sergio Saboya; sacerdotes entre os quais avultam num nimbo de veneração-Salviano Brandão, João A. da Frota, José Lourenço, bispo do Amazonas de Jeronymo Thomé, o pontífice máximo da igreja brasileira; militares da tempera homérica de Tibúrcio, cuja figura enche de assombro as mais gloriosas páginas da história contemporânea; preceptores como Vicente de Arruda e Emiliano Pessoa, em cujas mãos virtuosas foram modeladas para a vida intelectual e cívica duas gerações de sobralenses.

Apenas menciono os que ocorrem mais conspícuos às saudosas recordações, enfraquecidas por uma ausência, que se conta por mais de um quarto de século.

Sobral não precisava do meu preito para argumentar o seu patrimônio intelectual: ele, entretanto, representa um esforço convicto e sincero e vale pela piedosa intenção que o inspirou.

Creia, meu caro amigo, no infinito reconhecimento do todo seu
Domingos Olímpio.

Anexo XVIII – Carta de Domingos Olímpio endereçada a Álvaro Ottoni, Diretor do Jornal sobralense “*A Cidade*” datada de 1º de agosto de 1903. Para o biógrafo do autor, Padre Lira, “Esta carta pode ser uma continuação de sua autobiografia, pois, ele manifesta muito de sua alma, do seu profundo amor à terra que lhe serviu de berço”. A carta, no entanto, foi escrita antes da autobiografia do autor, sendo, possivelmente um dos documentos encontrados no acervo pessoal de Domingos Olímpio também publicada pelo padre João Mendes Lira na obra *A vida e a obra de Domingos Olympio*.